

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

LETÍCIA SIABRA DA SILVA

**CIDADE E EXPERIÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO:
CULTURA, MEMÓRIAS E ESTRATÉGIAS DE LUTA
DE MORADORES POBRES NO ESPAÇO URBANO**

**UBERLÂNDIA
(1990-2012)**

**Uberlândia
2013**

LETÍCIA SIABRA DA SILVA

**CIDADE E EXPERIÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO:
CULTURA, MEMÓRIAS E ESTRATÉGIAS DE LUTA
DE MORADORES POBRES NO ESPAÇO URBANO**

**UBERLÂNDIA
(1990-2012)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História Social.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marta Emíssia Jacinto Barbosa.

Uberlândia

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S586c Silva, Letícia Siabra da, 1988-
2013 Cidade e experiências de comunicação : cultura, memórias e estratégias
de luta de moradores pobres no espaço urbano : Uberlândia (1990-2012) /
Letícia Siabra da Silva. -- 2013.
158 f. : il.

Orientadora: Marta Emisia Jacinto Barbosa.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em História.
Inclui bibliografia.

1. História - Teses. 2. História social - Teses. 3. Cidades e vilas -
Uberlândia (MG) - Teses. 4. Uberlândia (MG) - História - Teses. 5.
Uberlândia (MG) - Usos e costumes - Teses. 6. Pobres - Uberlândia (MG)
- História - Teses. I. Barbosa, Marta Emisia Jacinto. II. Universidade
Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em História. III.
Título.

CDU: 930

Letícia Siabra da Silva

CIDADE E EXPERIÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO: CULTURA, MEMÓRIAS E
ESTRATÉGIAS DE LUTA DE MORADORES POBRES NO ESPAÇO URBANO –
UBERLÂNDIA (1990-2012)

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia para obtenção do título de Mestre em História

Área de concentração: História Social

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Heloísa de Faria Cruz - PUC-SP

Prof.^a Dr.^a Regina Ilka Vieira Vasconcelos - UFU

Prof.^a Dr.^a Marta Emíssia Jacinto Barbosa (Orientadora) - UFU

Agradecimentos

Agradeço ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pela bolsa que propiciou a realização deste trabalho.

À Prof.^a Dr.^a Marta Emísia Jacinto Barbosa, que aceitou me orientar. Sempre com uma postura firme, comprometida, e muito responsável e dedicada no momento de compartilhar seu conhecimento histórico comigo. Agradeço pela sua paciência e amizade.

À Prof.^a Dr.^a Regina Ilka Vieira Vasconcelos, às discussões durante os cursos de graduação e mestrado. Agradeço por suas colocações na banca do exame de qualificação.

À Prof.^a Dr.^a Laura Antunes Maciel (UFF), pelos seus apontamentos durante a atividade Oficina de Pesquisa na disciplina Seminário de Pesquisa ministrada pela professora Marta Emísia, visto que foram de grande valia para visualizar as possibilidades da pesquisa.

Ao Prof. Dr. Gerson de Sousa pela contribuição no exame de qualificação.

À Prof.^a Dr.^a Heloísa de Faria Cruz (PUC-SP) por aceitar compor a Banca Examinadora de defesa deste trabalho.

Aos auxílios da Luciana, na secretaria do Instituto de História.

À Josiane, secretária da Coordenação do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, por sua prontidão e atenção diante das dificuldades encontradas envolvendo questões burocráticas durante a entrega de relatórios.

Aos professores do Instituto de História e Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia.

Às colegas de mestrado, Kerley Cristina, Ariane Bocamino e Karine Marins, pelas conversas e por compartilhar dos momentos acadêmicos comigo, obrigada.

À Máucia Reis pelas conversas nos momentos de maior tensão.

À prontidão das funcionárias do Arquivo Público de Uberlândia: Marlene e Jô.

Aos funcionários do CDHIS (Centro de Documentação e Pesquisa em História) pela cordialidade nos atendimentos.

À todos que fizeram parte desta pesquisa, ajudando com materiais, contatos, etc., em especial: Sara e Letícia que facilitaram o meu acesso ao Conselho de Entidades Comunitárias.

Ao Cleber Couto, pelo acesso aos diversos documentos de associações de moradores.

Às pessoas que me concederam entrevista para este trabalho e proporcionaram conversas enriquecedoras para a compreensão das complexidades da cidade: Sr. Juarez Alves, Pastor Cláudio, Sr.^a Alexssandra, Sr.^a Jenny, Sr.^a Floricena, D. Benedita e Sr. Abadio Duarte.

As conversas “informais” com diversos moradores, que somaram em demasia para que eu pudesse formular questões que levo para o resto de minha vida.

À todas as forças presentes comigo nesta caminhada que se torna mais difícil a cada dia.

Resumo

Este trabalho analisa experiências de moradores pobres em suas estratégias empreendidas no campo da comunicação na cidade de Uberlândia-MG. A análise do material produzido pela Rede Vitoriosa de Televisão, a partir do Programa Linha Dura e também seus desdobramentos pelos bairros da cidade com o evento Linha Dura no Seu Bairro, propiciou uma investigação que articula a relação entre as vivências dos moradores pobres na cidade, integrando e constituindo formas de se comunicar. Abrange o período entre as décadas de 1990 e 2010, acompanhando sintomáticas mudanças na configuração dos meios de comunicação, quando se percebe uma atenção voltada para o público telespectador em suas relações com as questões que envolvem o cotidiano dos moradores nas periferias. A pesquisa com materiais escritos, visuais e a produção de entrevistas permitiu construir uma estratégia para compreensão da cidade nesse período, permitiu problematizar o movimento dos moradores nos diversos espaços da cidade, em torno do campo de produção, consumo e circulação de notícias. Pensar como os sujeitos participam deste processo tornou-se um desafio da pesquisa, no intuito de investigar as formas como os moradores criam seus próprios espaços comunicativos e se apropriam de outros, constituindo um campo de comunicação comum num terreno de desigualdades.

Palavras- chave: História Social e Memória; Cidade e Experiências de Comunicação; Espaço Urbano e Cultura; Estratégias de Luta de Moradores Pobres.

Abstract

This work is intended to analyse poor citizens' experiences at applying their communication strategies in the city of Uberlândia. By analysing a documentary produced by the television chain "Rede Vitoriosa", from its emission "Linha Dura no seu bairro" (the Portuguese for "Linha Dura" in your district), one managed to obtain a complete investigation that treats the relationship amongst the living experiences of poor citizens around the city, by integrating and providing new ways of communicating. It encompass a period between the decades of 1990 and 2010, and remarks the important evolution of the communication devices that took place alongside a growing interest towards television viewers, as far as their relationship with the daily life in the suburbs were concerned. The research, carried out from written and video resources, together with interviews, has provided a strategy aimed to understand the city of Uberlandia in the given period. The same research has also related the mobilization of the inhabitants throughout the urban background to the news production, consumption and broadcasting. Getting to realize how do citizens take part in this process has become such a challenge for the concerned research, in its intents to look into the manners the citizens create their own communication spaces and also take over existing ones, in order to constitute a communication field on an unequal background.

Key words: Social History and Memory; The City and Communication Experiences; Urban Space and Culture; Confrontation Strategies by Poor Citizens.

Lista de imagens

Imagen 1-	Mapa de Uberlândia: bairros integrados.....	16
Imagen 2-	Mapa de Uberlândia: loteamento por renda.....	41
Imagen 3-	Bairro Dom Almir.....	49
Imagen 4-	Bairro Morumbi.....	62
Imagen 5-	Principais carências do Bairro Morumbi.....	64
Imagen 6-	Rede de esgoto no Bairro Nossa Senhora das Graças.....	75
Imagen 7-	Abertura da Rua Rio Grande do Norte ligando ruas do Bairro Nossa Sr. ^a das Graças ao Bairro Marta Helena.....	75
Imagen 8-	Voçoroca no Bairro Nossa Sr. ^a das Graças.....	77
Imagen 9-	Ponte improvisada sobre o córrego Liso.....	80

Sumário

Introdução	11
Capítulo 1	Na TV/no jornal: formas de referenciar os moradores na cidade	27
	1.1 Moradores na TV: o programa <i>Linha Dura</i> e o projeto <i>Linha Dura no Seu Bairro</i>	28
	1.2 Moradores no jornal: a imprensa na cidade	43
Capítulo 2	Estratégias de luta, redes de comunicação e memórias	69
	2.1 Em busca dos “moradores”: organização comunitária e experiências de comunicação	71
	2.2 Registros da luta nos bairros: diálogos, confrontos e produção de memórias na cidade	93
Capítulo 3	Cultura, cotidiano e espaço urbano	121
	3.1 Donas de casa: entre a televisão e a vida cotidiana	122
	3.2 Modos de viver na periferia da cidade: comunicação, pobreza e memória	135
Considerações finais	141
Fontes	144
Bibliografia	152

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi escrito a partir das vivências e inquietações sobre a cidade de Uberlândia nos anos 1990 e 2000. Procuramos percorrer os caminhos que foram consolidando marcos de memórias que formatam o lugar da pobreza na condição exclusiva de dependência através dos meios de comunicação.

Analizando estas consolidações no interior da “produção social da memória” foi possível desvelar outras memórias, uma vez que buscamos nos registros das experiências dos moradores, nas periferias da cidade, compreender suas vivências a fim de entender que cidade é essa nos anos 2012.

Dessa maneira, esta pesquisa investigou as experiências de comunicação de moradores pobres da cidade de Uberlândia, nos meios televisivo e impresso, com objetivo de entender como constroem sentidos para a vivência no espaço urbano.

Compôs o conjunto de questões que norteia o trabalho, indagações a respeito de como as relações sociais aconteciam, a fim de compreender em termos de cultura como era o modo de vidas dos sujeitos. Nesse sentido, a vida cotidiana impunha diversos desafios, os quais nos fizeram atentar às sutilezas das estratégias de comunicação, intervenção e modificação do espaço urbano.

As vivências dos sujeitos, como se relacionavam no interior de grupos sociais, as relações de trabalho e lazer, quem eram estes moradores e a partir de quais lugares eles construíam suas interpretações sobre o viver urbano, foram inquietações que acompanhamos durante o processo da pesquisa, da constituição das evidências em fontes para a investigação historiográfica.

Partimos de sintomas que perpassam os movimentos de comunicação nas cidades brasileiras, uma vez que se percebe a constituição e o aumento significativo de programas televisivos que almejam construir um público telespectador reconhecido a partir de suas relações com o bairro onde moram, assim marcando caracterizações dos sujeitos nas cidades.

Dessa forma, programas jornalísticos ganharam espaço no cotidiano dos moradores nos anos 1990, e se proliferaram sobre as cidades brasileiras de forma a participar dos hábitos das pessoas em praticamente todas as regiões do país.

Vários programas de televisão almejam essa população na categoria de agente telespectador, uma vez que centralizam questões sociais que fazem parte do cotidiano das pessoas, numa gama de assuntos que tornam as condições de vida personagens

centrais de determinado modo de jornalismo televisivo. Tais programas ganharam esse formato com intensidade maior a partir da década de 1990, arrebatando milhares de telespectadores que realizam suas refeições diante da TV.

Programas e telejornais buscavam evidenciar o cotidiano dos moradores nas cidades devido o tipo de abordagem que continham, como *Aqui Agora* (1991, SBT), *Cidade Alerta* (1995, TV Record), *Linha Direta* (1999 Rede Globo), *Brasil Urgente* (2001, Bandeirantes), etc. Embora, tal segmento de produção da notícia tenha se ramificado por diferentes cidades, através das emissoras afiliadas e diante do diversificado leque de assuntos, todos compartilham das relações cotidianas nas cidades, aspecto central para formar a pauta das matérias.

Diversos programas buscam aproximação com os moradores através do segmento de prestação de serviços, oferta de espaços para que o sujeito comum possa expressar suas queixas e necessidades, diante disso, investigamos quais os grupos para quem direcionam estas programações, uma vez que existam opções para escolher. Neste rol do jornalismo, situa-se o programa *Linha Dura*, exibido a partir de 2005 pela *Rede Vitoriosa*, afiliada ao SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) na cidade de Uberlândia e regiões próximas, era transmitido na hora do almoço, às 12h35.

Assumindo a perspectiva política e historiográfica em trabalhar com as memórias dos moradores sobre o viver urbano, indicando traços norteadores da pesquisa, investigamos as trajetórias dos sujeitos sociais, a partir das análises de gravações do programa *Linha Dura*,¹ interessando compreender como que os moradores apareciam na pauta de notícias por meio das entrevistas que concediam a equipe de reportagem, a fim de entender suas relações no campo da comunicação.

Caracterizando-se enquanto comunicação que busca atender às reivindicações dos moradores pobres na cidade, com a criação de projetos, o programa *Linha Dura* realizava o evento *Linha Dura no Seu Bairro*, que contava com a parceria de empresas públicas e privadas para desenvolver a prestação de serviços para os moradores de regiões específicas na cidade de Uberlândia.

¹ Ao longo dos anos 2008 e 2009, constituí um acervo de material áudio-visual composto pelas gravações do programa *Linha Dura*. Diante da recusa da emissora *Rede Vitoriosa*, em permitir que eu tivesse acesso aos programas no estúdio ou até mesmo acesso às gravações dos programas, decidi gravar todas as exibições que eram transmitidas diariamente, contabilizando aproximadamente 15.000 minutos de material gravado, fichado e catalogado. Suporte VHS e DVD.

Embora o programa *Linha Dura* se coloque junto aos pobres – “Jornalismo verdadeiramente comunitário... O Linha Dura fala a linguagem do povo. É solidário. Faz campanhas sociais, acompanha cidadãos em juízo, hospitais e prefeituras. Cobra e exige respostas...”² – uma formulação essencial que não podemos perder de vista diz respeito ao fato de nem todos os moradores que procuram meios de comunicação para fazer valer suas queixas são pobres.

No entanto, o programa *Linha Dura* assume a pobreza como lugar de atuação na cidade, e, dessa maneira, não podemos menosprezar este aspecto, pois é essencial para investigar as formas pelas quais os moradores pobres aparecem cotidianamente nos meios de comunicação, na TV, nos processos de produção, circulação e consumo de notícias.

Procurando compreender quem eram os sujeitos que faziam parte deste meio de comunicação situado no espaço da TV aberta/comercial, enfocamos quem pertence à *Rede Vitoriosa* assim como seu alcance, acompanhando o circuito de comunicação por onde passa a relação entre as redes de poder que se formam a partir dos meios de comunicação.

A *Rede Vitoriosa*³ fundada em 1999, afiliada ao SBT, pertence ao senador Wellington Salgado de Oliveira (PMDB-MG) o qual possui uma gama de outras emissoras de rádio espalhadas pelos estados de Minas Gerais e Goiás, além da TV Goiânia no estado de Goiás.⁴

Quando percebemos num primeiro momento que existiam projetos para a cidade, que existiam ali intenções através dos meios de comunicação, que evidenciamos

² REDE VITORIOSA. Disponível em: <<http://www.redevitoriosa.com.br/index.html>>. Acesso em: dez. 2009.

³ A *Rede Vitoriosa* transmite o sinal do SBT, a partir de duas sedes em Ituiutaba e Uberlândia, no Triângulo Mineiro, para outras 17 cidades situadas no entorno da região no Estado de Minas Gerais: Araporã, Tupaciguara, Araguari, Indianópolis, Cachoeira Dourada, Ipiáçu, Capinópolis, Monte Alegre de Minas, Santa Vitória, Centralina, Gurinhatã, União de Minas, Campina Verde, Iturama, São Francisco de Sales e Itapagipe. Disponíveis em: <<http://www.redevitoriosa.com.br/index.html>>. Acesso em: 28 dez. 2009.

⁴ De acordo com relatório de pesquisa CPqD, “Wellington Salgado de Oliveira (PMDB-MG), também proprietário da Universidade Salgado Filho (Universo). Wellington Salgado de Oliveira aparece ainda como Diretor e Sócio (Juntamente com Wallace Salgado de Oliveira) da *Rede Vitoriosa* de Comunicações donos da TV Vitoriosa em Ituiutaba-MG, 148 retransmissora do SBT (SBT, 2006). A *Rede Vitoriosa* possui emissoras de rádio FM em Goiânia e Senador Canedo - GO.” Ver: CASTRO, Cosette (Coord.). FUNDAÇÃO PADRE URBANO THIESEN. Cartografia Audiovisual Brasileira de 2005: um estudo quali-quantitativo de TV e cinema. Relatório de Pesquisa CPqD, 2006.

no trabalho de conclusão de curso na graduação,⁵ e que estavam extremamente envolvidas com a constituição dos bairros nas periferias da cidade de Uberlândia, começamos a pensar em uma dissertação a qual apresentaria a profundidade que tinha na vida cotidiana de determinados grupos sociais, daí procuramos compreender quais eram as experiências dos sujeitos moradores a partir das suas vivências.

Na ocasião, trabalhamos com a pesquisa etnográfica, construindo metodologias de observação nos eventos *Linha Dura no Seu Bairro* durante os anos de 2008 e 2009, a fim de perceber o que significava a relação daquele projeto com os projetos de administração pública municipal da cidade.

Juntamente com essas questões, analisando o *Jornal Correio de Uberlândia*, com o recorte dos anos 2008 e 2009, encontramos edições que buscavam dizer o que era a história dos mesmos bairros onde aconteciam os eventos.

No início da pesquisa para o trabalho de conclusão de curso na graduação investigamos o que os projetos do *Linha Dura no Seu Bairro* significavam para a cidade, onde procuramos trabalhar com os grupos que eram envolvidos com estes projetos fazendo uma pesquisa que relacionava a Prefeitura Municipal de Uberlândia, a partir da atuação das *Secretarias de Serviços Urbanos e Planejamento Urbano*, e o programa *Linha Dura*, assim como procuramos pensar o que significava refletir sobre aqueles bairros em evidência durante os anos 2008 e 2009.

Este contato inicial com o material deixava algumas inquietações que nos instigaram a pensar de forma mais profunda o que significavam estes bairros que eram elencados no projeto *Linha Dura no Seu Bairro*. Assim, desencadeou um conjunto de questionamentos a respeito do que estes bairros significava para a cidade.

A partir destas observações iniciais decorreram inquietações que proporcionaram a realização de um trabalho de mestrado, com a proposta de aprofundar nestas questões e compreender em termos historiográficos, os motivos que faziam com que estes bairros fossem tão evidenciados nos meios de comunicação.

⁵ SILVA, Letícia Siabra da. *Cidade e Meios de Comunicação: Uberlândia no início do século XXI*. Monografia (Bacharelado e Licenciatura) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História. 2010. O trabalho consistiu em refletir sobre as transformações culturais na cidade de Uberlândia a partir da relação entre meios de comunicação, na perspectiva das mediações culturais em diálogo com as considerações de Martin-Barbero, procuramos analisar a atuação do projeto *Linha Dura no Seu Bairro*, promovido pela TV Vitoriosa e pelo programa *Linha Dura*, em parceria com entidades públicas e privadas. Dessa maneira, evidenciamos a necessidade de investigar caminhos para os processos de transformação dos meios de comunicação, com objetivo de refletir acerca dos diferentes usos sociais desses grupos.

Esta dissertação empenhou-se para direcionar a investigação sobre reflexões acerca dos grupos de moradores que participavam destes projetos e como articulavam com essas experiências.

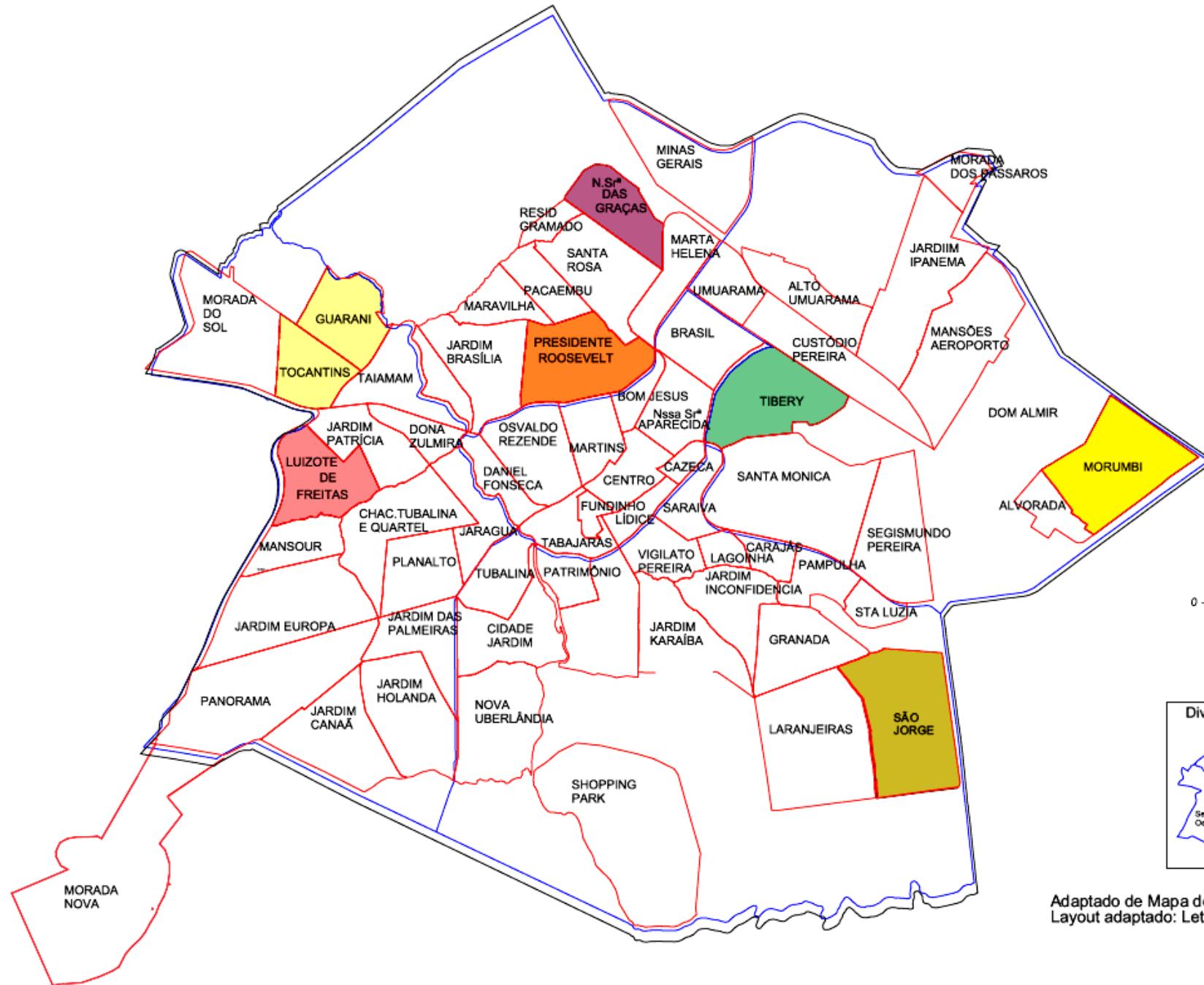
A partir das análises sobre o programa *Linha Dura* e o *Jornal Correio de Uberlândia*, percebemos que não eram somente projetos de cidade, mas que constituíam marcos de memória, que colocavam a pobreza dos moradores na condição de imobilidade dos moradores dos bairros pobres a partir de categorias que se tornaram consensos e formularam padrões que estereotiparam cada bairro periférico.

Desta maneira o trabalho presente, buscou compreender como a cidade vai se constituindo a partir dos processos de comunicação, sobretudo a partir dos sujeitos agentes destes processos: os moradores pobres.

A escolha pelos bairros foi revelando ao longo da pesquisa que tais bairros possuem uma trajetória em formar pautas de reivindicação e notícias, tanto na imprensa, quanto no programa *Linha Dura* a partir dos próprios bairros que são situados em diferentes regiões, são eles: Nossa Senhora das Graças, Tocantins e Guarani, Luizote de Freitas, Presidente Roosevelt, São Jorge, Tibery, Morumbi e Dom Almir.

Conforme podemos observar no mapa abaixo, apresentando a cidade de Uberlândia, a partir de uma divisão em setores, e marcando os bairros integrados, destacamos as localidades onde aconteceram as oito edições do projeto *Linha Dura no Seu Bairro*, durante os anos 2008 e 2009, assim como, a localização de cada bairro em relação aos limites da cidade.

IMAGEM 1 – MAPA DE UBERLÂNDIA: BAIRROS INTEGRADOS



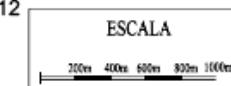
BAIRROS ONDE ACONTECEU O
PROJETO LINHA DURA NO SEU BAIRRO (2008-2009)

LEGENDA

- 1ª EDIÇÃO: 01 DE JUNHO DE 2008.
- 2ª EDIÇÃO: 27 DE JULHO DE 2008.
- 3ª EDIÇÃO: 28 DE SETEMBRO DE 2008.
- 4ª EDIÇÃO: 30 DE NOVEMBRO DE 2008.
- 5ª EDIÇÃO: 29 DE MARÇO DE 2009.
- 6ª EDIÇÃO: 14 DE JUNHO DE 2009.
- 7ª EDIÇÃO: 27 DE SETEMBRO DE 2009.
- 8ª EDIÇÃO: 29 DE NOVEMBRO DE 2009.



Adaptado de Mapa de Setores de Uberlândia- maio.2008
Layout adaptado: Letícia Siabra da Silva-2012



A escolha por estes bairros para realizar tais eventos, não foi aleatória, percebemos nas gravações do programa *Linha Dura*, que estas localidades eram frequentes nas reportagens e também viraram assunto na cidade durante a década de 1990.

No entanto, uma característica essencial que marca o tipo de jornalismo que a emissora defende, pauta-se na evidência dos bairros e da população que neles residem, o que nos direcionou para analisar as relações entre moradores pobres e espaço urbano a partir de suas atuações nos meios de comunicação.

As escolhas por determinados bairros para realizar tais prestações de serviços geraram algumas inquietações para investigar quais os motivos que levariam determinado programa de televisão a eleger um bairro e não outro.

Dessa maneira a pesquisa investigou o que estes bairros tinham constituído para que chamassem atenção para os meios de comunicação, quais os processos de comunicação estavam sendo gestados no interior daquelas comunidades que permitiam que se formassem e ganhassem embasamento no tecido social. O que permitiu analisar o circuito de produção e circulação de notícias na imprensa, buscando investigar os movimentos de constituição destas localidades em construir um campo extenso de comunicação.

Fomos percebendo, a partir do debruçar sobre a fonte impressa com o *Jornal Correio de Uberlândia*, a possibilidade em intuir que existia uma trajetória de notícias produzidas sobre os moradores pobres nestes bairros, não exclusivamente, mas principalmente nos cadernos e sessões que buscavam colocar bairros da cidade em evidencia.

Justamente estes bairros para os quais o projeto *Linha Dura no Seu Bairro* se direcionava, o que era uma desconfiança ganhou embasamento e concretude ao poder identificar a recorrência destas localidades nas páginas do *Jornal Correio de Uberlândia*, pois estes mesmos bairros possuíam uma trajetória frequente de notícias ali.

A constante destes bairros no *Jornal Correio de Uberlândia* foi indicando que existia um processo comunicativo construído que veio a partir da década de 1990 com peso na movimentação dos moradores para produzirem notícias, ou até mesmo para serem a própria notícia em relação ao bairro onde habitavam à cidade.

O *Jornal Correio de Uberlândia*, foi criado no final da década de 1930, e vendido para um grupo de investidores no início da década de 1940. Dentre os cotistas,

fazia parte o Sr. Alexandrino Garcia⁶ dono do Grupo Algar – uma empresa de telecomunicações que atua em diversos estados no Brasil, como Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e São Paulo.⁷

Se ramificando em vários segmentos, inclusive na cidade de Uberlândia, com a empresa CTBC (Companhia de Telecomunicações do Brasil Central), responsável pela maior parte das linhas de telefonia fixa na cidade, assim como pela vinculação com diversas empresas na cidade, ambos envolvidos com os serviços de comunicação. Trata-se de um grupo de poder que assumiu completamente o *Jornal Correio de Uberlândia* em 1986. No período de 1991 a 1995, o jornal se chamava *Correio do Triângulo*, a partir de então voltou a se chamar *Jornal Correio de Uberlândia*.

A justificativa pela escolha dos bairros para a pesquisa vem justamente pela necessidade de investigar como era o processo da produção de notícias e como que isso revelou uma cidade que se constituiu a partir dos processos de formação comunicativos.

Procuramos buscar a constituição dos sujeitos sociais através das análises das associações de moradores que decorreu na desconfiança de que poderia haver nas movimentações de grupos de bairros nas organizações do trabalho comunitário na passagem da década de 1990 para os anos 2000, que esta memória dominante poderia não ser única exclusiva, que ela não era homogênea.

Foi quando procuramos entrevistar moradores comuns e moradores membros de associações de moradores, e/ou pessoas que de alguma maneira se envolveram com o trabalho comunitário e que atuam em grupos de bairro.

Ao longo da pesquisa com os jornais, num primeiro momento procuramos organizar fichas a partir das análises do programa *Linha Dura* durante os anos 2008 e 2009, em que fizemos uma triagem para perceber quais eram os bairros que faziam parte da pauta de notícias das reportagens do programa.

Procuramos diferenciar os moradores a partir da designação de moradores comuns em relação com os membros de grupos de bairros, uma vez que analisando os materiais das associações de moradores e as entrevistas com os líderes comunitários percebemos que eles faziam questão de se diferenciarem por causa da condição de

⁶ Ver: MARIANO, Reginaldo Silva. *A imprensa e os aspectos gerados pelo progresso na cidade de Uberlândia (1982-2010)*. 104 f. Monografia (Bacharelado e Licenciatura) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História. 2011, p. 13. Discutiremos as mudanças na diagramação do jornal no primeiro capítulo, observando para as implicações sociais das quais decorrem.

⁷ Ver: ALGAR MÍDIA. Disponível em: <<http://midiakit.algarmidia.com.br/?secao=inicio>>. Acesso em: 5 ago. 2011. Trata-se de um estudo divulgando as pesquisas de amostragem referente ao Grupo Algar, incluindo a tiragem do *Jornal Correio de Uberlândia*, o que corresponde a 10.000 exemplares diários.

envolvimento com o trabalho comunitário, a partir da militância de bairro, quando nas conversas falavam sobre suas experiências com meios de comunicação.

Por outro lado, buscando os sujeitos comuns, dialogando com donas de casa, telespectadoras, procurávamos evidenciar seu cotidiano e como suas vivências na cidade iam construindo pontos que cruzavam com as experiências daqueles líderes comunitários.

Experiências que também eram marcadas pela diferença e até mesmo, propostas divergentes, tanto do que os grupos dominantes de comunicação tentavam solidificar, quanto pelas formulações que os líderes comunitários construíam sobre estes moradores pobres na cidade, pois, indicavam outras concepções para o viver urbano.

Diante disso procuramos conversar com os moradores, para pensar os motivos para estes sujeitos se relacionarem com a questão da produção de notícias, suas atuações, quais os sentidos de buscar visibilidade nos meios de comunicação, mas acima de tudo, movimentar linguagens diferentes para dizer sobre a cidade.

A escolha por trabalhar com entrevistas buscando um diálogo nos percursos da História Oral, nos fez considerar a perspectiva da luta política que compõem as entrevistas, isso significa que procuramos compreender os comportamentos dos sujeitos nas relações do momento dos diálogos no interior das conversas.

Assim, que se iniciou a possibilidade para trabalhar as relações entre memória e história, compondo a dinâmica social. Dessa maneira consideramos importante as reflexões de Yara Khoury (2004), ao discutir as experiências do grupo de alunos e professores engajados com pesquisas e debates enfatizando a relação história, memória e cultura, nos chamando a atenção para algumas preocupações:

Quais os sentidos de refletirmos sobre cultura e memória enquanto observamos a emergência de novos sujeitos disputando lugares, reivindicando direitos, realimentando costumes, tradições, crenças, modos de trabalhar e viver desestabilizando centros de poder convencionais, firmando presenças, numa relação de forças ainda bastante desigual?⁸

⁸ O diálogo que a autora estabelece se faz a partir das experiências de pesquisa e discussões no grupo de professores da PUC-SP em parceria com professores da UFU, no projeto Procad. Ver: KHOURY, Yara Aun. *Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história*. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. *Muitas Memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2004, p. 116.

Estas questões compõem o universo de indagações da autora, sinalizando um percurso político e historiográfico que leva em conta as experiências dos sujeitos sociais, e as produções de “outras memórias” em relações de disputas.

Dessa maneira, Khoury aponta que “vamos observando como memórias se instituem e circulam, como são apropriadas e se transformam na experiência social vivida”.⁹

Recuperamos do diálogo da autora, como aspecto essencial, caminhar nas discussões que priorizam essas transformações, a fim de compreender nos diálogos com as donas de casa, aspectos de suas experiências e vivências na cidade. Analisamos as estratégias que se empreendem no espaço urbano, a fim de construir maneiras de se comunicar.

Buscamos, no campo da produção e circulação de notícias, os movimentos das atuações dos sujeitos na cidade. Pensar as disputas que acontecem no/pelo espaço urbano desvela outro campo de interlocuções e seus sentidos no processo material e social que implica o viver da cidade.

Desse modo, a construção da metodologia para a pesquisa significou o esforço por evidenciar os caminhos que as fontes sugeriam sobre os movimentos das experiências dos moradores: experiências de comunicação a partir do estabelecimento de debates entre si, incorporação de valores de classes e estratégias para investigar as relações culturais através das vivências cotidianas.

Analisa a necessidade da circulação de notícias pelos moradores revelou práticas dos sujeitos que contribuíram para suas vivências. No interior destes exercícios, situamos as festas nos bairros, organizadas por grupos no movimento comunitário, procuramos investigar quais as relações dessa comunicação com os projetos de execução semelhante das empresas que se voltam para estas localidades de área e seus moradores.

É importante diferenciar as estratégias empreendidas por grupos distintos para atuar em bairros com características específicas, mas que partiam de um olhar para a cidade. Pois, menos do que fazer uma história dos bairros, nossas intenções buscaram compreender a constituição da cidade, a partir das linguagens dos sujeitos pobres, pelas experiências, disputando relações culturais no espaço urbano.

⁹ Idem, p. 118.

Através da potencialidade de comunicação que existiam nas atas de associações de moradores e Conselho de Entidades Comunitárias, procuramos investigar se haveria ali indícios de outras formulações que não ficassem presas as questões da periferia, mas que buscava pontos que sugeriam conflito no que significava disputar o espaço urbano, pensando o que era a vida dos membros, líderes comunitários.

No entanto, quando conversávamos com eles, eles se colocavam juntos disputando um espaço na liderança de quem é que fazia pelos pobres, não contestavam de uma forma direta, mostrando que havia um jogo de intenções, buscavam mobilizar seus interesses.

Mesmo que procurassem meios de comunicação comerciais, buscavam também condições para que seus interesses fossem articulados. Eles também produziam canais de comunicação que não passavam necessariamente pelo circuito comercial e que almejavam divulgar seus projetos, contudo, o olhar para a cidade era muito marcado pelo conflito da dominação.

Muitas vezes o próprio conflito da exploração, sugerindo pontos que poderiam contrapor a instituição dos padrões que foram consolidados enquanto memória dominante, não era gratuito, muito menos passivo. O ponto de resistência vinha mais a partir do cotidiano dos moradores, das donas de casa que circulavam por diversos espaços na cidade, foi o entrecruzar das várias frentes de investigação para onde convergiram as entrevistas.

Pensar como que os sujeitos participam deste processo tornou-se um desafio da pesquisa, no intuito em investigar de quais formas os moradores criam espaços comunicativos e se apropriam de outros constituindo um campo de comunicação comum, não obstante e extremamente desigual, visto que participam destas relações a partir de lugares distintos e hierarquicamente confrontados.

Reconhecendo a importância de pesquisas que investigam a relação entre movimentos comunitários e cultura, este trabalho sinaliza para a necessidade em pensar como, por que e de quais maneiras os processos de comunicação ganham sustentação e embasamento dentre os moradores e o circuito de ação entre programa de televisão e jornal.

O que dizem sobre estes moradores e suas necessidades, o circuito de atuação dos grupos de bairro ao modificarem os espaços da cidade mediante a produção, o consumo e a circulação de notícias.

Para tanto, algumas pesquisas que compartilham de um posicionamento que dialogue com as questões entre comunicação e cidade, de alguma forma, ajudam a construir um caminho de investigação que aborda esta relação, todavia procurando também, a partir de outras fontes, fortalecer o embasamento teórico metodológico e assim produzir um trabalho que permita contribuir para a formação engajada com a realidade social.

Neste aspecto o trabalho de Nascimento¹⁰ analisando os significados da experiência de TVs de rua e movimentos de vídeo popular nos anos finais da década de 1980 e 1998, assim como as relações entre memória e história na cidade do Rio de Janeiro, permitiu fazer contrapontos entre diferentes formas de comunicação em meio a moradores.

Esta pesquisa nos levou a pensar na contramão dessa relação diante de quem produz notícia a partir de uma prática que almeja inserir no interior de moradores e que, no entanto, se situa exterior a estes moradores, mas que se volta para noticiá-la. Permite-nos distinguir em como outras maneiras de referenciar moradores pobres através de materiais de TVs produzidos por uma rede de televisão comercial que propagandeia um trabalho comunitário e sugere o que seria o povo e o popular no interior da cidade.

Discutindo a cidade enquanto questão, o trabalho de Reis,¹¹ debatendo as maneiras de sobrevivência que os moradores dos conjuntos habitacionais nas décadas de 1980 e 1990 na cidade de Uberlândia encontravam em busca do sonho da casa própria, e como a imprensa local lidava com a questão, nos levou a inquietações a respeito das reivindicações dos moradores e suas estratégias de luta.

Todavia situando através da comunicação e das configurações que foram se sustentando paulatinamente nas décadas de 1990 e 2000. Esta pesquisa de empenho entende como desafio oferecer possibilidades distintas para as vivências dos moradores pobres na cidade.

Analizando os significados de ser trabalhador na cidade de Uberlândia nos anos finais do século XX e início do século XXI, a pesquisa de Carlos Meneses pauta-se nas

¹⁰ NASCIMENTO, Clarissa Staffa. *Além da imagem: experiências e memórias populares através da TV Maxabomba*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

¹¹ REIS, Maucia Vieira dos. *Entre viver e morar: experiências dos moradores de Conjuntos Habitacionais (Uberlândia-anos 1980-1990)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

relações classistas na cidade com objetivo de destacar as maneiras como os trabalhadores constituem suas práticas sociais.¹²

Estas discussões nos levaram a algumas inquietações sobre as estratégias de comunicação empreendidas pelos moradores pobres da cidade, mas que distintamente empenhamo-nos em compreender as experiências de comunicação dos sujeitos em suas relações com o viver urbano.

Discutindo as tensões e conflitos que emergem das relações classistas na cidade, o trabalho de Sheille Soares,¹³ investiga o disputar a cidade enquanto questão, as transformações no final do século XX e início do século XXI, colocando em questão os mapas sociais que foram produzidos pelos moradores.

Considerando os limites e pressões que decorriam das disputas pela revitalização e preservação dos parques lineares na cidade assim como as disputas pelo patrimônio cultural, a autora vai identificando as relações de pertencimento que envolviam os diversos sujeitos na cidade, discutindo os conflitos que emergiam do direito à cidade.

Não obstante, são oportunas discussões no aspecto teórico metodológico de uma bibliografia geral, a fim de se empenhar em um caminho de construção de conhecimento histórico para pensar as relações sociais na cidade, dessa maneira as implicações de Lefebvre¹⁴ sobre a problemática urbana, evidenciando as relações que convergem para a existência de redes de malhas desiguais no tecido social, no entanto, também possibilitou inquirir sobre pesquisas acadêmicas que trabalharam a problemática do “direito à cidade”, que tinham como base as discussões levantadas por Lefebvre.

Na reflexão sobre as relações de hegemonia, Williams¹⁵ ao considerar o hegemônico enquanto processo possibilita-nos discutir linguagem como consciência prática, determinando modos pelos quais os sujeitos se relacionam constituindo o próprio sujeito social.

¹² SANTOS, Carlos Meneses S. *Ser trabalhador na cidade: relações de classe em Uberlândia: fins do século XX e início do século XXI*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

¹³ FREITAS, Sheille Soares de. *Por falar em culturas... Histórias que marcam a cidade*: Uberlândia-MG. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

¹⁴ LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

¹⁵ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1979.

Dessa maneira tornou-se importante refletir sobre quais disputas para legitimar uma comunicação comunitária estão sendo travadas no campo da linguagem e de quais maneiras oferece possibilidades para investigar os movimentos que acontecem na/e pela linguagem, questionando quais as intenções em incorporar uma noção de povo, ou popular, para alcançar determinados segmentos sociais?

Essas questões permitem trabalhar a constituição de linguagens como campo de análise e enfrentamento da relação entre história e cultura nas experiências dos moradores das periferias da cidade.

Afirmando as discussões sobre as experiências vividas pelos sujeitos sociais, as reflexões de Thompson¹⁶ propiciam compreender a partir de um lugar social na prática historiográfica os desafios que o cotidiano impõe na medida em que buscamos perseguir os processos históricos que compõem o cotidiano dos moradores das discussões sobre cultura.

Dessa maneira, consideramos que todo processo se faz em um contexto e que a relação em que o produzimos enquanto pesquisadores profissionais de história, conforme alerta Déa Ribeiro Fenelon,¹⁷ evidencia posicionamentos políticos comprometidos com a realidade social.

Partindo de questões sobre a formação do profissional de história diretamente ligada com a concepção de ensino, Déa Ribeiro Fenelon lançava questões e reflexões que se tornam presentes mesmo após 30 anos, pois, nos confronta diante de nossa realidade e nos chama para assumirmos posicionamentos comprometidos com a realidade social.

A vitalidade de suas reflexões está na maneira simples e franca com que nos convida a pensar nossa prática historiográfica indissociada do ensino de história, pautando no cotidiano como possibilidade para aliar a experiência com a produção do conhecimento histórico.

Assumindo a perspectiva historiográfica em política, ao construir um trabalho que permita no mínimo investigar o cotidiano dos moradores pobres em relação com o espaço urbano e as disputas no campo da memória através dos meios de comunicação,

¹⁶ THOMPSOM, E. P. *A Miséria da Teoria*: ou um planetário de erros (uma crítica ao pensamento de Althusser). Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

¹⁷ Em conferência pronunciada no XI Simpósio Nacional da Anpuh, em João Pessoa (PB), no ano 1981, e publicado pela primeira vez em 1982, na revista Projeto História – PUC-SP, em seu artigo Fenelon aponta que: “Queremos um profissional de História no qual as pessoas possam se reconhecer e se identificar, porque para nós a História é uma experiência que deve ser também concretizada no cotidiano, porque é a partir dela que construiremos o hoje e o futuro”. Ver: FENELON, Déa Ribeiro. A formação do profissional de história e a realidade do ensino. *Tempos Históricos*. v. 12, jan./jul. 2008. p. 35.

nos esforçamos para evidenciarmos os embates que dali decorria, importando em compreender quem eram estes sujeitos nas suas contradições e vivências na cidade.

Nesse cotidiano, investigar o estabelecimento de padrões do que deve ser as necessidades dos moradores e seus meios para satisfazê-las foi importante para compreender que social é este que estamos vivenciando e quais os processos que o compõem e movimentam desde a década de 1990 a 2000.

O texto foi organizado em três capítulos:

O capítulo “1- Na TV/ no jornal: formas de referenciar os moradores na cidade” apresenta os pretextos que nos levaram a adentrar na cidade pela via da comunicação: inicialmente pelo programa *Linha Dura* e sua movimentação no urbano através do projeto *Linha Dura no Seu Bairro*, as apropriações que o grupo de comunicação fazia para incorporar uma linguagem que propiciasse referenciar os moradores nas periferias da cidade.

Na contramão da produção de notícias dialogamos com outra forma de comunicação que também fala destes moradores, pensando na imprensa, o *Jornal Correio de Uberlândia* no período entre 1990-2009, a fim de refletir sobre o estabelecimento de pautas de notícias dos bairros das periferias que o *Linha Dura* almeja na década de 2000.

Como os modos de produção e circulação de notícias vão criando paulatinamente um espaço comum de temas e “problemas sociais”, compreende o conjunto de indagações norteadoras do capítulo. Discutimos as formas pelas quais os moradores participam do programa *Linha Dura*, quais os interesses em buscar um programa de TV, investigando a prática de reivindicação através da imagem, os usos que os moradores fazem do canal de televisão, assim como os interesses em produzir um programa jornalístico que busque respaldo no cotidiano dos moradores pobres.

O “Capítulo 2 - Estratégias de luta, redes de comunicação e memórias” analisamos a luta cotidiana de moradores em grupos de bairros, suas estratégias utilizadas para tornar público suas movimentações na cidade, e no campo da eficácia pensando o que funciona efetivamente, indagando a natureza social das reivindicações, o que vai se tornando legítimo utilizar enquanto estratégia, seja pela via impressa ou televisiva, o peso que a imagem atribui para determinados grupos.

Para tanto conta com atas, folders, fotografias dos bairros produzidas por estes grupos, entrevistas com moradores líderes comunitários, investigando como eles trabalham com distintas linguagens para movimentar a cidade.

Nesse sentido investigou-se o processo histórico que está se formando através das necessidades de cada grupo de moradores em localização de áreas que apresentam nuances as quais são encobertas por certa homogeneidade que o programa *Linha Dura* constrói para estes bairros. Investigamos os processos de homogeneização que estão em jogo permitindo arguir sobre as disputas hegemônicas que estão se firmando na relação entre meios de comunicação, cultura e cidade.

No “Capítulo 3- Cultura, cotidiano e espaço urbano”, buscamos compreender as “outras memórias” sobre o viver urbano, a partir das vivências de moradores, das experiências das donas de casa, evidenciando suas trajetórias na cidade.

Investigamos a vida cotidiana a partir das maneiras como estes sujeitos se relacionavam com as questões sobre a cidade, como eles lidavam com as construções de uma memória dominante sobre suas condições de vida e o que atribuíam para suas vidas como sendo evidências de suas experiências na cidade.

Analisamos as maneiras pelas quais os modos de vida de moradoras nas periferias da cidade, são articulados, através das estratégias de comunicação, e compreensão sobre a cidade. Os significados que suas movimentações no espaço urbano constituem em relações culturais. As disputas no campo da memória através de suas práticas de comunicação, assim como os significados que decorrem das construções de memórias, destes sujeitos, e as transformações de suas experiências em práticas sociais.

1. NA TV/NO JORNAL: FORMAS DE REFERENCIAR OS MORADORES NA CIDADE

Uberlândia, 2008. O programa *Linha Dura* iniciava o projeto *Linha Dura no Seu Bairro*. Várias pessoas estavam no bairro São Jorge, localizado nos limites da cidade, conforme está no “Mapa de Uberlândia: bairros integrados” na página 16 desta dissertação.

O evento apresentava uma estrutura grandiosa na qual estavam presentes diversas empresas que fizeram parceria com a emissora *Rede Vitoriosa* para realizar este projeto, com a proposta de desenvolver um trabalho comunitário no bairro. Este programa de televisão se colocava junto aos moradores pobres da cidade a fim de atender as suas necessidades.

O projeto buscava realizar a prestação de serviços, a partir da parceria entre empresas privadas e entidades públicas como a Prefeitura Municipal, Polícia Militar e Corpo de Bombeiros, além da realização de shows com artistas locais. Na maioria das vezes, o projeto *Linha Dura no Seu Bairro* tentava se distinguir com uma mega estrutura que atendia toda a família, através de serviços como corte de cabelos, distribuição de brindes, sorvetes gratuitos, prestação de informações variadas e oferta de meios de diversão.

A presença de moradores das regiões que compreendiam os bairros para onde o programa *Linha Dura* se dirigia era considerável. Entretanto, se um bairro era avaliado como significativo para que o evento se realizasse, qual o padrão de escolha do bairro para levar este projeto? O que faz um determinado tipo de jornalismo se caracterizar como solidário ao ponto de propagandear uma atuação comunitária? Por que os moradores procuram estes programas para que suas reivindicações sejam atendidas?

1.1 Moradores na TV: o programa *Linha Dura* e o projeto *Linha Dura no Seu Bairro*

O programa *Linha Dura* aparece na grade de programação da *Rede Vitoriosa*, afiliada ao *SBT* em meados da primeira década de 2000. Em 2008, inicia um projeto¹⁸ que leva uma estrutura de palco para os bairros na cidade.

A movimentação de um programa de televisão no interior da cidade gera algumas inquietações pelas suas particularidades a partir do momento em que busca este público telespectador de uma forma diferenciada, sugerindo a reciprocidade no contato entre produção da notícia e circulação, numa relação de comunicação que acontece na imagem e não somente através dela.

Nesse sentido o programa *Linha Dura* entra no cotidiano dos moradores mediante a apropriação de uma linguagem comum a estas pessoas, o que sugere uma discussão a respeito da generalização do povo enquanto estratégia de legitimação da comunicação produzida a partir de uma rede de televisão comercial, mas, que direciona para aspectos do trabalho comunitário realizado na cidade pelos grupos de moradores desses bairros.

Para mapear as formas pelas quais o programa *Linha Dura* entra no cotidiano dos moradores na cidade, identificamos como é formada a pauta de notícia: percebe-se questões referentes à cidade e as necessidades dos moradores, as maneiras encontradas por eles para mobilizar transformações no espaço urbano.

Diante destas exigências destacaram-se: denúncias de serviços mal feitos pela prefeitura, reivindicação para tampar buracos; falta de saneamento básico e infraestrutura; questões de trabalho relação empregador/empregado, moradia, saúde, trânsito, acidentes, crime/violência, defesa do direito do consumidor; pedidos de ajuda, como dinheiro, cadeiras de rodas, tratamento médico; documentos perdidos e encontrados.

Também era constante a presença de figuras públicas no programa, fosse para mostrar as ações que estavam sendo feitas por eles ou para responderem por alguma cobrança, dando explicações.

¹⁸ Ver: SILVA, Letícia Siabra da. *Cidade e Meios de Comunicação: Uberlândia no início do século XXI*. 2010, 74 f. Monografia (Bacharelado e Licenciatura) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, 2010, p. 37.

A estratégia metodológica empregada para chegar a tais evidências de reclamações e pedidos dos moradores foi traçada a partir de organização em fichas, detalhando a exibição de cada programa gravado, destacando os espaços reservados para comerciais, chamadas, reportagens, com um pequeno resumo de cada uma destas, e com observações sobre os eventos promovidos, as frases de efeitos utilizadas pelo âncora ou até mesmo algum comentário significativo.

Dessa maneira, fomos mapeando os tipos de notícias que eram mais recorrentes nos programas, e o que foi se consolidando como significativo para dizer sobre estes moradores e suas relações com a cidade.

Traçando um desenho do que se configurava como essencial para os moradores, a partir das exibições do programa *Linha Dura*, identificamos as teias de assuntos e temas que eram priorizados e de quais maneiras se dava a relação entre sujeitos de grupos diferentes no espaço da comunicação.

Diante dos vários programas gravados e analisados, selecionamos alguns que se destacaram como significativos para dimensionar as questões tratadas por este jornalismo: um destes programas foi exibido no dia 1 de janeiro de 2009, uma exibição temática com a retrospectiva¹⁹ dos principais assuntos abordados durante o ano 2008.

A apresentação foi feita pelo editor, naquela época, André Potim, que apresentava o programa *Chumbo Grosso*, exibido diariamente das 7h00 as 8h00 na mesma emissora, a *Rede Vitoriosa*. Embora o apresentador e repórter da emissora, do programa seja Amarildo Maciel, naquela ocasião dividia o espaço do programa com o editor.

Contando com 13 reportagens de curta duração que retomavam os principais assuntos durante o ano, destacaram: a morte do ex-prefeito Virgílio Galassi; a denúncia de trabalho infantil, em que uma menina trabalhava na rua vigiando os carros; doação de materiais escolares para escola no Bairro Canaã; a morte de um trabalhador eletrocutado em uma construção civil; as reclamações de trabalhadores da construção civil diante da falta de pagamento; demissão de um trabalhador após ter procurado o programa *Linha Dura* para reclamar por não ter recebido o salário.

A polêmica que envolveu um projeto de construção de um cemitério no Bairro Custódio Pereira, próximo à nascente do córrego Jataí; a operação de fiscalização da

¹⁹ JORNALÍSTICO. Programa Linha Dura. Uberlândia: TV Vitoriosa. 1 jan 2009. Programa de televisão. Acervo particular de material áudio-visual que acumulei durante os anos de 2008 e 2009.

polícia militar ao PAC (Programa de Aceleração do Crescimento, empreendido pelo governo federal); uma chamada com os seguintes dizeres: “Mãe clama por ajuda para filha: desespero em família”, na qual a mãe acorrentara a filha dependente de crack; greve no sistema de transporte coletivo (SIT); revolta de moradores do Bairro Santa Mônica por causa da construção de uma adutora no bairro, a qual deixou muita sujeira na rua e provocou desperdício de água. Denúncia de irregularidades no Hospital de clínicas da Universidade Federal de Uberlândia; “retirada dos sem-teto: problema transferido de local” no bairro Shopping Park; acidente na BR-497 que provocou três mortes; e por fim uma série especial sobre a realização do projeto *Linha Dura no Seu Bairro*.

Apresentava também os cantores que estiveram presentes nos eventos durante o ano de 2008, juntamente com as imagens dos moradores que compareceram nas edições.

A dimensão que a reportagem atribui à quantidade de pessoas presentes nos eventos realizados nos bairros pelo programa *Linha Dura*, sobretudo com o respaldo das imagens, é significativa.

A enfase é proposital, sugerindo o reconhecimento que os moradores davam ao programa a partir do momento em que a quantidade alicerçava esta ideia. Não obstante, silencia as demais atividades que aconteciam no evento, ao priorizar os shows, uma vez que levanta a bandeira do lazer, criando vínculos com os moradores através do programa de televisão.

As formas que o programa *Linha Dura* buscava referenciar este povo, geralmente, eram pautadas na postura do âncora Amarildo Maciel, ao propor um contato com os telespectadores numa linguagem que procurava a apropriação de um modo de falar comum a eles, evidenciando assim a caracterização que o programa *Linha Dura* fazia desta população pobre na cidade, se caracterizando como porta-voz²⁰ dos grupos pobres que encontravam neste jornalismo a reciprocidade de suas reivindicações, ao

²⁰ Discutindo as relações classistas em Uberlândia, em fins do século XX e início do século XXI, atentando para as implicações em ser trabalhador na cidade, Santos aponta a condição de porta-voz dos trabalhadores pelos programas *Linha Dura* e *Chumbo Grosso* – exibidos na mesma emissora – sustentando essa ideia através das análises de cartas que os trabalhadores enviavam à *Rede Vitoriosa*: “A identificação, mesmo que não seja gratuita ou mecânica, sugere a legitimização dos programas nas audiências que lhes atribuem. O que cria a possibilidade de Marcos Maracanã [apresentador do programa *Chumbo Grosso*] arrogar-se o ‘porta-voz dos populares’.” Ver: SANTOS, Carlos Meneses S. *Ser trabalhador na cidade: relações de classe em Uberlândia: fins do século XX e início do século XXI*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009, p. 132.

ponto em que poderia indicar que o programa televisivo atuava enquanto um intermediário das reivindicações dos moradores, estratégia para conseguir a eficácia de serviços que os órgãos responsáveis não supriam a estes indivíduos.

Problematizando a concepção de porta-voz, ao buscarmos as intenções a que são imputadas, permite revelar outros sentidos, uma vez que, afirmá-la apenas pode sugerir concordância com o termo.

Geralmente, durante as semanas que antecediam os eventos do projeto *Linha Dura no Seu Bairro*, os repórteres da emissora realizavam entrevistas com os moradores a respeito daquela localidade. Na matéria exibida no dia 23 de setembro de 2009,²¹ a repórter Tânia Costa conversou com os moradores do bairro Tibery, na região leste da cidade, visto que, seria realizado no dia 27 daquele mês, a sétima edição do projeto. A abordagem acontecia em uma praça onde alguns moradores falavam como era viver no bairro:

1^a entrevistada: Sou moradora do bairro Tibery, e acho que o bairro é muito bom. A gente tem de tudo, a segurança melhorou bastante aqui no bairro. O que tá faltando aqui perto é uma loteria, só tem uma no bairro, e, tá precisando de outra mais aqui pra cima, aqui, porque o pessoal fica muito longe pra deslocar até a loteria aonde que tem.

2^o entrevistado: Como morador do Tibery, eu acho que tem que melhorar um pouco em termo de segurança, e, saúde, educação, enfim, muitas coisa depende aqui da... Do que tá precisando aqui do bairro.

Repórter Tânia Costa: A população merece?

2^o entrevistado: A população merece! O ônibus circular passar aqui na porta, do... Que vai pra medicina passar por aqui, o 131, acho que devia passar por aqui, o [ônibus] que vai pro Umuarama. [corta]

3^a entrevistada: Eu moro aqui no Tibery tem 18 anos.

Repórter Tânia Costa: E aí?

3^a entrevistada: Gosto muito do bairro Tibery demais! Mais só tem um problema: Tibery tá um bairrozinho muito sujo. [corta]

4^a entrevistada: Sou moradora do bairro Tibery, há muito tempo, e, tenho muitos amigos aqui: mando abraço pra todo mundo!

Repórter Tânia Costa: E o Linha Dura no Seu Bairro? É bem-vindo aqui?

4^a entrevistada: É bem-vindo, claro [risos]! É bem-vindo. [corta]

5^o entrevistado [com uma criança no colo]: Eu sou morador aqui da região. Moro no [bairro] Santa Mônica, acho que poderia melhorar na segurança! E no esporte aqui pra gente, pra dar uma... Um reforço a mais.

Repórter Tânia Costa: Quem tem família se preocupa com tudo isso né?

²¹ JORNALÍSTICO. Programa Linha Dura. Uberlândia: TV Vitoriosa. Programa de televisão. [Arquivo pessoal - DVD, Programa exibido no dia 23/09/2009]. Fala do âncora do programa Linha Dura, Amarildo Maciel.

5º entrevistado: Isso! Quem tem família fica muito preocupado, com... Altos índices de acidentes também. [corta]

6º entrevistado: Não. Eu acho que tá tudo bem! O bairro tá muito bom! Pelo menos, na minha avaliação.

Repórter Tânia Costa: O Sr tem muitos amigos aqui, família?

6º entrevistado: Não, não. Amigos não tenho não. Família também não.

Repórter Tânia Costa: Mas vive bem aqui no bairro?

6º entrevistado: Graças a Deus: ótimamente. Muito bem. [corta]

Amarildo Maciel [estúdio]: O microfone é democrático, a opinião é do cidadão não é nossa não, nós somos só o porta-voz. Uns reclama de segurança, outros precisa de creche...

Diante de várias entrevistas, concedidas à repórter Tânia Costa, todas apresentavam características diferentes, no entanto, em nenhuma delas constava de vinheta apresentando os nomes dos moradores, mas, a presença na fala marcava posicionamentos distintos, demarcando o que eles consideravam importante naquela região. Ou até mesmo, através do direcionamento que a repórter dava para as questões, fazendo perguntas que conduziram o entrevistado à afirmação das mesmas: “Quem tem família se preocupa com tudo isso, né?”, entrevistado: “Isso! Quem tem família fica muito preocupado”.

No entanto, a mesma reportagem contava com pontos de incômodos, pois, o sexto entrevistado, não se mostrava disposto a aceitar as premissas da repórter, visto que sua postura diante da câmera fazia movimentos de recuo, enquanto a repórter direcionava cada vez mais o microfone para perto do morador.

O confronto de posicionamentos entre este entrevistado com a repórter a todo tempo buscando que ele concordasse com ela, diante dos vários “nãos” recebidos, marcou profundamente o incômodo o qual o âncora Amarildo Maciel, dialogando com a reportagem, no estúdio fez questão de suprimir. Ao ressaltar a diversidade de opiniões dos moradores “cidadãos”, transforma tais diversidades nos reclames por “segurança”, “creche”, etc.

Ao se colocar como “só o porta-voz”, Amarildo poderia sugerir que a questão é apenas técnica, a respeito de um veículo de comunicação que “só” transmite, no entanto, procuramos analisar a questão por outro viés, considerando que a concepção de porta-voz é social, assim ganha uma dimensão muito maior que “apenas”, pois disputa um lugar de reconhecimento e aceitação por estes moradores, o que não acontece completamente.

Em outras gravações, eram enfatizados os serviços prestados, contudo, estes programas procuravam evidenciar o bairro onde o evento aconteceu. Foi o caso do programa exibido no dia 12 de junho de 2009, dois dias antes da realização do projeto no Bairro Nossa Senhora das Graças.

A chamada da reportagem dizia “Tudo pronto, moradores ansiosos com mais um programa *Linha Dura no Seu Bairro*”. Na oportunidade o reporter/âncora, entrevistou o presidente da Associação de Moradores do Bairro, Abadio Duarte, o qual fazia sua avaliação prospectiva do projeto:

Graças a Deus... Amarildo, eu quero agradecer a vocês da televisão, que esse programa é vem fazendo sucesso em toda a cidade, e veio assim contemplar né o bairro Nossa Senhora das Graças pelos seus 38 anos de existência do nosso bairro. Estamos convidando a região tudo, aqui: o Minas Gerais, Marta Helena, Cruzeiro, o Gramado, o alto da região, aqui, o Santa Rosa, Liberdade, Esperança, pra esse grande evento que vai acontecer agora, no dia 14, né, aqui de frente, na praça Tenente Coronel Alves Carneiro, em frente a nossa paróquia. E quero contar, assim, com o apoio da região em massa, memo, pra nós fazer aqui um evento de muita festa. Vai ter muitos brinde, inclusive o sorteio de uma bicicleta! Cê entende! E quero agradecer de público, já, os apoiadores desse evento, aqui, da da nossa região, que foi fantástico! E quero pedir, assim, a maior contribuição, não estragar a nossa praça, trazer as crianças pra brincar: e nós vamos fazer um dia de festividade aqui, na nossa; nosso bairro.²²

É importante avaliar as maneiras como determinados grupos de bairro apropriam do espaço do programa para chamar atenção para algumas questões na cidade, como o caso do presidente da Associação de Moradores do Bairro Nossa Senhora das Graças, que faz uso dos meios de comunicação enquanto estratégia para convidar os moradores para participarem do projeto ao mesmo tempo em que alerta para a preservação da praça do bairro, aproveitando para dizer sobre a igreja, a escola e os 38 anos do Bairro Nossa Senhora das Graças.

É como se mencionasse as conquistas que os grupos de bairro alcançaram ao longo de quatro décadas, dando suporte de uma região consolidada, e a figura do presidente da associação como lugar de autoridade de quem pode falar sobre esta região ecoa incisivamente nas reportagens feitas para o programa, sugere a indagação sobre os motivos da necessidade destas falas.

²² JORNALISTICO. Programa Linha Dura. Uberlândia: TV Vitoriosa. Programa de televisão. [Arquivo pessoal - DVD, Programa exibido no dia 12/06/2009]. Reportagem com o presidente da Associação de Moradores do bairro Nossa Senhora das Graças, Abadio Duarte. Acervo particular de material áudio visual que acumulei durante os anos de 2008 e 2009.

A legitimação de um projeto que não surge no interior destas comunidades, o programa da *Rede Vitoriosa*, necessita de aceitação delas para conseguir chegar até estes moradores, aspecto importante que oferece indícios da existência de uma barreira em relação às posturas apresentadas nos programas televisivos, pois, a primeira percepção que se advém das exibições do programa *Linha Dura*, é que ele participa do cotidiano destes moradores, mas, na medida em que busca a aceitação destes grupos, quando desloca todo um aparato de redes e serviços com o projeto de ir para estas localidades, o que se percebe é a necessidade ainda de construir uma concordância destes moradores.

Esta relação é no mínimo intrigante ao passo que não fica apenas nas formulações primárias de que este programa se define como comunitário, pois necessita do aval da comunidade para poder fazer sentido, ao mesmo tempo em que estes moradores utilizam estrategicamente dessa relação para conseguir muitas ações na cidade.

O Sr. Abadio assume a responsabilidade pelo convite aos moradores para comparecer ao evento, convoca os bairros vizinhos e enfatiza o caráter de festa que o projeto assume: “e quero contar, assim com o apoio da região, em massa memo, pra nós fazer, aqui, um evento de muita festa. Vai ter muitos brinde, inclusive o sorteio de uma bicicleta! Cê entende?”. Esta prática entra em conformidade com as maneiras de atuação de grupos de bairros para mobilizar os moradores em torno da publicização do trabalho desenvolvido por associações de moradores, visto que nem todos os moradores participam diretamente deste tipo de movimentação.

O tornar conhecido através da realização de eventos não é uma prática inovadora, pois estes grupos desenvolvem este tipo de trabalho há cerca de 40 anos.²³

No entanto, a relação de um meio de comunicação que se coloca à frente de um projeto semelhante merece uma preocupação singular, visto que são vários interesses que estão em jogo nesta relação, seja dos grupos de bairros, da equipe de jornalismo dos comerciantes que movimentam a prestação de serviços ou até mesmo dos moradores, pois são várias atividades acontecendo em um mesmo espaço.

E pensando como estes moradores se apropriam do ambiente do projeto para reivindicar diversos benefícios, no entanto, a realização de serviços semelhantes àqueles

²³ Em conversa com líderes comunitários que desenvolvem esse tipo de trabalho frente às Associações de Moradores e Grupos Amigos de Bairros, falando de suas militâncias, apresentavam estas discussões, buscando nas narrativas de suas vivências, ressaltar um processo de aprendizado através das organizações de projetos como estes. Estas entrevistas serão trabalhadas no capítulo 2.

reclamados pelos moradores diariamente nas exibições habituais do *Linha Dura* em apenas um dia, através de uma festa, não soluciona problemas sociais mais profundos.

O sorteio de consultas médicas ou bolsas de curso profissionalizante nos eventos não garante a formação profissional necessitada pelos moradores que procuravam o programa nem a cura das enfermidades de moradores que ligam todos os dias para pedir auxílio para consultas, mas de qualquer forma, incentivava os moradores a identificar neste programa jornalístico, uma estratégia para conseguir que seus pedidos ou reclamações possam ecoar em várias dimensões.

Daí analisar a produção de visibilidade por estes moradores é importante para investigar como estes sujeitos estão orientando suas vidas pela prática de reclamações na cidade. O conjunto de reportagens exibido durante a semana anterior ao projeto no Bairro Tibery, que aconteceu no dia 27 de setembro de 2009, oferece indícios para averiguar de quais maneiras esta produção de visibilidade acontecia.

As várias reportagens abordavam questões referentes ao bairro, tais como, opções de lazer que o bairro oferecia e praças, mas, principalmente, questões que envolviam as dificuldades enfrentadas pelos moradores nos quesitos segurança, transporte e saúde. Este contou com uma atenção especial, uma vez que a UAI (Unidade de Atendimento Integrado) situada no bairro não conseguia atender a todos os moradores. Diante disso o apresentador do programa afirmava:

Agora, tem uma coisa que todas as vezes que eu falo da UAI do Tibery, eu fico, assim, pensando: até hoje, nada. Até hoje nada! Porque, de promessa, eu estou por aqui! De promessa, eu tô com aquilo roxo! Há muito tempo que a minha produção tá ta: “Amarildo, vai lá! Amarildo, vai lá!”. Eu fui, eu já pedi para vereador, já pedi... Só não pedi pro prefeito, ainda... Mas acho que vou ter que... Quem pode falar com o dono dos boi não conversa com peão... Precisa urgentemente, em frente à UAI do bairro Tibery, na Benjamim Magalhães, colocar um semáforo.²⁴

Os telespectadores estão sendo interpelados de várias maneiras, incentivados a procurarem programas jornalísticos semelhantes, jornais impressos e rádios, dentre as várias possibilidades de tornar públicas as suas queixas. Há de se pensar não somente na condição de porta-voz em que o programa *Linha Dura* se coloca, mas também nas

²⁴ JORNALISTICO. Programa Linha Dura. Uberlândia: TV Vitoriosa. Programa de televisão. [Arquivo pessoal - DVD, Programa exibido no dia 21/09/2009].

estratégias que ele almeja e nas táticas que estes moradores estão construindo para reivindicarem.

Isso não significa que os moradores desconheçam os órgãos responsáveis por cada serviço na cidade, muito pelo contrário, percebemos que as reclamações correntes no programa constantemente eram feitas após esta população procurar os responsáveis diretos pela execução do serviço e não ter resultados satisfatórios, ou seja; que os problemas fossem resolvidos.

No entanto, o confronto entre as práticas de buscar os órgãos responsáveis pelo serviço e procurar um programa de televisão, vai indicando pontos de complexidades que envolvem as ações dos sujeitos.

Nesse sentido cabe questionar o peso que se atribui a tais reclamações com essa visibilidade, pois o fato de não conseguir, por exemplo, que uma pessoa seja atendida no hospital público ou que um buraco seja tampado em frente à casa do morador, e o fato de tornar isso um problema de ordem social, ganha dimensões profundas e constrói de certa maneira uma coletividade em torno de problemas que outrora foram caracterizados como casos isolados.

Um morador, ao exigir que determinado serviço urbano aconteça pode até parecer uma questão individual, mas o fato de vários moradores procurarem meios de tornar notória cada insatisfação ou exigência ganha proporções gigantescas e preocupantes para o poder público municipal. O que viabiliza o retorno que vereadores e secretários de órgãos da prefeitura dão ao programa, e, de certa maneira, confere crédito para estes jornalistas cobrarem satisfações pelos serviços.

A vinheta do dia 22 de setembro de 2009 trazia a seguinte chamada: “Mulher internada na UAI do bairro Tibery não conseguiu ser transferida e morreu”. Tratava-se de uma senhora que foi internada na UAI do bairro Tibery – precisava de transferência para o Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia, mas não conseguiu e acabou falecendo. Na ocasião, a repórter Tânia Costa entrevistou o viúvo que se mostrava indignado:

E agora? A pergunta é: minha mulher tá enterrada. E aí? Eu queria saber por quê? Só um detalhe: corri até sexta-feira, fui atrás do vice-prefeito com a minha irmã, conversamos com ele... Não resolveram nada. Eu falei pra médica que são excelente, os médicos, só que eles têm a mão amarrada, coitados, que eles num pode fazer nada né, até

determinado lugar. Falei, falei com ele: ó, até o fim de semana, minha mulher tá deitada de costa, há 5 dias, em coma induzido...²⁵

O âncora procurava dar continuidade ao assunto dentro do estúdio de gravação:

o pior de isso tudo é que fica por isso mesmo, fica sem apurar. Mesmo que apure, a gente num vê a punição de culpados! E é porque é pobre... Porque é pobre, no sistema público de saúde! E olha que nosso sistema ainda é bom, mas não jus-ti-fi-ca, não justifica!”.²⁶

Tentando estabelecer um diálogo com o telespectador, o apresentador mostrava sua revolta através de gestos e articulações. Percebe-se, nestas reportagens, a continuidade do problema levantado pelo morador na reportagem do dia anterior, com o bairro em evidência, e as dificuldades enfrentadas pelos moradores no bairro Tibery. Este exemplo da morte da moradora diz respeito a uma condição extrema na qual os moradores eram submetidos. Dessa maneira, a evidenciação do bairro vai ganhando força a partir das queixas da população.

Considerando o jornalismo de cunho social a partir de um canal de TV aberto, a abrangência proporciona o estreitamento de laços que legitimam a reciprocidade ao ponto em que o morador utiliza esse jogo para que suas necessidades sejam resolvidas. Necessidades estas que se inscrevem numa conjuntura social de problemas vivenciados pelos moradores pobres da cidade.

Na exibição do dia 11 de maio de 2009, o programa trazia a reportagem com entrevista de alguns comerciantes do Bairro Nossa Senhora das Graças, pois não havia iluminação na rua onde se situavam seus estabelecimentos, e diante disso o comerciante conta todo o percurso que fez à procura dos responsáveis pela instalação dos postes de iluminação, sem obter sucesso:

fomos na prefeitura e também na Cemig, a prefeitura disse que num tem nada a ver com o negócio, a Cemig já deu logo uma lista de empreiteiras para que [...] nós possamos colocar o poste aqui por conta das empresas e o loteador disse que também não é responsável mesmo porque esse loteamento aqui é muito antigo e devido ser muito antigo a lei é antiga então não obrigava o loteador a colocar asfalto, esgoto e

²⁵ JORNALISTICO. Programa Linha Dura. Uberlândia: TV Vitoriosa. Programa de televisão. [Arquivo pessoal - DVD, Programa exibido no dia 22/09/2009]. Reportagem de Tânia Costa, entrevistando o viúvo (Carlos).

²⁶ JORNALISTICO. Programa Linha Dura. Uberlândia: TV Vitoriosa. Programa de televisão. [Arquivo pessoal - DVD, Programa exibido no dia 22/09/2009].

energia elétrica [...] na prefeitura não consta esse asfalto aqui... Consta na prefeitura que aqui é uma terra, é terra...²⁷

São várias reportagens com este tipo de reclamação. O comerciante Zé Carlos já havia procurado os órgãos responsáveis, não conseguiu solucionar o problema e, diante disso, buscou a reportagem do programa *Linha Dura*. O que abre margem para indagar qual o papel que este tipo de programa assume e as formas diferenciadas que vários moradores encontram para reclamarem. Essas falas trazem indícios de problemas de ordem pública que vão se consolidando na cidade.

Este problema levantado pelo comerciante, em 2009 se tratava de uma questão antiga que fará parte da pauta de notícias na imprensa durante a década de 1990, mas se percebe através, da reportagem do programa da *Rede Vitoriosa* que se trata de um confrontamento que se arrasta por cerca de 30 anos na cidade.

As reclamações sobre saneamento, energia elétrica e asfalto nos vários loteamentos de Uberlândia são constantes nos meios de comunicação em sentido geral, e, além disso, oferecem pistas de que são reclamações consolidadas pelos moradores em grupos de bairros, há cerca de 20 anos.²⁸

Portanto, permitem investigar a relação entre a formação da pauta de notícias tanto dos programas jornalísticos que circulam na TV como na imprensa, mas, acima de tudo, que estas pautas foram formadas pelos moradores e cristalizadas como necessidade de discussão na opinião pública.

Procurando entender a cidade no período que abrange as décadas de 1990 e 2000,²⁹ a partir das relações entre cultura e comunicação, acompanhar as formas como

²⁷ JORNALISTICO. Programa Linha Dura. Uberlândia: TV Vitoriosa. Programa de televisão. [Arquivo pessoal - DVD, Programa exibido no dia 11/05/2009].fala do comerciante Zé Carlos em entrevista para o repórter Amarildo Maciel.

²⁸ Pesquisando documentos de associações de moradores, encontramos ofícios enviados, cartas, comunicados, que dão pistas da dimensão das reclamações. Dentre as várias evidências destacamos: Ofício da Associação de Moradores do Bairro Luizote de Freitas, nº 017/1997 datado em 8 de abril de 1997, solicitando ao Secretário Municipal de Obras Manoel Rispoli, “providenciar a reparação de um buraco na Rua Genarino Cazabona com a Av. José Fonseca e Silva, Bairro Luizote”. Com esse caráter de solicitação ou cobrança de serviços, todos os grupos de moradores analisados, possuíam documentos que indicassem esse tipo de movimentação.

²⁹ No período de 1983 a 1988, a cidade teve como prefeito o Sr. Zaire Resende (PMDB), uma administração com a proposta de ser participativa, com intensas discussões com os moradores em grupos de bairros. Posteriormente, de 1989 a 1992, passou para a administração Virgílio Galassi (PSDB) pautado em uma atuação visando alavancar o agronegócio e o empresariado na cidade, sucedendo, seu companheiro de partido Paulo Ferolla (PSDB) entre 1993 e 1996, novamente Virgílio Galassi em 1997-2000, já em 2001 a 2004, Zaire Rezende retorna à prefeitura buscando aquelas bases do governo participativo. De 2005 a 2012, por dois mandatos consecutivos, o Sr. Odelmo Leão (PSDB) assume a administração municipal, propondo continuidade no incentivo ao empresariado e ao agronegócio. Sobre as sucessões de prefeitos na cidade durante o período entre as décadas de 1980 e 2012. Ver:

os moradores se relacionam com diferentes meios de comunicação na cidade permite pensar sobre quais maneiras essas evidências propiciam compreender os elementos culturais que são colocados em questão.

De uma maneira mais próxima das vivências dos moradores pobres determinadas programações jornalísticas acabam fazendo parte do cotidiano na cidade, enquanto articulador de processos sociais, seja na inscrição destes grupos no âmbito da cidade, seja nas relações mais específicas entre vizinhos no dia a dia das famílias.

Aspecto fundamental que permite analisar as várias facetas assumidas pelos grupos de moradores para empreender transformações no espaço urbano. Pois, torna-se enfrentamento necessário na investigação historiográfica reconhecendo os desafios que a problemática impõe do começo ao fim no processo de escrita deste trabalho.

Estas construções acerca do lugar do pobre na cidade não são uma questão recente, que se consolida com o programa *Linha Dura*, pois vemos indícios da periferia como o centro das necessidades de sobrevivência de moradores pobres, em vários segmentos, dentre eles na imprensa.

Contudo, foi instigante procurar as maneiras como tais formulações foram se consolidando no decorrer de vinte anos na cidade e as maneiras como se encobriam outros movimentos no interior desta mesma periferia que aparentava estanque. O que estas concepções sobre a periferia na cidade indicavam? Desde quando se falava em bairros pobres? Como os moradores destas regiões lidavam com essas questões?

Perseguindo estas questões, encontramos no artigo de Soares e Bessa, uma pesquisa que avaliava os processos da especulação imobiliária no espaço urbano de Uberlândia, na década de 1990.³⁰ O que nos interessa neste trabalho diz respeito ao

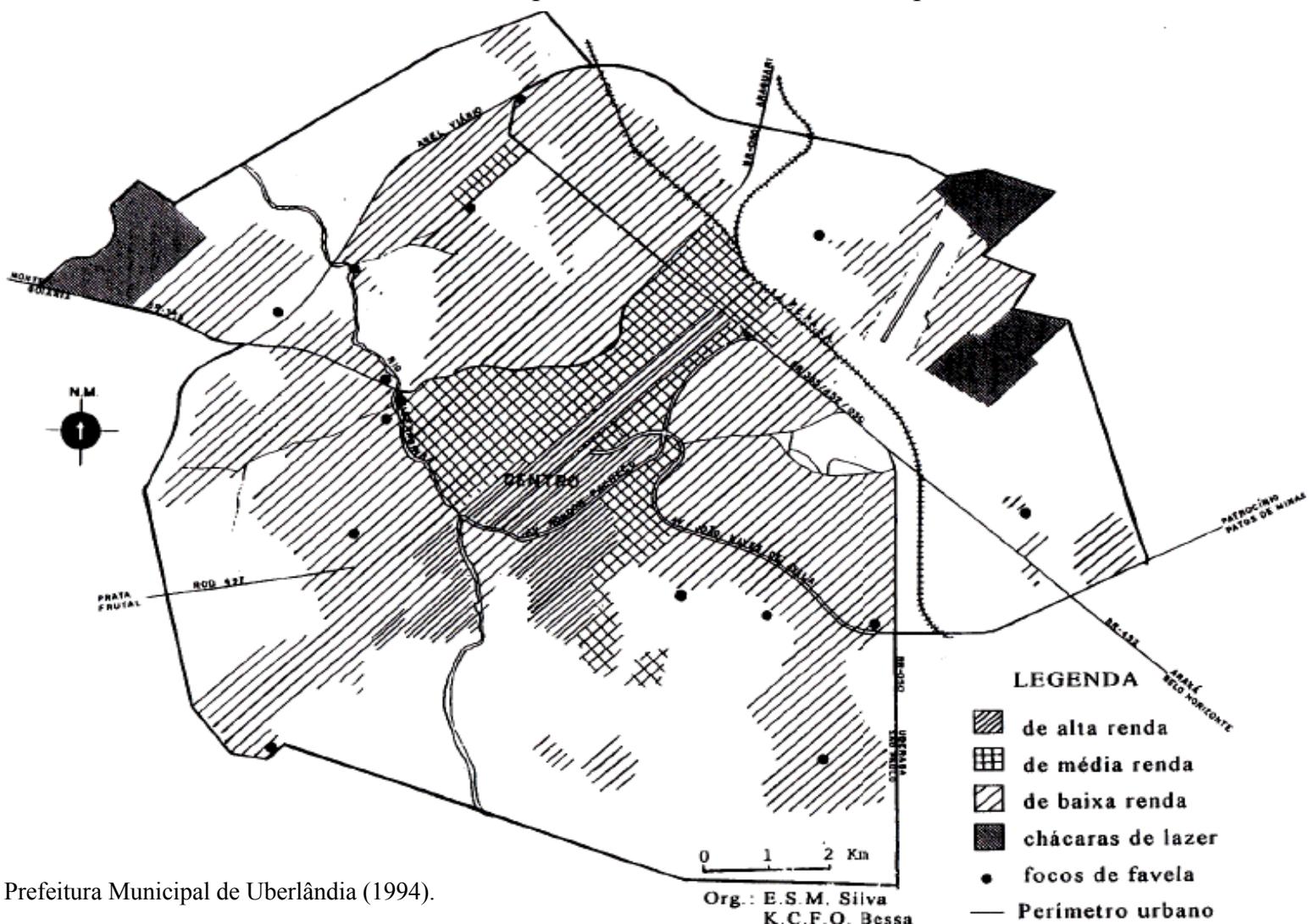
PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. Disponível em:
<<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=secretariasOrgaos&s=23&pg=738>>. Acesso em: dez. 2012. As características das administrações municipais, pudemos acompanhar através das análises do *Jornal Correio de Uberlândia*, que procurava acompanhar as mudanças na diagramação, em consenso com as mudanças nos interesses dos grupos dominantes na cidade.

³⁰ O artigo procurava “compreender e analisar o processo de organização do espaço urbano de Uberlândia e o significado da especulação imobiliária, destacando, especificamente, uso e ocupação do solo, evolução da mancha urbana, ação dos agentes modeladores do espaço e a existência de ‘vazios’ urbanos”. Esclarecemos que esta pesquisa se situa a partir de lugares distintos daqueles pesquisados pelas autoras, apresentando outros posicionamentos em termos de investigação e perspectiva, não obstante, reconhecemos as questões trabalhadas pelas autoras também como importante para se compreender o espaço urbano da cidade de Uberlândia. Ver: BESSA, K. C. F. O.; SOARES, B. R. O significado da especulação imobiliária no espaço urbano de Uberlândia-MG. *História e Perspectivas*, Uberlândia, v. 16/17, jan./dez. 1999, p.121-148.

mapa onde as autoras identificam os “focos de favela”³¹ na cidade durante a referida década. Observando o mapa abaixo, percebe-se a distribuição de loteamento de acordo com a renda da população na cidade durante o ano 1994, avaliando que a maioria dos espaços loteados na cidade durante a década é destinada à população de baixa renda, e juntamente com eles os “focos de favela”.

³¹ As autoras caracterizam as favelas “com precárias condições de habitabilidade e não dispondo de infraestrutura básica, encontram-se nas periferias, fundo de vales e juto às principais rodovias.”. BESSA, K. C. F. O.; SOARES, B. R. O significado da especulação imobiliária no espaço urbano de Uberlândia-MG. In: *História e Perspectivas*, Uberlândia, v. 16/17, jan./dez. 1999, p. 135.

IMAGEM 2 – Mapa de Uberlândia: loteamento por renda



Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia (1994).

O mapa é significativo para contrastarmos com as formulações que permearam as décadas de 1990 e 2000 sobre os lugares da pobreza na cidade e o campo de atuação da imprensa quando se volta para discutir questões sobre os reclames dos moradores assim como os bairros que o programa *Linha Dura* assumirá enquanto lugar de atuação da reportagem.

Investigar os desenhos que vão se construindo sobre a cidade foi uma estratégia importante para pensar nas legitimações das disputas pelas inscrições dos moradores nas pautas de notícias que são formadas na TV, e para uma delimitação histórica de quem sejam estes moradores. Considerando o percurso de circulação destas notícias, assim como suas cristalizações em determinadas categorias, tornam-se desafios a serem desmembrados.

Nesse sentido, estes mapas³² ofereceram possibilidades para visualizar as construções destas categorias na cidade durante aproximadamente vinte anos. Também propiciou confrontar com ofícios que estabelecem as movimentações dos moradores enviadas aos vereadores e contrastar com outras estratégias de comunicação empregadas pela população na cidade.

Grande parte das reclamações que chegavam ao programa *Linha Dura* no final da década de 2000 partiam de regiões que outrora foram caracterizadas enquanto “foco de favelas” em meados da década de 1990, conforme situado na IMAGEM 2.

³² Sheille Soares discutindo as ocupações em diversas regiões da cidade lança um olhar para a “geografia espacial” construída na cidade enquanto territórios de disputas. Para isso, analisa o mapa de perímetro urbano de Uberlândia (jul. 2000), evidenciando os espaços vazios que correspondem aos loteamentos e bairros não integrados pela Secretaria de Planejamento Urbano, atentando para existência de “modos de viver disputando essas áreas”, uma vez que na pesquisa da autora, suas intenções correspondem a acompanhar os moradores que vivem “nas margens” dos rios e córregos que cortam a cidade e vivenciam um conflito pela moradia, diante dos embates com a prefeitura em desapropriar estas regiões para a construção de parques lineares, e que serviam a grupos dominantes na cidade. Ver: FREITAS, Sheille Soares de. *Por falar em culturas... Histórias que marcam a cidade*: Uberlândia-MG. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009, p. 56. As considerações da autora oferecem contribuições no sentido de inquietarmos sobre os desenhos da cidade a partir dos mapas, no entanto, nossa proposta diverge em trabalhar as disputas por memórias sobre as periferias, nesse sentido, analisamos os mapas sobre a cidade procurando compreender a consolidação de marcos sobre os sujeitos no espaço urbano.

1.2 Moradores no jornal: a imprensa na cidade

Em busca de evidências que sinalizassem para as movimentações dos moradores pobres, através da imprensa e que de alguma maneira permitisse acompanhar os aspectos que dinamizavam a cidade nas páginas do *Jornal Correio de Uberlândia*, pesquisamos o acervo do Arquivo Público Municipal da cidade, no período de 1990 a 2009.

Esse recorte permitiu investigar quais os processos históricos que estavam em questão naquele período, a fim de propiciar compreender que cidade era essa feita pelas exigências, pedidos, reclames e queixas dos moradores, indagando de quais maneiras era possível entender essa cidade feita pelas reivindicações destes sujeitos no campo da comunicação.

A metodologia desenvolvida procurava identificar e investigar os movimentos de reclamações dos moradores através da imprensa que falava desta cidade, no entanto, analisando os jornais, indagamos quais as reivindicações que permitem fazer uma caracterização dos bairros e como os moradores e produtores de notícia vão percebendo e vivenciando a cidade, perguntando de quais maneiras os movimentos de reivindicações constituíam hábitos cotidianos dos leitores e dessa forma orientavam suas práticas de vida urbana.

Analizando os modos como os moradores pobres apareciam nas páginas do *Jornal Correio de Uberlândia*, procuramos os espaços que eram destinados às reivindicações dos moradores, assim como suas queixas, cobranças e outras percepções que se manifestavam nas páginas do jornal.

O que ficou evidente a partir disso foi que, embora existissem alguns espaços reservados para este tipo de notícia, ela não aparecia de forma isolada no corpo do jornal, uma vez que tais queixas dos moradores em relação à cidade extrapolavam os limites das colunas reservadas para tal.

Dessa maneira, começamos a mapear como tais reivindicações compunham os diferentes lugares do jornal, quando submergiam a cidade a segundo plano em favor de exigências que circulavam no campo do individual/privado, quando mostravam movimentações coletivas em torno de uma reivindicação de grupos, ou até mesmo quando estas questões apareciam declaradamente na inscrição da cidade como central no debate que era ali estabelecido a partir da palavra impressa.

No ano 1995, o *Jornal Correio de Uberlândia* apresenta a sessão *Boca no Trombone*, um espaço reservado aos assuntos referentes à cidade para que os leitores participassem com suas reclamações e denúncias no jornal, de questões alusivas ao espaço urbano. Os reclames vão desde denúncias de serviços mal feitos pela prefeitura até queixas de buracos, lixos, desrespeito às leis de trânsito na cidade, dentre outros:

Morador do bairro Roosevelt reclama que alguns garotos estão atravessando de bicicleta a passarela em frente da rodoviária e desrespeitando o espaço do pedestre. Ele disse que eles trafegam de forma perigosa e já derrubaram muitas pessoas.³³

Nem todas as reclamações eram destinadas a um responsável especificamente, muitas vezes seu intuito era demonstrar indignação por alguma situação ou até mesmo chamar atenção de outros moradores, num sentido geral, para determinado desrespeito, como no caso acima, uma vez que não indica quem estava se queixando e para quem se direcionava tal reclame.

Contudo, o dizer acima nos indica uma relação de convivência no espaço da cidade, em especial “o espaço do pedestre”, alertando para as questões de segurança dos transeuntes no bairro Roosevelt.

Desta maneira, trata-se também do modo como grupos de moradores vivenciam a cidade numa perspectiva da comunicação, e também nos usos sociais que estes grupos faziam da palavra impressa para vivenciar este urbano.

Reclamações como estas referem a certa disputa pela notícia a partir do momento em que este morador se apropria do jornal para expor sua indignação e para sensibilizar outros moradores para a questão do desrespeito ao pedestre, visto que reclamações de teor semelhante são recorrentes na *Sessão Boca no Trombone*.

Vale ressaltar que esta sessão assume importância nos assuntos em voga naquele momento discutidos pelas reportagens do *Jornal Correio de Uberlândia*, uma vez que percebemos, de acordo com o tipo de notícia publicada pelo jornal em um determinado dia, referente as questões da cidade, que a sessão *Boca no Trombone* trazia reclamações feitas pelos moradores/leitores associadas ao assunto de destaque sobre a cidade.

³³ DESRESPEITO. CIDADES/ CLASSICORREIO. Boca no Trombone. JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA, 13/08/1996, p. 10.

Em algum momento, assim que reportagens sobre lixos e falta de saneamento ganhassem destaque nos temas sobre a cidade, consequentemente a *Boca no Trombone* trazia reclamações de moradores sobre estas mesmas questões.

Essa percepção nos leva a relacionar tal sessão enquanto um reforço da notoriedade daquele assunto naquele momento que o jornal procurava construir como importante para a cidade, ditando, assim, o que se concretizava como necessidade de ser discutido pelos leitores em Uberlândia.

Isso não quer dizer que as reclamações dos moradores não existissem, mas, por outro lado, nos leva a ponderar que havia uma estratégia de organização intencional em definir o que era importante ser discutido naquele momento.

O tamanho da sessão é flexível, conforme as demandas dos leitores, mas também articulado com os interesses do corpo editorial em projetar o *Jornal Correio de Uberlândia* na condição de “veículo de comunicação da cidade”, visto que a *Boca no Trombone* vai transitar no corpo do jornal entre os anos de 1995 e 2005.

Desta maneira, acontece um movimento de diminuição deste espaço considerado específico para o leitor opinar sobre as questões da cidade no período de 10 anos, acompanhando sempre as mudanças na diagramação do jornal.

Cabe indagar: como este movimento oferece subsídios para pensar historicamente o que está acontecendo na cidade, nesse período, que faz com que alguns espaços de diálogos na periodicidade da imprensa sejam tão flexíveis?

Acompanhar este movimento na palavra impressa, em diálogo com as reflexões de Raymond Williams, permite que, no caminho traçado para esta investigação, se desvende importante, uma vez que parte dos meandros da linguagem como parte essencial na dinâmica social.

Percorrer tal movimento através do *Jornal Correio de Uberlândia* revelou estratégias de composição social e inscrição na cidade, tanto dos leitores na condição de produtores de notícias, como no grupo de profissionais que produzem o jornal.

Sendo assim, no decorrer deste capítulo, enfatizo os movimentos pelos quais a sessão *Boca no Trombone* passou, como também sua diluição no conjunto de páginas dos cadernos do *Jornal Correio de Uberlândia/Jornal Correio do Triângulo*,³⁴ associando-se com as transformações que estavam acontecendo no campo da comunicação e diretamente envolviam os movimentos na cidade, mas principalmente

³⁴ Entre os anos de 1991 e 1995, o jornal se chamava *Jornal Correio do Triângulo*.

destacando os sujeitos leitores/produtores de notícia que articulavam com a palavra impressa as questões do viver urbano.

Durante a década de 1990, intensificaram-se os movimentos de ocupação nos bairros destinados a uma determinada faixa da população alocada na condição de pobres.

Nesse sentido, os bairros constituídos por conjuntos habitacionais terão as reivindicações mais acentuadas diante da falta de planejamento pelas construtoras e da realização de um serviço deficiente, visto que muitas das promessas que eram feitas para estes moradores que compravam as casas financiando-as em diversas prestações, na prática, não aconteciam e, diante disso, os reclames cobriam as páginas do jornal.

Esse movimento de reclamações, no caso do bairro Morumbi, culminou nos anos finais da década de 1990 e início dos anos 2000, com uma investigação sobre a construtora encarregada do serviço.

As reclamações dos moradores vinham de diversas formas, através de ligações telefônicas, cartas, ou mesmo das reportagens a partir das falas dos líderes comunitários, e tomaram as páginas do *Jornal Correio do Triângulo* de forma a infraestrutura do bairro se revelar como problema e preocupação na cidade inteira, seja pela fala da prefeitura ao culpar o crescimento desordenado, sejam pelos moradores destes bairros cobrando os serviços relativos às áreas dos loteamentos.

Não se trata de um movimento que ocorre somente a partir de moradores de um determinado bairro, mas que alcança, ao mesmo tempo, diversos bairros na cidade e de certa forma movimenta o urbano.

O que permite pensar sobre os significados que determinadas linguagens têm na constituição do social.³⁵ Daí pensar que estes movimentos estão ativos e permitem questionar seus contrastes na atuação de sujeitos sociais na dinâmica da cidade.

Não são casos isolados. Contudo, há de se fazer uma seleção que parte de escolhas do historiador para a pesquisa,³⁶ uma vez que as tarefas de transformar um jornal em fonte é uma escolha do pesquisador.

³⁵ Raymond Williams propõe a investigação das linguagens a partir das experiências concretas, diferentemente da compreensão que define linguagem como um sistema de signos e significantes apenas, o autor abre possibilidades para entendê-la enquanto construção social: “a linguagem é a articulação dessa experiência ativa e em transformação; uma presença social e dinâmica no mundo.” Ver: WILLIAMS, Raymond. Língua. In: _____. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1979, p. 43.

³⁶ Ver: CRUZ, H. F.; PEIXOTO, M. R. C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, dez. 2007.

Diante disso, os bairros apresentados e discutidos a partir das reivindicações dos moradores, aqui são significativos para pensar esses movimentos que estão acontecendo na cidade a partir dos contornos do território.

Não obstante, a forma que o jornal referenciava os moradores apresentava posicionamentos distintos e formulações divergentes a respeito do bairro e até mesmo da cidade em questão.

O que se percebe, a partir disso, é um movimento que está acontecendo a partir das maneiras como são colocadas as categorias de bairro e comunidade através do *Jornal Correio de Uberlândia*, uma vez que, partindo do suposto do jornal enquanto “força ativa no social”, procuramos discorrer sobre esta questão.

Os modos de tratar estes moradores que reivindicam transformações no espaço urbano também apresentam, a partir da linguagem, movimentos que demarcam posicionamentos e formam opiniões mediante a palavra impressa.

Nesse sentido, acompanhando os contornos mediante os quais o jornal menciona estes moradores, evidenciamos um processo histórico a partir da afirmação destes sujeitos moradores da cidade nas disputas pelo espaço urbano.

No dia 7 de agosto de 1991,³⁷ o *Jornal Correio do Triângulo* apresenta uma reportagem significativa quanto aos programas desenvolvidos pela prefeitura para resolver o “problema da proliferação de favelas” na cidade de Uberlândia. O jornal vem ratificando esta preocupação da prefeitura desde o ano 1990. Em 1991, as discussões se avivam e a preocupação da prefeitura se acentua.

Todavia, esta não é a única reportagem que trata do assunto, várias reportagens discutem a questão das ocupações, dos posseiros, dos assentamentos que se localizam nos contornos da cidade e trazem o viés de preocupação da prefeitura com as favelas.³⁸

Discutindo as trajetórias dos “trabalhadores ocupantes de terra” no Bairro Dom Almir, Rosângela Petuba, trabalha a partir da representação que estes trabalhadores fazem da transição do campo para a cidade, suas experiências de vida na cidade.

Aponta as contradições que envolviam a cidade, idealizada a partir da noção de progresso e modernidade, para os überlandenses, configuradas nas falas da prefeitura e

³⁷ CIDADES/ POLÍCIA. [Reportagem Local] Programa Municipal quer acabar com 11 favelas. JORNAL CORREIO DO TRIÂNGULO, Uberlândia, 7 ago. 1991, p. 15.

³⁸ Ver: PETUBA, Rosângela. Uma cidade, muitas histórias: trajetórias de vida dos trabalhadores ocupantes de terra do bairro Dom Almir, Uberlândia (1990-2000). *História e Perspectivas*, Uberlândia, v. 27/28, jul./dez. 2002. jan./jun. 2003, p. 375.

da imprensa enquanto grupo dominante; em contraste com o crescimento da pobreza, que era atribuída aos migrantes que chegavam na cidade.

Dessa maneira, a concepção de memória trabalhada pela autora, aponta que:

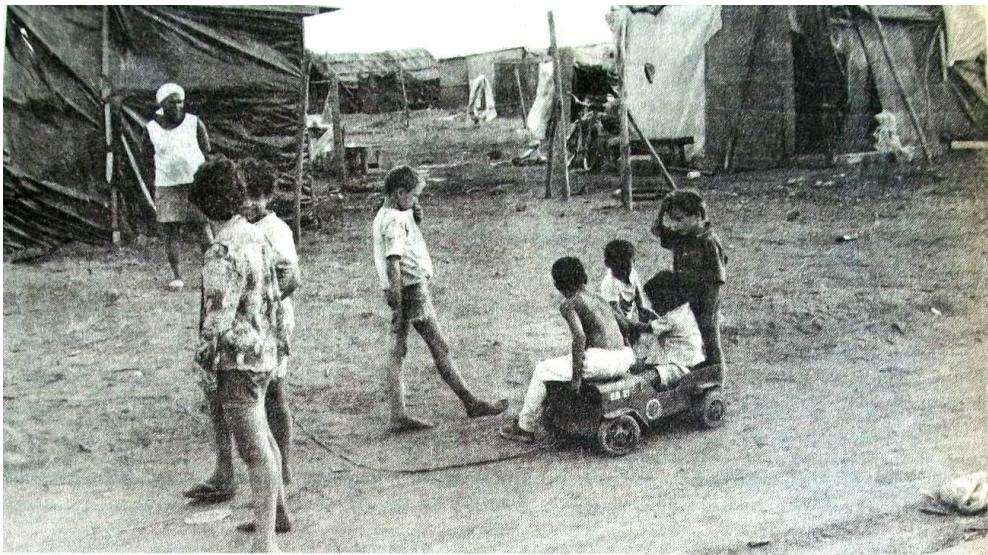
Nesse narrar de vivências anteriores, a memória aparece como um processo vivo de lembrar e esquecer e influi na maneira pela qual as pessoas organizam sua vida cotidiana, o seu espaço doméstico, seus tempos de trabalho e lazer, seus hábitos de vizinhança, enfim, na maneira como constituem seu código de valores e tecem os elos entre si e os lugares onde moram.²⁸

As discussões de Petuba são importantes na medida em que nos instiga a procurar outras possibilidades para as relações das vivências dos moradores na cidade, ressaltando as diferenças de perspectivas tanto em relação ao modo em se trabalhar com história oral, uma vez que a autora analisa a partir da concepção de depoimento.

Vale ressaltar as distinções nas maneiras de posicionamento político em relação à prática de entrevistas. Compreendemos que a prática de entrevistas, não se pauta em depoimento oral, mas sim em escolhas que tanto os entrevistados quanto entrevistador, assume durante os diálogos.

Assim como, a relação entre pobreza e cidade, considerando que, também analisamos o mesmo período na imprensa. Partimos de diferenciações significativas ao trabalhar com os sujeitos nas periferias da cidade, visto que importa a nós, investigar as relações entre memórias sobre a pobreza enquanto questão, necessária de ser problematizada.

IMAGEM 3 – Bairro Dom Almir



No Bairro Dom Almir, centenas de famílias vivem em favelas

Programa municipal quer acabar com 11 favelas

Uberlândia
Da Reportagem Local

O Programa de Desfavelamento da Secretaria Municipal do Trabalho e Ação Social pretende acabar com 11 focos de favelas existentes em Uberlândia. Há um ano o programa está sendo preparado para atender 180 famílias carentes, mas foi a partir de Janeiro que os assentamentos efetivos começaram a ser feitos.

São consideradas favelas, pela Secretaria, barracos construídos em áreas da prefeitura ou em áreas de riscos (beira de rios, de fossas, etc.). Há três anos, pessoas se cadastraram junto à Secretaria requerendo a compra de terrenos através do Programa de Desfavelamento. Foi

feita uma triagem na qual considerou-se principalmente o requerente estar empregado e os filhos estarem estudando. Mas, segundo Elizabeth Carvalho, uma das coordenadoras do programa, cada caso é um caso e deve ser analisado separadamente.

Através do programa, os cadastrados selecionados compram terrenos a serem pagos em 50 meses. As prestações são calculadas sobre 20% do salário-mínimo vigente no país. O DMAE parcela o valor do hidrômetro em seis prestações (uma entrada de Cr\$ 10 mil e cinco parcelas de Cr\$ 2.100,00) e libera a taxa de ligação.

Além disto, a Secretaria do Trabalho e Ação Social fornece um

modelo de planta para a construção da casa (dois quartos, sala, cozinha, banho e área de serviço).

Elizabeth Carvalho disse que já é possível perceber uma mudança no comportamento das famílias assentadas. Segundo ela, "as pessoas se tornaram mais dignas, mais responsáveis, alguns indivíduos pararam de beber e de pedir donativos".

O cadastramento para o programa está suspenso, enquanto isto um foco de favela surge no bairro Dom Almir (se é que se pode chamar de bairro), o maior de todos até agora. Cerca de 500 famílias estão instaladas lá, em condições sub-humanas, em barracos de lonas sem água, luz e esgoto.

Fonte: CIDADES/ POLÍCIA. [Reportagem Local] Programa Municipal quer acabar com 11 favelas. Jornal Correio do Triângulo, Uberlândia, 7 ago. 1991, p. 15.

Colocando em questão as categorias para designar o que se considerava como uma favela segundo a Secretaria Municipal do Trabalho e Ação Social, a partir de uma simplicidade contestável, o jornal nomeia o que se atendia na condição de favela na cidade. Contudo, a questão parece bem mais complexa do que um problema de

caracterização do que é uma favela, pois se constata um movimento, no jornal, que abrange designações para classificar do que se trata uma favela, um bairro, uma comunidade.

Visto que o jornal possui espaços hierarquizados na arte que compõe a diagramação, pensar nos movimentos das reportagens, na distribuição das páginas e das sessões nos inquietamos a partir do momento em que percebemos que em cada caderno diferente havia uma designação distinta para estes grupos de moradores na cidade.

Por exemplo: quando a reportagem buscava defender estes moradores que ocupavam espaços no território urbano, várias vezes a designação de comunidade impunha um peso estratégico para destacar a ideia de coletividade em torno de um grupo pobre, necessitado de amparo por parte dos órgãos públicos, o que demonstrava a noção de solidariedade com a causa destas pessoas.

Por outro lado, quando esta mesma comunidade aparecia nas páginas policiais, o sentido já mudava no trato da reportagem: a definição de favela designava a falta de ordem e o aumento da violência na cidade, acrescentado pelas falas de moradores de bairros próximos a estas localidades que se colocavam contra os grupos de moradores chamados de “invasores. Daí, a forma como estes grupos eram referenciados muitas vezes também se revelava como estratégias de outros grupos de moradores empenhados em mobilizar a opinião pública através da imprensa para conseguir que estes moradores não ocupassem áreas próximas às suas propriedades.

Os recursos utilizados através da linguagem se mostravam eficazes também para outros grupos de moradores que se alocavam na condição de moradores de bairros contra as “invasões” de outros grupos que eram caracterizados como favelados. Percebem-se, portanto, as várias intenções que distintos sujeitos assumem diante da palavra impressa, assim como os meios que empregam a partir da linguagem para disputar o espaço da cidade.

Reconhecendo que estas disputas estão incidindo nas páginas do *Jornal Correio do Triângulo*, analisamos como estes produtores de notícia vão se inserindo no debate e também criam uma pauta de notícias a partir da inscrição na cidade, configurando aspecto essencial na relação entre os sujeitos sociais.

Ao procurar no jornal, vestígios de como estes bairros estavam sendo caracterizados naquele momento, percebemos o forte apelo para delimitar a periferia enquanto o lugar da pobreza e o campo de tensão que fazia contrapor a cidade como um espaço homogêneo.

Nesse sentido, chamou atenção uma reportagem sobre os serviços que a prefeitura estava implementando a partir da construção das UAIs – Unidades de Atendimento Integrado. O título na parte superior da primeira página do caderno *Correio Cidades*: “Prefeitura entrega unidades de primeiros socorros na periferia”,³⁹ trazia a notícia da inauguração do referido posto de saúde nos bairros Luizote de Freitas e Planalto e apresentava as propostas de construção de mais unidades nos bairros Pampulha, Taiaman, Roosevelt e Tibery, previstas para 1993.

Nos primeiros anos da década de 1990, são constantes as notícias de ocupações, falta de hospitais na cidade, atendimento precário para a população de baixa renda, além das queixas pela ausência de rede de esgoto e iluminação nos bairros dos contornos da cidade. São indícios de que estes moradores estão se movimentando nas páginas do jornal com interesses nas questões da cidade, que edifica sua pauta de notícias e firma-se nas movimentações destes sujeitos. Isto é: existe uma relação para compor este conjunto de notícias pela percepção do que estava em voga naquele momento, centrando na comunicação como estratégia para atuar no social.

Dessa maneira, são várias as cidades que ganham sentido no espaço urbano de Uberlândia, pois não se trata de uma construção que revela apenas uma Uberlândia, mas sim uma rede de tensões que se delineia a partir das maneiras como estes moradores aparecem cotidianamente na imprensa.⁴⁰

³⁹ IN PRENSA. Prefeitura entrega unidades de primeiros socorros na periferia. JORNAL CORREIO DO TRIÂNGULO, Uberlândia, 30 dez. 1992, p. 9.

⁴⁰ Discutindo no campo da comunicação social, as pesquisas que tratam da temática da agenda-setting sobre a formação da opinião pública na mídia, Barreta e Cervi, nomeiam os trabalhos a partir da década de 1970, em que formularam o conceito de agenda-setting, apontando para a influência que os meios de comunicação exercem na sociedade, assim como discutem também o contra-agendamento, o qual pressupõe o sentido inverso. Dessa forma dialogando com Barros Filho, os autores apontam algumas possibilidades na compreensão, diante de tantas formulações sobre o assunto: “Segundo Barros Filho (1995) quanto maior o grau de relações interpessoais entre os membros de uma comunidade, menor a influência da mídia, isto é, o poder de agendamento. É também a partir destas relações que a sociedade ganhará força e será capaz de influenciar a mídia: trata-se do contra-agendamento.” Ver: BARRETTA, Leonardo Medeiros; CERVI, Emerson Urizzi. Contra agendamento: evoluindo na hipótese do agenda-setting. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 13, 2012, Chapecó. *Anais...* Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-1706-1.pdf>>. Acesso em: nov. 2012. Barreta e Cervi concluem que é necessário avançar em termos de definição e aprofundar nos estudos que tratam das temáticas do agendamento e contra-agendamento a fim de vislumbrar outras possibilidades. Diante das discussões dos autores, importa para esta pesquisa historiográfica refletir sobre as possibilidades do contra-agendamento a partir dos caminhos que pressupõem não só a influência da sociedade nos meios de comunicação, mas como suas articulações têm indicado a potencialidade dos sujeitos sociais em contestar determinados senso comuns, a partir das relações contra-hegemônicas trabalhadas na perspectiva de Raymond Williams. No entanto, cabe salientar que “Pode-se argumentar de maneira persuasiva que todas, ou quase todas, as iniciativas e contribuições, mesmo quando adquirem formas manifestamente alternativas ou oposicionais, estão na prática ligadas ao hegemônico: isto é, que a cultura dominante produz e limita, ao mesmo tempo, suas próprias formas de

Juntamente com as reivindicações de necessidades variadas, o jornal procurava enfatizar as ocupações de terrenos em primeiro plano. Foi o caso do conjunto de reportagens que permeou toda a página A5 do caderno Cidades, na edição de domingo, em 5 de agosto de 1990.

Na matéria intitulada “Déficit habitacional: drama se agrava com a invasão no São Jorge”, o texto trazia os famosos versos de Adoniran Barbosa⁴¹ para abrir a discussão das necessidades das 200 famílias que haviam acabado de ocupar a área do Conjunto Habitacional Parque São Jorge IV. Na oportunidade, as reportagens mapeavam os “focos de favelas” na cidade: “Ao todo são cerca de 2000 pessoas vivendo em condições sub-humanas de existência, em barracos de plástico e papelão, sem luz, rede de esgoto e água em alguns casos.”⁴²

O *Jornal Correio de Uberlândia* assinalava que a maioria destas pessoas estavam cadastradas na Empresa Municipal de Construções Populares (Emcop), evidenciando que havia gente inscrita há aproximadamente dez anos. Contudo, como a renda da família não era suficiente, muitos dos moradores decidiram ocupar estas áreas, uma vez que já haviam feito as inscrições.

Dessa maneira, as ocupações se revelavam como estratégias para que conseguissem comprar os terrenos para os quais haviam feito cadastros:

Os interessados esperavam como podiam, mas o aumento dos aluguéis e a falta de política salarial do país conduziu-os à atitude extremada de ocupar os terrenos do Parque. A notícia correu de boca em boca, os antigos candidatos da casa própria reivindicam agora comprar o terreno e construírem seus barracos.⁴³

Interessa avaliar que a reportagem denota um tom de solidariedade para o fato da ocupação, com uma narrativa rebuscada de um cuidado que leva o leitor a se condescender daquela condição de vida “sub-humana”, segundo as palavras do *Jornal*

contracultura.”. Ver: WILLIAMS, Raymond. *Hegemonia. Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1979, p. 117.

⁴¹ “Foi aí, seu moço, que eu Mato Grosso e o Joca/ Construímos nossa maloca./ Mas um dia, nós nem pode se alembrá,/ Veio os home com as ferramenta,/ O dono mandou derrubar.”

⁴² MARTINS. Tânia. CIDADES. Déficit habitacional: drama se agrava com a invasão no São Jorge. *Jornal Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 5 ago. 1990, p. A5.

⁴³ MARTINS. Tânia. CIDADES. Déficit habitacional: drama se agrava com a invasão no São Jorge. JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA, Uberlândia, 5 ago. 1990, p. A5.

Correio de Uberlândia, que pareciam apenas esforçar-se por revelar uma estratégia destes moradores em conseguir aquilo pelo qual vinham lutando durante vários anos, como o direito de poder comprar suas casas.

Um sintoma deste conflito diz respeito à maneira que a prefeitura se preocupa com estes moradores, e, contudo, se desassossega com uma cidade de Uberlândia que está “inchando” de forma “distorcida” e “desordenada”, uma cidade que não deveria chegar ao ponto em que não é mais possível controlar a quantidade de habitantes⁴⁴ e os lugares que lhes foram reservados.

O mais intrigante nesta relação é que este conflito está acontecendo nos mesmos lugares que seriam, por excelência, destinados a essa população de baixa renda, pois as ocupações incidem nos espaços em que foram construídos os conjuntos habitacionais: uma vez que estes lugares são reservados para esta população, ela os ocupa, contudo, pontos destoantes neste mesmo grupo.

O que se suporia uniforme, lhes revelam como extremamente desigual, na medida em que é composto por moradores que compram suas casas e também por outro grupo de moradores que ocupam estas áreas; ambos, na visão do poder público, compõem um grupo homogêneo, quando, na prática, não é isso que acontece, porque não existe planejamento para esta cidade.

Este posicionamento é o que transparece no conflito estabelecido entre poder público e moradores na periodicidade da imprensa entre os anos 1990 e 1999. Esse movimento aumenta cada vez mais, o problema da habitação ganha notoriedade na década.

Embora não seja a única reivindicação dos moradores, há de se considerar que o jornal vai criando um espaço comum de problemas que permeiam o território da cidade, a partir das queixas dos moradores e da maneira como a questão se torna recorrente para os vários segmentos sociais, uma vez que envolverá comerciantes, vereadores, moradores, e implicará nas questões de trabalho, circulação dos sujeitos na cidade, moradia etc., enfim todas as estratégias que compõem o viver urbano e a maneira como os sujeitos vivenciam a cidade.

⁴⁴ A discussão entre a diferença entre habitantes e moradores, aqui empreendida, pauta-se nas reflexões de Lefebvre sobre a distinção de sentidos entre uma palavra e outra. Neste caso, em especial, a intenção em utilizar o termo “habitantes” para se referir à maneira como a prefeitura lida com a questão da moradia na cidade oferece um contraste nos sentidos de como estes moradores se veem como moradores pertencentes à cidade que estão disputando um espaço que é também social. Ver: LEFEBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

Contudo, na contramão destas questões, o jornal vai revelando uma tensão que se consolida como questão primordial diante de tantas reivindicações: a urgência em resolver o problema da pobreza na periferia de Uberlândia, noticiando as pesquisas feitas pelo IBGE, ou até mesmo encomendando pesquisas para avaliar os índices de pobreza na cidade, e, consequentemente, limitando os locais de conflitos que, por sinal, são as localizações de área recorrente nas diversas páginas e sessões do jornal.

Não estamos aqui questionando a veracidade das pesquisas encomendadas, mas sim evidenciando a recorrência delas na periodicidade do jornal.

Desta maneira, o jornal vai criando, concomitantemente, um padrão de notícias que também ratificam a presença destes moradores junto com suas reivindicações e exerce uma pressão sobre estas questões ao ponto de coerir o poder público a dar uma satisfação. Embora muitas vezes tais satisfações não tenham sido suficientes visto que não apontavam soluções para os problemas noticiados pelo *Jornal Correio de Uberlândia*.

É o caso da pesquisa encomendada pelo jornal durante o ano 1997, em que se avaliam as maiores preocupações dos moradores de Uberlândia, ressaltam-se as questões relativas ao saneamento. E também mede o índice de aceitação dos políticos na cidade pela população, principalmente através do uso de gráficos ao mostrar os índices da Avaliação da Câmara Municipal e Administração Virgílio Galassi (o prefeito em exercício na época). Contudo, o texto é bastante enfático em priorizar os “problemas” elencados na pesquisa Top Data encomendada pelo *Jornal Correio de Uberlândia*:

A falta de segurança, o desemprego e os problemas de saúde continuam sendo as maiores preocupações da população de Uberlândia. A maior surpresa é o aparecimento do item saneamento entre os problemas citados em uma pesquisa exclusiva da empresa Top Data para o Jornal Correio de Uberlândia.⁴⁵

Percebe-se a ênfase que o jornal atribui às questões de saneamento. Mas, ao se acompanhar o movimento que está acontecendo na década de 1990, vê-se que a produção de notícias relativas ao saneamento é constante, porque quando se pensa no aumento da população em áreas sem infraestrutura mínima para que uma família resida, não é de se surpreender que os moradores reclamem esse tipo de serviço.

⁴⁵ POLÍTICA EXCLUSIVO. Segurança, desemprego e saúde preocupam Uberlândia. *Jornal Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 11 dez. 1997, p. 3.

E o ato de reclamar configura um desconforto em relação a uma cidade que se apresenta como uniforme, por questionar os padrões avaliados como dignos de sobrevivência para a população de baixa renda: por que ter que viver com o mínimo e quais as categorias para se considerar o que é básico para a periferia? O que estes moradores estão identificando e escolhendo como o básico para sua sobrevivência? Quais os valores que estão em questão nestas escolhas?

Procurando caminhar nas fronteiras destas questões, importa investigar as nuances que os sujeitos atribuem a suas vidas a partir do ato de comunicar-se publicamente, a partir da circulação deste periódico e produção da notícia nas páginas do *Jornal Correio de Uberlândia*, entrecruzando com outras estratégias de comunicação em que tais sujeitos também escolhem aparecer.

No rol de preocupações da administração municipal do governo Zaire Rezende, o combate à pobreza era discussão corrente nas páginas do *Jornal Correio de Uberlândia*, de forma que mobilizasse os leitores para a causa. A abertura de diálogo com os moradores era um sintoma que pelo menos transparecia no jornal.

O grande número de reportagens sobre o assunto sinaliza para um movimento, no mínimo, de intenções por parte do governo em oferecer melhores condições de vida à população: “Casa Fácil”; “Projeto começa com 320 lotes; Famílias com renda fixa de até três salários serão beneficiadas.”;

Cerca de 320 lotes no perímetro urbano foram adquiridos pela Prefeitura Municipal de Uberlândia (PMU) para iniciar o Projeto Casa Fácil, desenvolvido pela nova gestão. Os beneficiados serão famílias carentes com renda fixa de até três salários mínimos.⁴⁶

No entanto, se estabelece aí um padrão do que deve ser o mínimo para a sobrevivência destes moradores, o que muitas vezes não diz respeito às suas necessidades ou até mesmo não corresponde ao que estes moradores estão dizendo do que querem para suas vidas. São relações complexas que trazem posicionamentos distintos entre os vários segmentos sociais.

O que se consolida como pressão por parte do jornal em assumir a fala do poder público vai revelando um campo tenso de preocupações entre leitores de grupos sociais divergentes.

⁴⁶ CIDADES. Casa Fácil. Projeto começa com 320 lotes; Famílias com renda fixa de até três salários serão beneficiadas. JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA, Uberlândia, 16 jan. 2001, p. B-1.

A recorrência de pesquisas que medem índices de violência na cidade a partir das regiões no território da cidade é frequente, juntamente com as entrevistas de moradores que se sentem inseguros diante da criminalidade em Uberlândia.

No ano 2006, uma reportagem divulgava uma destas pesquisas aliada a fala de uma moradora do bairro Tibery. A reportagem ocupava a metade da página B2, dividindo espaço com outras reportagens sobre criminalidade na região:

O Tibery está no topo da lista dos setores mais problemáticos – do ponto de vista das estatísticas policiais – atendidos pela 158^a Companhia de Polícia Militar, que pertence ao 17º Batalhão de Uberlândia. O bairro fica à frente de vários outros, como Custódio Pereira, Umuarama, Ipanema, Dom Almir, Prosperidade, Joana D'Arc, Celebridade, Morumbi, São Francisco, Alvorada, entre outros.

No entanto, as estatísticas confirmam que, mesmo na liderança, o Tibery vem registrando queda nos números de violência. [...] Nem mesmo a queda dos números de ocorrências ajuda a diminuir a sensação de insegurança que se prolifera entre a população da região. É difícil encontrar uma família que ainda não tenha enfrentado situações de perigo, seja dentro ou fora de casa. “Temos de ficar lacrados todos os dias”, contou a professora aposentada e cabeleireira Aguimar Ferreira Motta, 64 anos. Ela mora há 11 anos no bairro e já está acostumada com as histórias de assaltos que se repetem nas proximidades da sua residência.⁴⁷

Tais pesquisas, sejam elas encomendadas pela polícia ou pelo jornal, vinham acompanhadas de entrevistas com moradores dos bairros selecionados pela amostragem.

Nesse sentido, assumiam a posição de confirmação dos números, reforçando os dados. Cabe questionar os sentidos com que estas estatísticas eram divulgadas no jornal, uma vez que segue um movimento de construção e afirmação das caracterizações que vão se enraizando sobre estas localidades.

Contudo, o que se percebe ao acompanhar o periodismo do jornal é que este movimento não surge repentinamente, mas está acontecendo ao longo desses vinte anos, de forma descontínua e diversificada. Durante este período, a polícia militar organizou várias operações em bairros que tiveram esta caracterização fundamentada pelas estatísticas.

No ano de 2000, o *Jornal Correio de Uberlândia* divulga uma série de reportagens sobre a atuação intensa da polícia militar nos bairros da cidade, seja através dos “programas sociais” desenvolvidos, seja pela criação da polícia comunitária para

⁴⁷ MUNDIM, Priscilla [repórter]. Tibery/ Criminalidade, Morador tem cotidiano de violência. JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA, Uberlândia, 20 set. 2006, p.B2.

atuar com mais profundidade nos bairros, ou até mesmo através das operações ostensivas nos bairros, visando acabar com a criminalidade na cidade.

Dessa maneira, temos, no mínimo, três formas distintas de desempenho de uma mesma polícia militar. Cada modo corresponde a uma estratégia de intervenção nestes bairros e faz relacionar com aquelas pesquisas desenvolvidas pela polícia na década anterior: aqueles estudos se revelaram como um primeiro contato para que a polícia pudesse construir táticas para chegar até esta população.

Os primeiros anos da década de 2000 serão de um intenso noticiar da imprensa em torno destas ações. Cabe ressaltar que são três maneiras diferentes que a polícia chega até estas comunidades:

32º BPM promove operação de desarmamento; trinta bairros, que compreendem a área de atuação da unidade, vão ser alvos da Polícia Militar.

De acordo com tenente e chefe de Planejamento e Operações do 32º BPM, José Fernandes Pires, a ação consiste em percorrer os bairros da área do batalhão, promovendo batida policial em bares, lugares suspeitos de tráfico de drogas, abordagens em pessoas com atitudes suspeitas e em ônibus. “Esse tipo de operação visa tornar ostensiva a presença dos policiais militares do 32º BPM”, ressaltou.⁴⁸

Continua,

O tenente José Pires destacou que a operação é o resultado das reivindicações dos moradores dos bairros adjacentes ao 32º BPM e aos que compreendem à área de cobertura. “As pessoas que moram na área do 32º têm reclamado muito de assaltos, que na maioria das vezes são classificados como pequenos, e de presença de tráfico de drogas na região”, explicou.⁴⁹

Legitima-se que a ação para tornar a polícia mais ostensiva na região foi resultado das reivindicações de moradores por maior segurança e que a intensificação das reclamações por parte destas pessoas fez com que a polícia organizasse inúmeras operações nos bairros da cidade.

O que chama atenção é a relação colocada pelo tenente da polícia, uma vez que se justifica nas demandas dos moradores a necessidade de uma ação mais eficaz. No

⁴⁸ FRANCIS Fabrício. SEGURANÇA/ Policiamento preventivo. 32º BPM promove operação de desarmamento; trinta bairros, que compreendem a área de atuação da unidade, vão ser alvos da Polícia Militar. JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA, Uberlândia, 22 jul. 2000, p. B12.

⁴⁹ Idem.

entanto, aquelas pesquisas da polícia apontam para um projeto anterior sendo gestado. Estas ações aconteceram em várias regiões da cidade.

No caso da organização de uma polícia “comunitária”, a proposta foi criar um Conselho Comunitário de Segurança Pública (Consep), que envolvia polícia militar e moradores a fim de trabalhar conjuntamente para melhorar a questão da segurança na cidade, contando com arrecadações de fundos junto à população para sua manutenção:

O Consep terá 18 bairros da região oeste sob sua responsabilidade territorial, entre eles Luizote de Freitas, Jardim Patrícia, Tocantins, Guarani, Planalto, Tubalina, Canaã, Morada Nova e outros localizados na área de atuação da 109^a Cia. PM do 32º BPM.⁵⁰

Continua,

O conselho é formado por nove pessoas da sociedade civil que vão trabalhar em interação com a PM. [...] O conselho será co-responsável pela manutenção das viaturas, vai trabalhar na arrecadação de fundos junto à comunidade para ajudar na manutenção do aparato de segurança.⁵¹

Dessa maneira, evidencia-se outra forma encontrada pela polícia para atuar junto nos bairros na cidade, mas percebe-se que tais bairros partem da seleção e de levantamentos anteriores por artifício da polícia. Ambos os casos acima demonstram a movimentação da Polícia Militar em determinadas regiões da cidade e de configurações distintas, todavia salientando a proposta de desenvolver programas sociais nestas localidades.

Isso significa que existe um movimento intensificado em olhar para estas regiões da cidade enquanto necessitadas de auxílios diversos. Neste caso, em especial, segurança. Mas tais práticas variam conforme as percepções que vão sendo construídas sobre estes bairros.

No entanto, se as demandas da população parecem ser o ponto de partida para tais serviços, não obstante, cabe desconfiar dos tipos de demandas que estão sendo formulados, pois a evidência de reivindicações por maior segurança são intensificadas nos anos 2000 e 2001.

⁵⁰ SEGURANÇA. 1º Consep é empossado: Órgão quer reduzir índices de violência e criminalidade. JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA, Uberlândia, 12 jul. 2000, p. B12.

⁵¹ Idem.

Em contrapartida, com a implantação de programas jornalísticos locais com abordagem policial, concomitantemente, está acontecendo um movimento sutil nas páginas do *Jornal Correio de Uberlândia* que menciona indiretamente o tipo de prática jornalística que denota tal abordagem. O que se torna corriqueiro nestes dois anos no *Jornal Correio de Uberlândia* é a atenção para notícias referentes à criminalidade e à pobreza em Uberlândia.

Esta associação acontece periodicamente ao longo destes dois anos, e as reportagens acima demonstram a presença maciça de ações por parte da polícia militar para conseguir entrar nestas regiões, utilizando-se da noção de reivindicação como estratégia da PM (ao invés dos moradores). Diante disso, podemos perceber uma inversão de intenções em torno da ideia de reivindicação, mas o que não podemos discordar é do fato de ela se tornar uma tática estratégica de atuação.

Durante o ano 1999, o jornal passa a publicar uma sessão chamada *Informativos da Câmara*, com notícias sobre reuniões entre os vereadores da Câmara Municipal de Uberlândia e a população representada nas figuras dos líderes comunitários, reivindicações que os grupos de bairro faziam durante as reuniões setoriais nos bairros iniciadas em 1999. Em 2001, o espaço reservado para o informativo já não ocupa as páginas do *Jornal Correio de Uberlândia*, entretanto, as reuniões com os líderes comunitários continuam acontecendo e com uma frequência maior do que no ano 1999.

Justamente neste momento de intensa discussão das questões da cidade, o jornal procura acompanhar as mudanças, o que se percebe através das alterações na diagramação do jornal. Em cada momento, conforme as demandas que vão surgindo no *Jornal Correio de Uberlândia* pelas discussões em voga, o jornal procura se inserir no campo de debate enquanto antenado no que movimenta a cidade.

Dessa maneira, no ano 2001, a diagramação do *Jornal Correio de Uberlândia* terá novo formato que contará com cadernos específicos para cada tipo de assunto – Opinião, Segurança, Economia, Geral –, além das colunas. Todavia, merece destaque o caderno Geral, que se antes desta recomposição apresentava notícias relacionadas a outras cidades agora traz a cidade de Uberlândia com peso maior. A editoria do jornal defende:

“Vamos oferecer mais notícias da cidade e região. Para isto promovemos uma ampla reestruturação em nosso quadro de colunistas e colaboradores. O objetivo é concentrar este tipo de conteúdo na editoria de Opinião, reservando mais espaço para as notícias factuais”,

justifica Jorge Luiz Cantarelli Machado, diretor de operações da Sabe, empresa que edita o jornal. Colunas antes publicada nas editorias de Economia e Cidades terão o conteúdo direcionado para o espaço opinativo na página A-6. “vamos nos consolidar definitivamente como o veículo de comunicação com o maior número de notícias regionalizadas do interior do Estado. Com este objetivo vamos ampliar nossa base de repórteres e promover uma nova paginação.⁵²

Cabe indagar os sentidos que são atribuídos à opinião neste aspecto da editoria, em contraste com as “notícias factuais”, visto que, aparentemente, a separação entre ambas configura um aspecto do modo como estes profissionais produzem diferentes notícias com sentidos aparentemente divergentes.

No entanto, ao se analisar a maneira como ambos os modos de notícias são compostos, percebe-se que, muitas vezes, eles se completam e atribuem certa uniformidade na intenção que o grupo editorial confere àquelas notícias. Dessa maneira, o factual também é carregado de intenções que convergem para o sentido da matéria proposta pelos repórteres e produtores do *Jornal Correio de Uberlândia*.

A questão é que a hierarquização de espaços no periódico compõe uma estratégia de intenções comunicativas por parte do grupo. Portanto, tal estruturação não é apenas uma questão de técnica de produção, não obstante configuram sentidos e ações políticas através da palavra impressa.

Procuramos percorrer os momentos em que o jornal sofria modificações na diagramação a fim de perceber como tais mudanças compunham as estratégias de circulação e produção de notícia. Nesse sentido, podemos falar que o jornal acompanha o que está acontecendo na cidade a partir do momento em que reconhece como significativo reestruturar as páginas com a justificativa de atender ao público leitor cotidianamente.

Dessa maneira, ele não só acompanha o que está acontecendo na cidade, mas também participa desse processo. Há de se considerar que, neste período, assim como o Governo Zaire Rezende assume a prefeitura da cidade com a proposta de uma administração que dialogue de forma direta com os moradores nos bairros da cidade,⁵³ o

⁵² CIDADES/ REESTRUTURAÇÃO. Correio investe em conteúdo informativo: Redistribuição de editorias foi determinada por pesquisa feita com os leitores. JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA, Uberlândia, 05 jun. 2001, p. A7.

⁵³ SANTOS, Carlos Meneses Sousa. *Insatisfação popular e democracia participativa na Uberlândia dos anos de 1980: experiências de moradores do Bairro Nossa Senhora das Graças*. Monografia (Especialização em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

Jornal Correio de Uberlândia procura também estabelecer um diálogo semelhante a partir do noticiar desse movimento.

Desde o ano 1990 até 2009, o jornal sofre cerca de seis mudanças na sua diagramação, todas elas acompanhadas de momentos significativos tanto no país como um todo, como na cidade de Uberlândia especificamente. Diante destas transformações na maneira como o jornal se apresenta, ele vai assumindo um formato que procura se projetar em termos nacionais, ao mesmo tempo em que busca se firmar enquanto o veículo de comunicação da cidade. Trata-se de um jogo estrategicamente traçado a fim não só de alcançar um público leitor que procura notícias amplas, como também formar um público leitor centrado nas questões locais da cidade.

A recorrência de denúncias e de reclamações dos moradores diante da falta de infraestrutura e saneamento ocupou periodicamente o *Jornal Correio de Uberlândia* e orientou a pauta de notícias durante a sua consolidação na condição de principal jornal da cidade de Uberlândia, com abordagem regionalizada, tão propagandeada e resultado de um esforço significativo por parte do grupo editorial.

No entanto, propomos investigar também como que estes moradores reclamantes se apropriam do periodismo para conseguir que suas reivindicações e exigências surtam efeitos nas experiências de leitores, relacionando com o viver urbano. Em outras palavras, interessa pensar as maneiras pelas quais estes sujeitos se constituem como sujeitos sociais a partir do vivenciar a cidade.

A reportagem do *Jornal Correio de Uberlândia*, em 1º de novembro de 2000, com a chamada de Reclamação, sobre as necessidades de melhorias urbanas no bairro Morumbi, vinha com a chamada que caracterizava o bairro a partir da categoria de periferia e trazia falas de moradores expondo os problemas que enfrentavam naquela localidade:

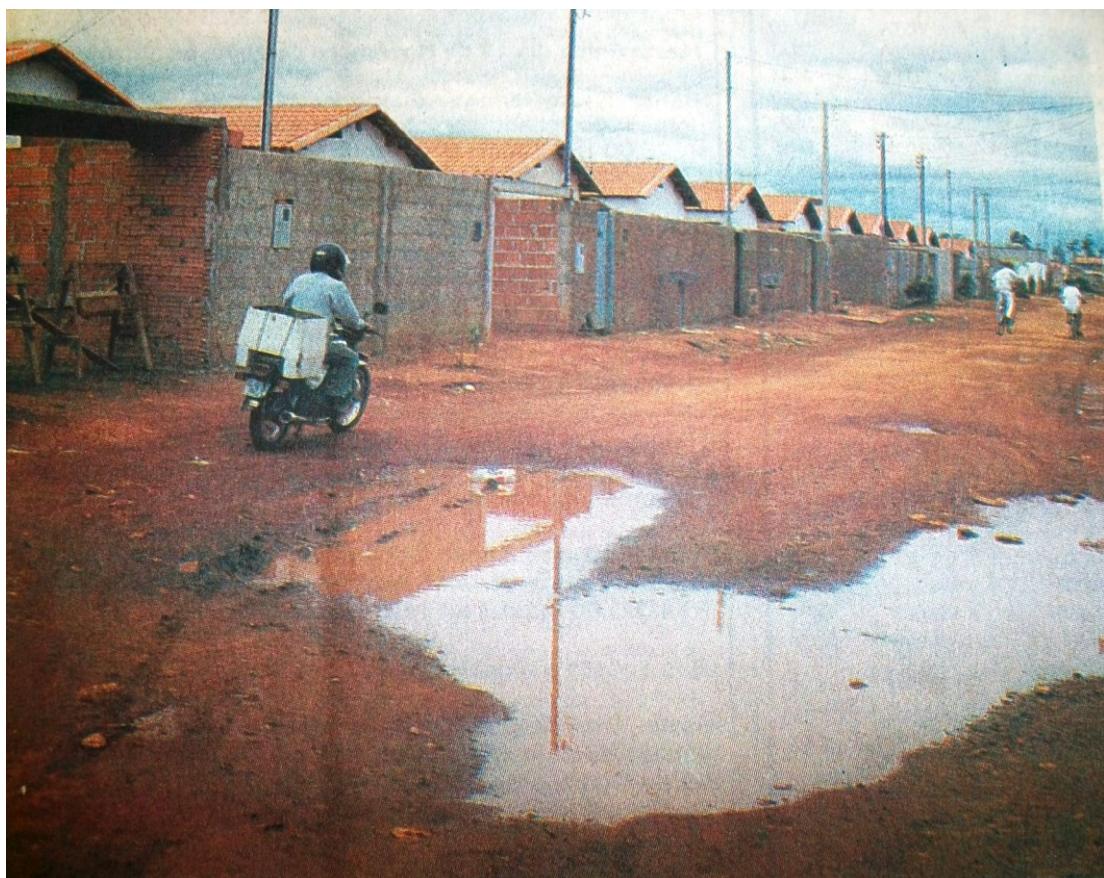
Enquanto ruas e avenidas do Centro da cidade estão sendo recapeadas, alguns bairros, especialmente os de periferia, encontram-se em situação preocupante, pois carecem de asfalto e, muitas vezes, de água e luz. Reginaldo Kamke, morador do bairro Morumbi, reclama do descaso e da falta de infra-estrutura de muitos bairros periféricos. “Primeiramente, o prefeito deveria olhar para os bairros de classe baixa, que com certeza precisam de ajuda urgente”, reclamou Kamke.⁵⁴

⁵⁴ CIDADES/ RECLAMAÇÃO. Moradores Reivindicam Melhorias; bairros periféricos carecem de asfalto e outros serviços. JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA, Uberlândia, 1 nov. 2000, p. B1.

Para além do que o texto dizia, a reportagem dialogava com outra linguagem naquele mesmo espaço, o recurso à imagem, que obedecia a um padrão de fotografias corriqueiro do jornal para se referir a estes bairros periféricos. Ressaltava: em primeiro plano, um grande buraco empoçado de lama na rua sem asfalto, um motociclista que desviava por uma calçada inexistente, ao lado das casas enfileiradas do conjunto habitacional do Bairro Morumbi.

Não se podia visualizar a extensão que estas casas ocupavam, mas sugeria a dimensão de imensidão das casas juntamente com o problema enfrentado por estes moradores. Ao se observar a imagem, é possível ler parte dos problemas que conviviam no cotidiano destes moradores, conforme as intenções do texto.

IMAGEM 4 – Bairro Morumbi



Fonte: MANOEL SERAFIN. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, 1 nov. 2000, p. B1. 1 fotografia, color.

Neste aspecto, é importante analisar que o padrão de imagem para diferentes tipos de temas compõe sentidos e estratégias no campo da consolidação de um padrão de notícias e quiçá a solidificação de determinadas caracterizações sobre localizações de áreas específicas, uma vez que estas imagens dizem muito das constituições sociais que estão se solidificando como construções históricas sobre sujeitos sociais, grupos de moradores de bairros periféricos na cidade, que reivindicam o urbano como direito e igualdade de participação nos recursos e condições de sobrevivência.

Para, além disso, confrontam-se valores por igualdade de condições para acesso à casa própria, a asfalto, rede de esgoto e para participar dos padrões instituídos como cidadãos na cidade, com o direito à circulação e capacidade de compra, possibilidade para ir ao médico particular sem precisar enfrentar filas gigantescas e demoradas na rede de atendimento de saúde pública, possuir máquina de lavar roupas, geladeira, ar condicionado, forno elétrico, fogão com acendimento automático, TV de última geração, computador, celular, dentre outros.

Em 2004, o jornal inicia uma série de reportagens sobre os bairros na cidade. O bairro inaugural desta série é o Morumbi. A reportagem salienta as necessidades dos moradores daquela região, principalmente na questão do asfalto e das creches, traz as falas de moradores e também do presidente da associação de bairro expondo os principais problemas que ele considera como sendo problemas daqueles moradores.

Em meio à fotografia de crianças brincando na terra, três textos compõem a reportagem que ocupa toda a página B1 do caderno Cidade. No canto superior direito, embaixo da fotografia das crianças, um quadrinho cor de rosa chama atenção pela sua objetividade em expor o problema:

IMAGEM 5 – Principais carências do Bairro Morumbi

PRINCIPAIS CARÊNCIAS DO MORUMBI	
EDUCAÇÃO	SAÚDE
- E. M. Eugênio Pimentel Arantes; oferece 1.300 vagas. Possui 30 crianças na lista de espera para o ensino de 1 ^a a 4 ^a série.	- uma UAI, mas de acordo com moradores, faltam médicos e remédios.
- E. M. de Alfabetização do Conjunto Alvorada: possui 220 vagas para pré-escola com lista de espera de 30 crianças.	TRANSPORTE
- E. M. Hilda Leão Carneiro: oferece 2.100 vagas de 1 ^a a 8 ^a série. Creche Sal da Terra oferece 53 vagas com lista de espera de 282 crianças.	- Duas linhas que não conseguem atender à demanda
	SERVIÇOS
	- Não possui agências bancária e lotérica.

Fonte: GUSTAVO MOREIRA. [INFRA ESTRUTURA] Morumbi reivindica vias asfaltadas. JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA, Uberlândia, 7 set. 2004, p. B1.

Delimitando quais são as carências no bairro, o quadro apresenta, de maneira sucinta, alguns pontos que merecem destaque. Primeiramente, pensando na classificação que é feita entre educação, saúde, transporte e serviços, expõe o que existe de concreto naquela região, com suas deficiências em cada aspecto.

Contudo, o problema da falta de pavimentação, que abre a discussão da reportagem, desaparece do rol de principais carências do bairro. Os textos complementam estes dizeres com as falas dos moradores reclamando da falta destes serviços: “Infelizmente não temos pontos positivos a ressaltar. Se fizessemos isso, estariamos mentindo” (Henrique Rodrigues, presidente da associação de moradores).⁵⁵ “A dona de casa Francisca Rodrigues, por exemplo, é quem olha os sobrinhos quando as demais pessoas da família saem para trabalhar. ‘Se não fosse assim, não teríamos com quem deixar as crianças’, conta.”⁵⁶

Diante disso, podemos perceber o que vai se estabelecendo no jornal como as categorias de problemas sociais para os moradores na cidade. Vale ressaltar que esta

⁵⁵ GUSTAVO MOREIRA. [INFRA ESTRUTURA] Morumbi reivindica vias asfaltadas. JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA, Uberlândia, 07 set. 2004, p. B1.

⁵⁶ Idem.

reportagem abre um conjunto de temas que o *Jornal Correio de Uberlândia* intenciona noticiar sobre os bairros na cidade, durante o ano 2004.

Projeto semelhante acontecerá novamente somente nos anos 2008 e 2009, quando o jornal retornará a falar especificamente de alguns bairros na cidade. Não são todos. Na maioria das vezes, estes bairros que eram tratados com a característica principal de periferia em Uberlândia, voltarão à discussão no final da década na mesma condição colocada.

A insistência nos problemas vai se consolidando nas páginas do *Jornal Correio de Uberlândia* como grandes problemas e soluções praticamente inexistentes. No entanto, os moradores utilizam habitualmente destas categorias para conseguir, no mínimo, amenizá-los.

Em 2007, no domingo dia 20 de julho, o jornal publica uma reportagem sobre a queda do poder de consumo dos moradores na cidade, apontando que a pesquisa a qual fez esta avaliação atribui ao aumento de favelas a responsabilidade pelo índice:

O contingente de famílias pobres, com renda inferior a R\$ 280 por mês, aumentará na cidade, prevê o estudo, também tomando como fonte de análise e de comparação a pesquisa IPC Target do ano anterior. O número de famílias da classe E deve aumentar de 2.184 (em 2006) para 2.735 (2007). Estas circunstâncias resultaram na queda de Uberlândia no ranking das cidades com maior consumo no Brasil. O Município ocupa neste ano a 31^a posição. Em 2006 ficou em 24%. Em nível estadual, Uberlândia ainda continua sendo o segundo maior mercado consumidor de Minas Gerais.⁵⁷

Percebe-se uma preocupação quanto à situação da cidade no rol de cidades com o consumo elevado, mas o texto oferece possibilidade para analisar a importância que o jornal confere à condição de segunda colocada no ranking de cidades em Minas Gerais com elevado poder de consumo, perdendo apenas para Juiz de Fora. Para além disso, um ponto essencial que a reportagem traz diz respeito à constatação do tipo de população que habita a cidade e, ao mesmo tempo, à indicação do tipo de população que deveria residir em Uberlândia para que este “dado” fosse solucionado:

Uma possível explicação para a queda no potencial de consumo überlandense previsto para 2007 está no topo e na base da pirâmide social. Em cima, a crise econômica em setores do agronegócio é

⁵⁷ ARTHUR FERNANDES. [ECONOMIA/ CONJUNTURA]. Uberlândia perde poder de consumo. JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA, Uberlândia, 20 maio. 2007, p. A6.

apontada como a principal razão para a redução do potencial de consumo überlandense. Na parte de baixo, a migração, principalmente, de pessoas com pouca qualificação profissional.⁵⁸

Nesse sentido, é possível mensurar o tipo de moradores que seriam bem-vindos em Uberlândia, o que também abre possibilidades para investigar como os moradores na cidade vão se relacionando com um padrão que está em jogo para suas vidas.

Se pensarmos pelo campo da necessidade de consumo desta população, o que percebemos é um movimento de incorporação de determinados valores de uma sociedade capitalista, ao mesmo tempo em que vai orientando modos de viver e circular na cidade, a partir também dos lugares que determinadas parcelas da população frequentam enquanto espaços de lazer, como shoppings e o próprio centro urbano, que ganha essa característica, uma vez que muitos moradores atentam para a questão de ir ao centro para “passar”.

Também cabe pensar que este movimento não é uniforme e esta incorporação de determinados valores não se faz sem conflitos, como, por exemplo, as reivindicações por asfalto, esgoto, moradia, saúde, ou até mesmo espaços de lazer em que estes moradores não precisem “pagar” para se divertir, como praças, quadras, parques, etc.

Através da imprensa, os moradores também foram construindo canais para se chegar aos bairros, para estabelecer um diálogo com o próprio viver naquele bairro, na cidade e no país, pois, se os temas circulavam junto com as notícias no conjunto do jornal, os leitores também participavam dessa construção social que são as relações no campo da comunicação.

O ato de conhecer, perceber a cidade, se revoltar também faz parte deste emaranhado social que compõe as maneiras de os moradores orientarem suas vidas.

Assim como estes moradores de bairros e regiões diferentes, cada tipo de reclamação em um bairro vai aos poucos caracterizando os bairros também a partir de seus moradores quando estes se manifestam na imprensa. Diferentemente da superficialidade que enquadra a periferia numa unidade homogeneizada, também é preciso investigar suas identidades que vão sendo construídas em cada região.

Por exemplo: o grande contingente de comércio e as atividades que aconteceram em torno do bairro Luizote de Freitas, de certa maneira, atribuíram uma particularidade a ele, mesmo que seja pela noção de grandeza e autonomia no corpo da cidade de Uberlândia.

⁵⁸ Idem.

Este bairro, assim como a maioria dos outros elencados pelo programa *Linha Dura* e abordados frequentemente pelo *Jornal Correio de Uberlândia*, se firmou a partir das construções dos conjuntos habitacionais, também teve várias ocupações, mas o movimento de criar uma imagem autônoma do bairro apresentou uma intensidade expressiva.

Ao longo das décadas de 1990 e 2000, o Morumbi assume destaque no *Jornal Correio de Uberlândia* através das atividades policiais intensas no bairro. Assim como em outros bairros, onde também contou com as ocupações. No entanto, a imagem que se constrói de que todo o bairro é fruto de ocupações prevalece. Um ponto a destacar refere-se à movimentação dos moradores nas reivindicações por moradia neste bairro. Nesse sentido, as reivindicações também alimentam uma caracterização de cada bairro.

Em relação ao Bairro Presidente Roosevelt, pela localização próxima a um tráfego intenso, a maioria das reclamações de moradores será a respeito de questões de segurança e via pública, respeito às leis de trânsito e aos pedestres.

O grande número de favelas foi durante muito tempo assunto principal discutido nos bairros Tocantins e Guarani, os quais são localizados lado a lado. No entanto, as reclamações dos moradores do Bairro Guarani a respeito da quantidade de lixo e doenças trazidos pelos bueiros entupidos e pelas inundações que desembocavam nestes bairros, por se situarem em regiões mais baixas, ocuparam o rol de principais preocupações dos moradores durante estes vinte anos.

As questões referentes às erosões no Bairro Nossa Senhora das Graças faziam parte de muitos dos reclames dos moradores, visto que a insistência para solucionar o problema vinha desde os anos 1990 até o final da década de 2000.

O Bairro São Jorge, criado a partir do Conjunto Habitacional Parque São Jorge, aparecia no jornal com as forças das reclamações dos moradores do conjunto em conflito com os moradores que ocupavam a região, além das questões de segurança. Neste bairro, o movimento de reclamação foi intenso e as formas de atuação dos moradores também foram significativas pelas peculiaridades de suas reivindicações.⁵⁹

Estas não eram as únicas questões que o jornal evidenciava, mas, sem dúvida, eram aquelas que as reportagens remetiam em várias situações, fazendo lembrar constantemente o que caracterizavam como as maiores preocupações dos moradores.

⁵⁹ Nos deteremos com mais profundidade neste assunto no capítulo 2, em que trabalharemos as reivindicações a partir das estratégias de atuação de grupos de bairros.

De alguma maneira, estes bairros apresentam, a partir destes problemas, as singularidades de cada reclamação. Para muito além do clichê de favelado, estes moradores apropriavam-se dessa condição para se movimentarem, reivindicando e construindo hábitos de participação nos meios de comunicação da cidade.

Tanto porque, na década de 2000, a cidade participará de um movimento que vinha acontecendo desde o início da década de 1990 em rede nacional, da existência de programas policiais que se propunham a evidenciar o cotidiano dos moradores nas cidades. O jornal também atenta para este movimento, pois começa a discutir estes formatos de programação ao mesmo tempo em que assume as notícias da cidade como norteadoras da pauta. Procura acompanhar o movimento de comunicação que está acontecendo.

Em 2002, lança a versão *online*, projetada para um público mais abrangente. No entanto, o acesso às reportagens na íntegra é permitido apenas para assinantes. O jornal se projeta em termos nacionais, contudo mantém seus limites de acesso em escala regional.

Não abole a versão impressa, ao contrário, torna os cadernos mais compactos, chegando, em 2006, a editar dois formatos distintos: o primeiro, com o tamanho original do jornal e uma segunda publicação, a qual geralmente saía aos domingos, com tamanho reduzido e, consequentemente, com o preço reduzido, mas, de qualquer forma, sempre acompanhava a publicação periodicamente.

2. ESTRATÉGIAS DE LUTA, REDES DE COMUNICAÇÃO E MEMÓRIAS

Conversando com moradores que participavam de grupos de bairros ligados ao movimento comunitário, assim como com pessoas que não participavam de grupos e associações, empreendemos uma estratégia metodológica que se pauta na tentativa de estabelecer um diálogo entre diferentes maneiras a partir das quais os moradores vivenciam as experiências comunicativas na cidade.

Nesse sentido, procuramos ouvir o que estas pessoas articulavam sobre suas vidas a partir dos modos como organizavam as experiências de comunicação: as reivindicações foram porta de entrada para que percebêssemos algo mais profundo que estava acontecendo no campo da cultura como lugar social que legitimava suas práticas de comunicação.

Ao se comunicar, os moradores construíam outros espaços que compartilhavam com os espaços da cidade. Dessa maneira, entendemos a comunicação enquanto potência motivadora das estratégias organizadas pelos sujeitos para se relacionarem no urbano na perspectiva do cotidiano vivenciado por eles, em relações temporais distintas das linearidades já instituídas na condição de visão cronológica da realidade social.

É preciso também evidenciar que as relações de tempo e espaço obedecem a outros sentidos,⁶⁰ para além daqueles demarcados historicamente como sendo o tempo exato e definido de vivência dos sujeitos.

Os sujeitos escolhem aparecer e de formas diferentes, no entanto, nem todos querem se mostrar nesta relação. Isso também dá indícios de quais os interesses estão em jogo quando determinado morador procura o *Correio de Uberlândia* ou o programa *Linha Dura*.

Tal investigação é importante para pensarmos que tipos de relações estes moradores estão construindo na cidade. Procuramos a materialidade destas relações a partir da análise de como os sujeitos escolhem seus campos de atuação.

⁶⁰ Pensando nas formas de comunicação e nas relações culturais nos espaços da cidade, reconhecemos a importância da discussão de Eugênio Bucci a respeito das temporalidades que compõem a TV. Eugênio Bucci atenta para os vários tempos que pressupõe a TV: “agora, o tempo da TV. é uma nova dimensão de tempo”. O autor discute as temporalidades, que passam pela TV para além daquelas já instituídas. Ver: BUCCI, Eugênio. Às voltas com o método: a crítica de televisão. In: BUCCI, Eugênio; KHEL, Maria Rita. *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 35. Pensamos que não só na TV, mas em vários meios de comunicação que também instituem temporalidades também se constroem, compartilham e disputam espaços. As escolhas por quem tem o direito à palavra evidenciam esta postura.

Buscar evidências da concretude das experiências comunicativas dos moradores em diversos meios de comunicação significou um esforço também de construir metodologias diferentes para analisar materiais de naturezas distintas, no entanto, mantendo a perspectiva política e historiográfica da pesquisa.

Neste aspecto, a opção por uma análise que se preocupe em compreender as fontes no interior de sua produção traz indícios de como procuramos visualizar os movimentos que emergiam do trato com os materiais, sinalizando para tais documentos como evidências das experiências daqueles moradores.

Todavia, o conversar com o vizinho, produzir folders ou até mesmo jornais de bairros trazia à tona um campo de possibilidades enquanto agentes produtores de notícia.

Outros moradores tinham como táticas apropriar-se daquele espaço já consolidado na imprensa para mobilizar pessoas para suas causas, ou, no mínimo, tornar conhecidos seus interesses.

Contudo, estas estratégias revelavam um campo sutil de intenções que muitas vezes eram encobertas por alguma divulgação de atuações de líderes comunitários em serviço para os moradores, pois o tornar-se conhecido fazia também com que estes moradores tivessem apoio de outros e que assim se posicionassem a favor de suas causas, mesmo que tais causas favorecessem a si mesmos no primeiro momento.

Pensar a cidade a partir dos bairros nos fez buscar as particularidades, mas também evidenciar as distinções que caracterizavam localidades de área diferentes as quais eram omitidas no programa *Linha Dura*. Procuramos conversar com moradores sobre os lugares onde moravam e pensar nas diferenças entre cada bairro. Nesse sentido, as perguntas que fazia muitas vezes extrapolavam o círculo das reivindicações.

2.1 Em busca dos “moradores”: organização comunitária e experiências de comunicação

Reconhecendo as relações que estes sujeitos constroem nos espaços urbanos, cabe sinalizar que as redes de comunicação oferecem possibilidades para tratá-las a partir das relações culturais, na cidade.

A prática destes sujeitos em procurar formas de se comunicar vai além das reivindicações (sem abandoná-las). No entanto, elas estão indicando um movimento mais profundo de formações comunicativas na cidade e que se coadunam com as maneiras como eles procuram estes meios de comunicação.

Não obstante, constroem estratégias de comunicação para falar desta cidade, falar deles na cidade e arquitetar prospecções sobre as várias cidades nas teias de um mesmo espaço urbano. O que estes sujeitos estão indicando é que não se trata apenas de um espaço em questão, eles estão construindo outras espacialidades para a cidade.

É preciso pensar o urbano como o lugar onde acontecem as experiências de comunicação entre os sujeitos e onde tais experiências ganham concretude a partir das práticas culturais. Neste aspecto, viver a cidade implica em perceber as estratégias dos sujeitos sociais em se comunicar e assim construírem relações culturais no espaço urbano.

Perceber as várias cidades em movimento, compondo, no interior de uma Uberlândia, os artifícios comunicativos dos moradores, torna-se o desafio desta pesquisa diante dos contrastes de grupos de moradores diferentes.

Destacando a abordagem metodológica no empenho em construir uma tática de trabalhar com história oral, procurando enfrentar os desafios que esta escolha significava tanto para a pesquisa como para nossa postura enquanto pesquisadora/professora de história, procuramos desenvolver um diálogo com os moradores através de conversas que não se restringia em perguntas e respostas, mas percebia que uma relação estava minimamente sendo estabelecida naquele momento.

Tal relação dava margem para expor, com sinceridade, os interesses, tanto destes moradores em aceitar falar sobre suas experiências na cidade, como também minhas intenções em insistir em determinados assuntos com mais profundidade, a fim de construir um diálogo aberto,⁶¹ acima de tudo, respeitando os interesses destes moradores

⁶¹ Quando nos referimos a construir um diálogo aberto, procuramos evidenciar a aceitação destes sujeitos entrevistados como produtores de suas próprias histórias e das maneiras como escolhem que elas ganhem

que muitas vezes devolviam minhas inquietações através de monólogos e silenciamentos.

Tentamos ler nestes indícios os desconfortos das pessoas e investigar os porquês destas situações. Isso nos fez adentrar nas lacunas que compõem a história oral, menos como falhas metodológicas do que enquanto desafios para a pesquisa.

Muito pelo contrário, buscamos compreendê-las no sentido de orifícios para se construir possibilidades que permitam acrescentar e enriquecer a investigação historiográfica, pautando-nos numa metodologia de análise que não se prendesse em significado único a prática de entrevistas ao mesmo tempo em que reforçava a postura política enquanto profissional de história comprometida com a realidade social.⁶²

Dessa maneira, entrevistamos moradores que participavam do movimento comunitário enquanto militantes; presidentes de associação de moradores e amigos de bairros, pessoas que tinham uma trajetória na luta do movimento comunitário. Nossas intenções com estas entrevistas eram pensar estes sujeitos em relação à cidade.

A escolha por estas pessoas se fez através das reuniões que aconteciam na sede do *Conselho de Entidades Comunitárias* (CEC),⁶³ nas quais nós procurávamos perceber como estes sujeitos se movimentavam nas discussões das questões referentes à cidade. Trata-se de uma ONG (Organização Não Governamental), que presta assessoria aos grupos envolvidos com o movimento comunitário, na cidade.

sentidos através de suas falas. Não obstante, não quer dizer que estas conversas não se pautassem em critérios estabelecidos a priori, mas que reconhece a necessidade de articular os posicionamentos e intenções tanto do pesquisador quanto do entrevistado.

⁶² Déa Ribeiro Fenelon, ao falar da formação do profissional de história e a realidade de ensino em 1981, chamava atenção para pensar a responsabilidade que envolvia esse campo de formação e atuação. Nesse aspecto, instigava a pensar nos lugares sociais nos quais atuamos: “Não tenho dúvida de que para fazer avançar qualquer proposta concreta como professores de História ou formadores de profissionais de História temos de assumir a responsabilidade social e política com o momento vivido”. Ver: FENELON, Déa Ribeiro. A formação do profissional de história e a realidade do ensino. *Tempos Históricos*, v. 12, jan./jul. 2008, p. 23. (Conferência pronunciada no XI Simpósio Nacional da ANPUH, em João Pessoa – PB, em julho de 1981 – Artigo publicado pela primeira vez em 1982 na revista Projeto História, da PUC-SP). Dessa maneira, suas reflexões sobre o ensino de história perpassam todos os aspectos da formação do profissional e nos convidam a assumir posicionamentos diante disso. É nesse sentido que considero de extrema importância as discussões da autora para afirmar nossas posturas políticas com a produção do conhecimento histórico.

⁶³ O Conselho de Entidades Comunitárias é uma ONG (Organização Não Governamental) criada em 1983, “de caráter assistencial, defensora dos direitos plenos de cidadania, conveniada com a administração pública nos níveis de planejamento, gerenciamento e custeio de repasse de subvenção como complementação da receita, para fortalecimento das ações integradas nas políticas setoriais da área social”. Ver: ESTATUTO SOCIAL. *Conselho de Entidades Comunitárias de Uberlândia - Minas Gerais*, dez. 2008, p. 01.

Aspecto importante é considerar que os membros da entidade, até no período da pesquisa, possuíam uma trajetória de militância junto às associações de moradores em Uberlândia. Seu Presidente, Juarez Alves, atuou na região leste da cidade por muitos anos. Cada setor da cidade possuía um presidente o qual era responsável pelo diálogo com os grupos de bairros, e também já haviam atuado em algum momento em associações de moradores naquela região.

O que nos chamou a atenção foi o marcar posicionamento do Sr. Abadio Duarte⁶⁴ durante as reuniões, nas quais ele questionava determinados assuntos, oferecendo sugestões para outros ou até mesmo entrando em debates num circuito de comunicação entre os militantes do movimento comunitário.

Conversando com o Sr. Abadio Duarte, ao falar sobre sua trajetória, vivência na cidade e atuação em grupos de bairros, expunha seu modo de ver a cidade através do trabalho comunitário:

O cara quando quer ser um presidente do bairro, tem que ser vo-luntário. Isso aí diz muito a lei: é voluntário. Então, eu me sinto muito feliz. Nunca tive cargo público, não pretendo também ter cargo público; pretendo, sim, alguma coisa mais na frente. Igual, já saí candidato vereadô uma veiz. Tô batalhano pra isso. Se o povo me der a confiança, tudo bem. Mas outro cargo também eu num quero não.⁶⁵

O Sr. Abadio Duarte da Silva atua como militante no movimento comunitário há aproximadamente 24 anos na região norte da cidade, em especial, no Bairro Nossa Senhora das Graças. Participou como presidente da Sociedade Amigos de Bairro, durante o período de 2000-2002, 2007-2010, a partir de então, participa como presidente da regional norte do Conselho de Entidades Comunitárias (CEC).

O Sr. Abadio procurava enfatizar o caráter de o trabalho comunitário ser dissociado das práticas de assumir cargos públicos como, por exemplo, de assessoria de vereadores, que muitos presidentes de associações de moradores aceitavam. Ao mesmo tempo em que lançava suas aspirações prospectivas em se candidatar a vereador, expunha, na entrevista, seus interesses.

Mas também percebemos que sua oscilação em deixar o trabalho comunitário muitas vezes denotava o tom de continuidade nas questões que envolviam a cidade. Quando falava do cansaço da militância, de não reconhecimento por sua atuação, na

⁶⁴SILVA, Abadio Duarte. Uberlândia, 7 out. 2011. Entrevista concedida a Letícia Siabra.

⁶⁵ Idem.

maioria das vezes trazia um ar de tristeza, mas que, pela experiência com os temas da cidade, sempre voltavam para a continuidade da prática de atuação em que se formou durante mais de duas décadas:

Acho que eu vou cuidar mais da minha vida porque eu, eu, eu dei minha vida pelo meu bairro, cê entende?! Tô com trinta e quatro ano de bairro, cê entende? Pessoas têm reconhecimento de quem não trabalha, quem trabalha firme memo dia e noite, eles num têm reconhecimento. Então, a gente vai cansando. Tem hora que ocê larga da família pra tomá conta de algum... Alguma reunião que ocê tem responsabilidade: agora, esse pessoal que entra hoje tem reunião, tal, tal, num tem responsabilidade. Então, num gosto.⁶⁶

A conversa com o Sr. Abadio permitiu perceber um pouco dos significados do envolvimento com o trabalho comunitário, assim como evidenciar uma formação de militância de bairro, por parte de sujeitos que desenvolveram estratégias de comunicação extremamente complexas, as quais tinham várias frentes de atuação e exigiam um envolvimento singular com diversos segmentos.

O Sr. Abadio possuía uma forma extremamente curiosa de movimentação na cidade, que foi demonstrando no decorrer da entrevista, uma vez que dinamizada com materiais produzidos pelas associações de moradores, assim como uma espécie de acervo que o entrevistado tinha organizado e fazia parte de sua vivência enquanto morador e militante da cidade. Esta entrevista aconteceu em meio a explicações de fotografias, recortes de jornais, ofícios, laudos, dentre outros registros produzidos por grupos de bairros em que o Sr. Abadio atuava.

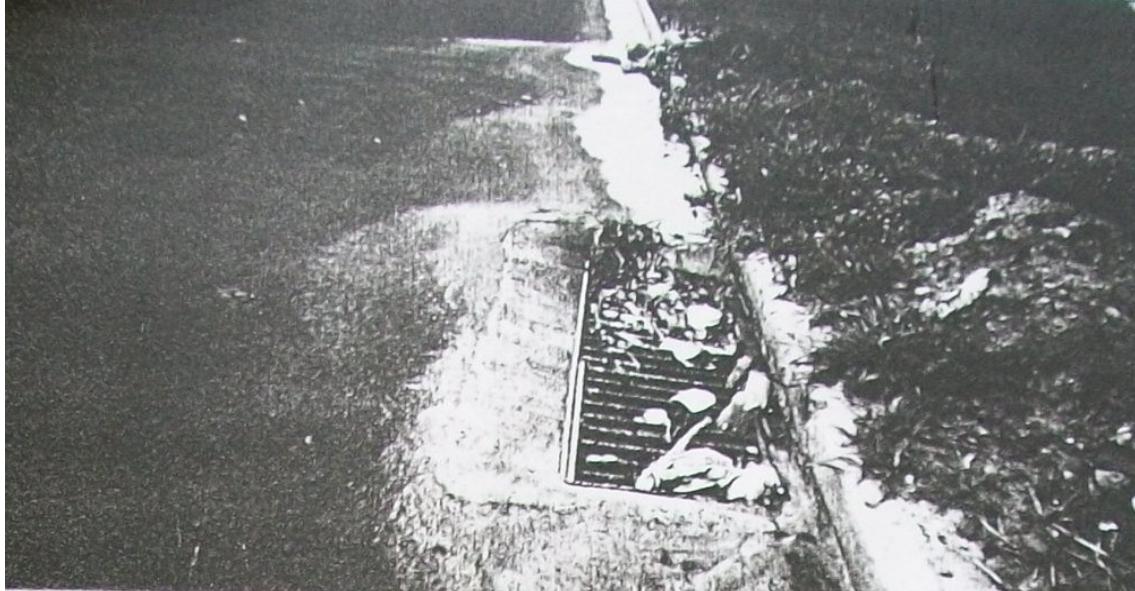
O cuidado do entrevistado em organizar estes materiais e guardar com tanto apreço sugeria, por um lado, a importância que estes documentos tinham na sua experiência de militante; por outro lado, oferecia indícios de que aqueles materiais não estavam conservados apenas por zelo ou recordação de uma trajetória política, havia intenções ali.

Não obstante, procuramos compreender estes materiais enquanto evidências de um processo de comunicação em movimento que acontecia em Uberlândia. Entre laudos e fotografias produzidas pela prefeitura e pelo Sr. Abadio, ele fazia questão de estabelecer diferenças entre as fotografias dele e as da prefeitura: “Aqui, ó, isso aqui tem uma história muito grande do Nossa Senhora das Graças... Ó, tudo no Ministério

⁶⁶ SILVA, Abadio Duarte. Uberlândia, 7 out. 2011. Entrevista concedida a Letícia Siabra.

Público, ó, aqui, cê vai ver as foto... Aqui foi a prefeitura que fez. Cê tá veno, ó.... As minha é tudo colorida... Foto num sei o quê... Tá veno?”.⁶⁷

IMAGEM 6 – Rede de esgoto no Bairro Nossa Senhora das Graças



Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. *Rede de esgoto quebrada no bairro Nossa Senhora das Graças*. Parecer Técnico 068/2005, 1 fotografia, p&b, 21 fev. 2001.

IMAGEM 7 – Abertura da Rua Rio Grande do Norte ligando ruas do Bairro Nossa Senhora das Graças ao Bairro Marta Helena



Fonte: ABADIO DUARTE. *Abertura da Rua Rio Grande do Norte ligando ruas do Nossa Sr^a das Graças ao bairro Marta Helena*. 1 fotografia, color, 2003.

⁶⁷ SILVA, Abadio Duarte. Uberlândia, 7 out. 2011. Entrevista concedida a Letícia Siabra.

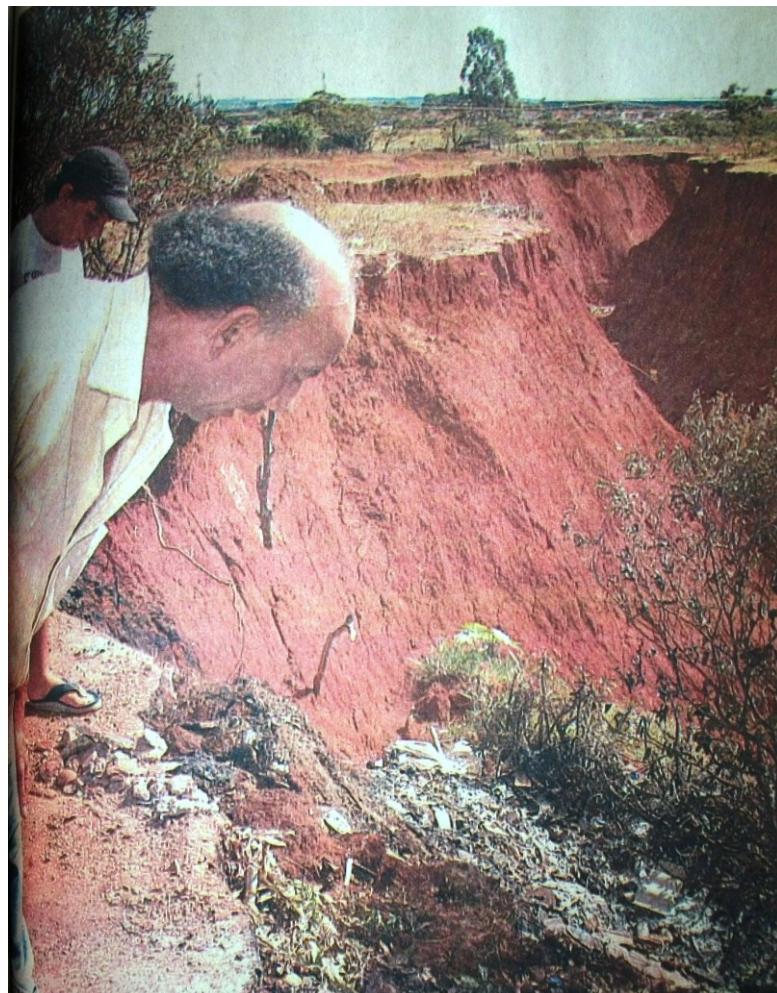
A ênfase do entrevistado em fazer questão de explicar a diferença entre as fotografias que ele produzia, as coloridas e as fotografias em preto e branco, produzidas pela equipe técnica da prefeitura, ia demonstrando as estratégias de comunicação de que dispunha o Sr. Abadio, ao passo em que evidenciava as linguagens com as quais ele trabalhava para atuar enquanto líder comunitário.

Dessa maneira, ele dinamizava, atribuindo valores para as fotografias coloridas e também marcando posicionamento enquanto produtor de sentido, ao passo em que trazia escrito, no verso de cada fotografia, do que se tratava, a data, e às vezes pontuava algum detalhe daquele momento, como na IMAGEM 7, em que ele escreve sobre a “Abertura da Rua Rio Grande do Norte, ligando ruas do Nossa Sr^a das Graças ao bairro Marta Helena”, chamando atenção para o trabalho que fez e trazendo a insatisfação de que o vereador que deveria trabalhar para resolver aquela situação não o tinha feito, pois “não teve a participação de vereador e sim do Povo dos dois bairros”.

Um aspecto importante para se considerar é também a maneira como fazia circular a notícia na imprensa em Uberlândia, as questões referentes ao bairro. O *Jornal Correio de Uberlândia* noticiou, com ampla abordagem, o problema que estava acontecendo na região do Bairro Nossa Senhora das Graças, que era a existência de uma voçoroca com cerca de vinte metros de profundidade.

O problema da voçoroca no Bairro Nossa Senhora das Graças ganhou destaque nas páginas do *Jornal Correio de Uberlândia* durante o ano de 2005. O Sr. Abadio, presidente da Sociedade Amigos de Bairro, aparecia em primeiro plano à esquerda e ao fundo, a imagem da cratera dimensionava o tamanho do problema que assolava aquela região havia aproximadamente dez anos:

IMAGEM 8 – Voçoroca no Bairro Nossa Senhora das Graças



Fonte: MANOEL SERAFIN. *PMU não resolverá problemas da voçoroca neste ano*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, 20 maio. 2005, p. B1, 1 fotografia, color.

O que mais chama atenção em todo o conjunto das reportagens que buscavam falar do bairro, para enfatizar aquela situação, mesmo sendo em uma ideia de cobrança do poder público a resolução do problema, é a presença acentuada do então presidente de Sociedade Amigos de Bairro do Nossa Senhora das Graças, Abadio Duarte.

O que inquietou e chamou para o debate nesse sentido foi o fato de ele marcar tanto posicionamento no aspecto de chamar a imprensa para noticiar, colocar um empenho naquela situação para que fosse resolvida, como também a importância que ele atribuía à imagem naquela circunstância, com sua própria imagem se projetando enquanto sujeito daquele momento.

Foi quando encontramos fotografias feitas pela equipe do jornal para apresentar o Sr. Abadio em relação à voçoroca, conferindo um “ar” de atuação, de movimento.

Segundo o jornal,

A voçoroca é um problema que perdura há mais de 10 anos na região. No início, conta o presidente da Sociedade de Amigos do Bairro Nossa Senhora das Graças Abadio Duarte da Silva, só havia um pequeno rego por onde corriam a ágia da rede pluvial e o esgoto... Hoje, a erosão está a pouco mais de 10 metros de algumas residências e já destruiu parte do asfalto da rua Clara Camarão. Em alguns dos pontos ao longo dos mais de 500 metros de extensão da cratera, a profundidade chega a ser de mais de 20 metros.⁶⁸

O título já indicava que o problema não seria resolvido, a alegação é que a prefeitura não tinha incluído a verba no orçamento participativo para aquele ano. Conversando com o Sr. Abadio sobre esta erosão no bairro, ele aponta que:

A erosão dentro do nosso bairro que tinha em torno de 20 anos, cê entende... O Zé Veridiano levou para o Ministério Público, depois veio os outros presidentes, mas não tomaram as devida providência. Depois, chegou eu, me passou tudo, eu encaminhei de novo ao Ministério Público. Cê entende, erosões, degradação do, do, das nascentes dos corgos, que é grande demais, jogando esgoto, essas trenheira tudo. Cê entende? E o pobrema da infraestrutura, que eu falo falando né, muito precária também. Mas melhorou. Só que tem que melhorou bastante com a imprensa.⁶⁹

Quando o Sr. Abadio ressalta que “melhorou bastante com a imprensa”, indica as formas de atuação em produzir visibilidade na imprensa ao mesmo tempo em que avalia, num sentido positivo, a produção de notícias sobre o bairro: colocar em evidência os problemas e as ações mobilizando a opinião pública é um artifício, neste caso, considerado eficaz para empreender transformações no espaço urbano; transitar por estas estratégias de comunicação é uma prática corrente de muitos militantes no movimento comunitário.

A ênfase em procurar a imprensa para noticiar o problema fez com que o processo de liberação da verba acontecesse, conforme indicava o Sr. Abadio. No entanto, ele ressalta que o laudo já estava no Ministério Público, encaminhado pelo

⁶⁸ TADEU, Rogério. [repórter] PMU não resolverá problemas da voçoroca neste ano. JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA, Uberlândia, 20 maio. 2005, p. B1.

⁶⁹ SILVA, Abadio Duarte. Uberlândia, 7 out. 2011. Entrevista concedida a Letícia Siabra.

atual presidente da Associação de Moradores e que ele, Sr. Abadio, constantemente movimentava o processo, procurando saber como estava o andamento, cobrando soluções.

Percebe-se que esta prática entre produzir notícia e encaminhar os laudos ao Ministério Público era corrente na atuação do entrevistado. Dessa forma, a necessidade em estar movimentando a questão na opinião pública fazia com que não caísse no esquecimento e que os órgãos responsáveis resolvessem os problemas.

Nos laudos encaminhados pelo Sr. Abadio, tinham anexadas fotografias que ele mesmo produzia, o que abre margem para pensarmos no circuito de comunicação que movimentava linguagens variadas em um mesmo processo.

A imagem, nesse sentido, tinha um caráter de denúncia e afirmação da existência do “problema”, uma vez que, mesmo não sendo produzida pela equipe técnica da prefeitura, acompanhava o ofício que o militante encaminhava ao Ministério Público ou aos órgãos da Administração Pública Municipal, responsáveis pelo serviço. Dessa maneira a imagem também vira notícia, dimensiona o problema e compõe o conjunto de estratégias que o Sr. Abadio articulava junto aos grupos de bairros da cidade.

Todavia, é importante avaliar o peso que a imagem ganha na prática de comunicação por diferentes grupos na cidade, uma vez que direciona as pautas de notícia, visto que é corrente por parte de muitos sujeitos chamarem equipes de jornalistas para cobrir as matérias da cidade.

Em outro sentido, a prática de fotografar sugeria também noticiar de alguma forma nos meios de comunicação comerciais na cidade o que se pretendia ressaltar com a imagem. A maneira como o Sr. Abadio guardava os recortes de jornais e construía em cima daqueles jornais, sobre as matérias, uma espécie de outros jornais feitos de recortes, a respeito do que a “imprensa oficial” publicava, tinha por objetivo estabelecer enquanto documento que comprovasse a existência daqueles tipos de problemas.

Nesse sentido, uma reportagem do *Jornal Correio de Uberlândia*, publicada em 19 de outubro de 2002, trazia o título: *Bairros são prejudicados por falta de passarela*.⁷⁰ No jornal, constava um texto que explicava a reivindicação dos moradores e trazia as falas de presidentes das associações que envolviam aquelas localidades, cujo subtítulo indicava: *Problema atinge moradores do Cruzeiro e do N. S. das Graças*.

⁷⁰ CIDADE. Bairros são prejudicados por falta de passarela. JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA, Uberlândia, 19 out. 2002, p. B3.

A fotografia em preto e branco, tirada pelo fotógrafo do *Jornal Correio de Uberlândia*, Paulo Augusto, em plano aberto, tinha uma moradora caminhando sobre uma ponte improvisada. Embaixo da foto, uma chamada explicativa: “Ponte improvisada foi construída sobre o córrego Liso pelos próprios moradores”.

IMAGEM 9 – Ponte improvisada sobre o córrego Liso



Fonte: PAULO AUGUSTO, *Bairros são prejudicados por falta de passarela*, Jornal Correio de Uberlândia. Cidade, Uberlândia, 19 out. 2002, p. B3.

No entanto, esta reportagem foi uma dentre aquelas encontradas no acervo particular do Sr. Abadio, mas com outra configuração no conjunto de imagens que, num primeiro momento, até sugere que aquelas outras fotos pertençam à matéria do jornal.

Não obstante, foram tiradas pelo Sr. Abadio e coladas juntamente com aquela reportagem, ordenadas pelo assunto: “fotos que mostravam a construção da ponte, o local onde seria colocada a passarela, como que era o processo de produção da passarela necessária para colocar no lugar da ‘pinguela’ feita pelos moradores”.

Pensar, então, sobre o que significa este tipo de colagem, alerta para uma linguagem que chama a composição de imagens enquanto aspecto central num processo de comunicação, possivelmente o “provar”, uma vez que, o Sr. Abadio vai articulando diz respeito aos pesos e medidas que ele atribui para cada fotografia, chegando ao ponto em que vai equilibrar tanto as fotografias produzidas pelo fotógrafo do jornal, quanto as fotos feitas pela equipe técnica da prefeitura, assim como aquelas produzidas por ele.

Desta forma, iguala na mesma importância todas estas fotografias diferentes, chamando a atenção para a reflexão de que, quando se trata da cidade, de pensar os espaços na cidade e as transformações no que é a estrutura física do espaço urbano, qualquer morador é capaz de fazer isso; não precisa ser um fotógrafo profissional ou uma equipe técnica de um órgão institucionalizado, que é a prefeitura, mas que ele, enquanto morador, é competente para produzir notícia, a partir de uma linguagem situada no campo da imagem e que explora de uma maneira ampla o que é esse imagético, configurando possibilidade de produção da notícia.

No entanto, diferencia-se em um sentido, quando diz: “as minhas são tudo colorida”. Realiza estas distinções passo a passo, durante a entrevista, e isso também é uma maneira de marcar um posicionamento diferente. Neste aspecto, a cor das fotografias vai assinalar sua singularidade enquanto “fotógrafo” que está atuando.

O que é importante para atentar na investigação, para o que significa o entrelaçar de linguagens que se relacionam na imagem, são vários elementos se sobrepondo. O que indica, também, um conflito dele enquanto morador produtor de imagem, que constrói sentidos sobre o social, sobre a cidade, sujeito que trabalha com essa linguagem para poder movimentar as reivindicações.

Quando produz estes recortes, guarda estas fotografias, criando e juntando as imagens pelo tema, vai construindo um sentido para aquele conjunto de fotografias, pois não deixa as fotos dispersas.

A partir do momento em que faz aquele trabalho de juntar, recortar e colar, assimilar a reportagem do jornal com a fotografia que ele mesmo produziu em um mesmo espaço da página de papel A3, está chamando a questão para apontar que existe um poder ali que ele está marcando.

Quando o Sr. Abadio faz questão de explicar o valor histórico daqueles documentos – “Aqui, ó, isso aqui tem uma história muito grande da Nossa Senhora das Graças” – ele também vai construindo uma visão da história que considera como importante priorizar e evidenciar através de sua narrativa.

Enquanto sujeito que produz sentidos para suas experiências, permite, no mínimo, indagar as suas intenções na entrevista para uma pesquisa no campo da história, o que se articula com muitos momentos da entrevista, quando ele antecipava minhas perguntas e formulava questões para ele mesmo responder:

Letícia: E, aí, é... O senhor... Você acredita que os moradores desse bairro,... O senhor que já, que atua há tanto tempo; no sentido geral, os moradores, se eles se envolvem nas lutas empreendidas pelas associações?

Abadio: Antigamente... Vou ser sincero com você. Há uns... Quer ver?! Uns quinze anos atrás, havia muito envolvimento dos moradores, agora, hoje não, os moradores não tá tendo mais assim... Acreditar no presidente dos bairro. Por quê? Por causa do que eu falei: todos presidente do bairro têm vínculo político dentro do município, tem cargo. Então, antes, num tinha. A gente tinha de... Brigava, chorava, jogava pedra [gestos com mais intensidade]... Agora, hoje, cê num tá veno isso aí, porque todo mundo, agora... Vamos supor... Hoje eu tô na presidência do bairro, quando der fé, eu to lá dentro da prefeitura. Então... Eu tenho que ficar quieto.⁷¹

Dessa maneira o Sr. Abadio também direcionava os assuntos que considerava respeitáveis a serem discutidos e oferecia indícios de um movimento que foi acontecendo com as lideranças comunitárias em torno do poder público, de ocultar a visibilidade das ações dos grupos de bairros.

Na medida em que conversava sobre as estratégias de comunicação de que dispunha, em especial sobre as visibilidades do bairro nos meios de comunicação, Sr. Abadio apontava: “Hoje, ocê... Cobrar, só você, tem muito pouca coisa. Agora, quando vai pra mídia, o trem evolui mais, cê pode ter certeza...”.

O entrevistado trazia indícios das formas como produzia visibilidade na imprensa, rádio e televisão em termos de escala, pela atuação e pelas reportagens no *Jornal Correio de Uberlândia* e no programa *Linha Dura*. Este entrevistado articulava frequentemente com os meios de comunicação de grande circulação na cidade.

A prática do Sr. Abadio, de guardar os recortes de imprensa e as fotografias que ele próprio produziu, oferecia pistas desta atuação e permitiu investigar as linguagens nos processos de comunicação que envolve a temática das cidades, o viver urbano e as formas como os sujeitos se comunicam e articulam uma cultura de comunicação na cidade.

Sr. Juarez Alves, que foi presidente da Associação de Moradores do Bairro Custódio Pereira durante cinco mandatos e atualmente preside o Conselho de Entidades Comunitárias, estando no terceiro mandato na referida ONG não trabalhava nesta perspectiva, pois não via com “bons olhos”, a constante dos bairros nos meios de comunicação.

⁷¹ SILVA, Abadio Duarte. Uberlândia, 7 out. 2011. Entrevista concedida a Letícia Siabra.

Em conversa sobre sua prática de militância e atuação enquanto líder comunitário, perguntamos se ele chamava programas de televisão ou jornal para noticiar alguma reivindicação a fim de torná-la pública. O Sr. Juarez apontava que:

Não. Eu como... A minha experiência, que eu tenho, os programas de televisão não têm resolvido o pobrema da, da reivindicação, não tem resolvido: é muito paliativa. Então, ocê, ocê mobilizar até o prefeito, você ir até as autoridades é você tem um resultado melhor, tá. Inclusive, ninguém gosta e, muitas vezes, quando tem, por exemplo, frentes diferentes de programa de televisão... Então, tem essa diferença: uma mostra o trabalho, o pessoal solucionando o pobrema, o nosso pobrema, e a televisão, muitas vezes, se você só mostrar as coisas ruim do bairro, desvaloriza os imóvel dos, das pessoas, desvaloriza o bairro. Entendeu? Então, acaba com a imagem do bairro, porque, no bairro, hoje, é o contrário, tem que ter uma imagem boa, nome bão, pras empresa tar investindo, tá montando boas, né, supermercado, é opção, pras pessoas ali, pra ele num ter que sair dali pra fazer outras coisas nos, nos outros local, né, que o transporte tem custo.⁷²

O Sr. Juarez expõe sua aversão em trabalhar com alguns canais de televisão, ao mesmo tempo em que traz uma percepção de que “os programa de televisão não têm resolvido o pobrema da reivindicação”, prioriza o contato direto com os responsáveis por resolver os problemas que ele elenca na condição de membro de grupo de bairro. Traz um confronto que diz respeito às construções de imagens pejorativas sobre os bairros e explica segundo sua visão da necessidade de se edificar imagens que valorizem o bairro, como atrativas para aquelas localidades.

Essas construções de imagens sobre os bairros e a cidade nos chama para enfrentar a relação entre imagem e memória, uma vez que é possível falar em construções de determinadas memórias que solidificam a cidade a partir de afirmações de determinadas imagens sobre os bairros.

Ao mesmo tempo em que percebemos uma relação de afirmação e enfrentamento destas imagens, a partir do momento em que os moradores procuram enfatizar que o bairro pode até ter essa imagem, mas que não é só isso, que existe muito mais coisas no cotidiano destas localidades que não são evidenciadas nos meios de comunicação.

⁷² O Sr. Juarez atua no movimento comunitário há aproximadamente 33 anos, foi presidente da Associação de Moradores do Bairro Custódio Pereira durante cinco mandatos e atualmente preside o Conselho de Entidades Comunitárias, estando no terceiro mandato. ALVES, J. Uberlândia, 22 nov. 2011. Entrevista concedida a Letícia Siabra.

O Sr. Juarez traz menções do peso que a imagem ganha na cidade, e como estas construções de imagens que desvalorizam algumas áreas interferem na dinâmica da cidade:

A mídia é uma pessoa com microfone. Então, agora, a mobilização é mais forte, porque a mídia se usa naquele momento, vai lá, resolve, dá resposta. Mas, depois, a coisa num continua. E você, mobilizando, as coisa continua,⁷³ muita gente, porque é difícil enganar muita gente ao mesmo tempo.⁷³

A partir das considerações do Sr. Juarez, é possível evidenciar as relações de dominação que envolvem os conflitos aos meios de comunicação, principalmente, comerciais. Sua aversão a algumas empresas de comunicação local associa-se à falta de mobilização e às distorções nos sentidos com que determinadas notícias vão ao “ar”.

O entrevistado traz indícios da necessidade de mobilização constante dos moradores pelos grupos de bairro, o que para ele não acontece quando envolve a TV e imprensa. No entanto, considera importante que o movimento comunitário produza seus próprios meios de comunicação, independentemente das empresas comerciais que, para ele, configuram “a mídia”.

Juarez: Hoje, a TV cidadania é nossa.

Letícia: E como que é a TV cidadania?

Juarez: A TV cidadania, hoje, tem uma estrutura mínima, ela passa no canal sete. E o que que facilita? O pessoal, pra clicar na Globo, tem que passar pelo sete. [inaudível]. Então, sempre tá tendo audiência porque a gente mostra coisa que ninguém nunca viu, né: as eleições no bairro, eventos na comunidade... Então, é essa TV, hoje, ajuda muito, tipo uma prestação de contas. A receptividade é muito grande pra quem assiste.⁷⁴

Importante avaliar qual é o público telespectador do canal em que circulam as notícias do movimento comunitário.

Cabral Filho analisando o papel das ONGs na sociedade civil, assim como sua relação com os movimentos sociais, a partir da criação de canais de comunicação expõe que:

o papel das ONGs, na medida em que pensam, de forma articulada com os movimentos sociais, caminhos possíveis para estabelecer um

⁷³ ALVES, J. Uberlândia, 22 nov. 2011. Entrevista concedida a Letícia Siabra.

⁷⁴ Idem.

canal de comunicação com a sociedade, preservando as particularidades de cada ator social e articulando projetos e propostas que possam ter interferência multiplicadora sobre as condições de vida da população. A mídia surge aqui como possibilidade real de atuação junto à opinião pública, em consequência de uma reflexão onde a comunicação passe a ser vista também dentro de uma ação estratégica a partir de uma prática transformadora.⁷⁵

Embora, suas reflexões compõem um conjunto de práticas em torno de pensar a mídia, e as relações das ONGs nesse circuito de comunicação, as reflexões do autor permitem dialogar com esta pesquisa na medida em que, se pensarmos o circuito por onde passa a relação da TV Cidadania que os membros do Conselho de Entidades Comunitárias, tanto defende e lutaram para que o canal fizesse parte do CEC, e buscando compreender por onde circulam as notícias que eles pretendem divulgar, uma vez que compreende o circuito fechado da TV por assinatura a quem tem acesso ainda uma pequena parte da população, em especial a “classe média” apontada nas pesquisas de audiência.

Vemos nas discussões de Cabral Filho, uma possibilidade para entender os motivos que TVs comunitárias, que correspondem às concessões obrigatórias, tentam mobilizar. Concordo com o autor quando chama atenção para o desafio colocado em termos destas TVs: “é preciso pensar as atividades de comunicação... Visando a criar um circuito próprio e independente, popular e também massivo de circulação de informações.”⁷⁶

⁷⁵ CABRAL FILHO, Adilson Vaz. *Rompendo as Fronteiras: a comunicação das Ongs no Brasil*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1996, p. 93. O autor inicia o texto abordando o surgimento das ONGs no período da ditadura como uma possibilidade diante das censuras aos movimentos sociais. Estas organizações integram o terceiro setor uma vez que se distinguem tanto dos movimentos sociais como de instituições vinculadas ao Estado. Não obstante suas atuações configuram assessoria principalmente jurídica aos movimentos sociais. Traz a relação das ONGs com as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), identificando os pontos de aproximação destes projetos ao mesmo tempo em que faz uma análise crítica das estruturas hierárquicas que perpassam a Igreja Católica e os trabalhos com as pastorais, não obstante, aponta os direcionamentos que tomaram as ONGs e suas relações com a mídia fala da relação das ONGs com a comunicação, expondo as maneiras de criarem veículos de comunicação que articulem suas propostas, dessa maneira aponta no final da década de 1980 as propostas para aproximar o trabalho das ONGs na comunicação, mas acima de tudo a aproximação com a sociedade civil e os movimentos sociais. Expõe algumas críticas: “As ONGs não foram capazes de instrumentalizar um circuito alternativo e massivo de circulação de informações que pudesse socializar os assuntos que abordam, privilegiando, ao contrário, uma ação articulada com a mídia em sua estrutura atual, na expectativa de conquistar resultados de grande impacto.”. CABRAL FILHO, Adilson Vaz. *Rompendo as Fronteiras: a comunicação das Ongs no Brasil*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1996, p. 100.

⁷⁶ Idem, p. 98.

A prática do Sr. Juarez Alves em promover eventos com a chamada do trabalho comunitário era uma constante na atuação das associações, assim como da Organização Não-Governamental (ONG) CEC:

Letícia: Você começou a falar sobre a realização de eventos, né, que vocês têm estrutura que vocês levam. Desde quando vocês têm essa prática de realizar eventos na comunidade?

Juarez: Não. Isso aí toda vida. Uma associação só consegue ter o respaldo da comunidade se ela conseguir ter algum tipo de evento se a... Se os moradores ver movimentando de alguma forma, entendeu?

Letícia: Entendi.

Juarez: Evento, hoje, existe uma carência muito grande, principalmente quando a questão cultural de lazer, né, capoeira, etc. Então, hoje o pessoal num vive só de asfalto, né, uma série de coisa, né, de complemento: é festa de criança, né... A gente tá aí com um projeto, o ano que vem, tentar fazer o maior numero de festa junina o ano que vem. Vamos começar montando a estrutura e fazer datas diferentes para ver se a gente faz um grande festival de festa junina. Pra quê? Integrar as comunidades, voltar àquelas tradição antiga e tal, o pau de sebo, etc., né, o casamento caipira: Então, planejar pro ano que vem, tentar fazer isso, então, muita gente já faz. Mas é pouco, que custa dinheiro, custa estrutura. Então, vamos buscar o patrocínio de empresa da cidade pra fazer vários eventos, integrar a comunidade, principalmente nos bairros, na área de risco, né, principalmente nas comunidades na área de risco.⁷⁷

O Sr. Juarez dá indícios de como entende a realização de eventos, mas, acima de tudo, chama a atenção para discutir cultura como elemento importante nas formas em que os moradores vivem e articulam suas experiências na cidade: “Então, hoje o pessoal num vive só de asfalto né”. Aponta para uma relação muito mais profunda do que as questões de infraestrutura ou até mesmo as reivindicações em si.

Neste sentido, as queixas dos moradores por infraestrutura se configuram apenas como uma parte de um complexo muito mais profundo. A intenção do entrevistado, em “voltar àquelas tradição antiga” a fim de integrar a comunidade junto ao movimento comunitário e para isso buscar apoio de empresas, permite pensar na relação entre cultura e cidade, numa configuração nas décadas de 1990 e 2000, pois se trata de uma prática forte que tem caracterizado o movimento comunitário e os processos de comunicação para se chegar à temática da cultura.

O social, que até o momento tem evidenciado uma dinâmica profunda da ordem capitalista nas cidades, que envolvem disputas hegemônicas no campo da cultura, ao mesmo tempo em que o “voltar àquelas tradição antiga” a que se refere o Sr.

⁷⁷ ALVES, J. Uberlândia, 22 nov. 2011. Entrevista concedida a Letícia Siabra.

Juarez Alves, nos dá o tom do quanto esse processo hegemônico não é homogêneo,⁷⁸ pois não existe apenas no campo da dominação, mas conta com uma nuance de interlocuções, muitas vezes em confronto, no que se apresenta como cultura.

A necessidade em integrar a comunidade nos bairros considerados pelo entrevistado quanto área de risco oferece embasamento para investigar onde e por que determinadas regiões ganham mais evidência nos meios de comunicação e qual o potencial destes movimentos na cidade.

Não se tratam das únicas regiões que têm ação de grupos de bairros na cidade, mas percebe-se que existe um processo de afirmação do movimento de atuação do trabalho comunitário, em contrapartida com o estabelecimento de uma prática de comunicação que lentamente se considera como prática política de atuação de sujeitos sociais no espaço urbano.

Podemos desconfiar da existência de uma cultura de comunicação que orienta as relações construídas pelos moradores na cidade. Quando perguntamos sobre o trabalho desenvolvido junto à associação de moradores, o Sr. Juarez apontou que

Na época, a gente tinha esse problema muito sério de emprego, então, a gente tinha lá a média de 12 cursos profissionalizante. Comecei promovendo curso de cabeleireiro, de datilografia, na época num tinha computador, curso de auxiliar de escritório, de secretaria, de office boy. Então, naquele tempo, esse aí tava, era a única forma de você entrar no mercado de trabalho, com esses cursos básicos. Então, a associação fazia isso e a gente, evento cultural, na rua, fechando a rua, e fazer evento cultural, constantemente. Eu consegui uma mobilização da comunidade. Foi isso que chamou atenção das demais associações. Eu vim parar no CEC.⁷⁹

A preocupação em promover cursos nas associações para ajudar os moradores, conforme aponta Sr. Juarez, a “entrar no mercado de trabalho” é uma sinalização de como alguns grupos atuam, mas, além disso, parte de uma configuração de qualificar, formar profissionais dentro dos bairros, de uma maneira a valorizar suas atuações.

No entanto, a análise dos materiais das associações, inclusive cartilha do movimento comunitário, que, na década de 1980, procurava mobilizar os moradores em torno da temática do trabalho, permite perceber, na fala do Sr. Juarez, um

⁷⁸ MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 5. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

⁷⁹ ALVES, J. Uberlândia, 22 nov. 2011. Entrevista concedida a Letícia Siabra.

redirecionamento para uma mobilização em torno da temática do mercado: os eventos culturais a que se refere o Sr. Juarez atuam como estratégias de mobilizar a comunidade. Em vários momentos o entrevistado chama a atenção para a necessidade constante de movimentar o trabalho comunitário.

Um movimento que nos dá pistas de uma urgência em dizer que o trabalho comunitário não se extinguiu na década de 1990, mas que houve uma necessidade em redefinir direcionamentos e intenções que advêm do cotidiano das experiências dos moradores.⁸⁰

Cabe destacar que a conjuntura que marca a configuração dos meios de comunicação tem uma presença significativa no teor dessas mudanças, pois o aumento considerável de programas jornalísticos em âmbito nacional durante os anos 1990, que se propunham noticiar este cotidiano, muitas vezes assumindo a alcunha de comunitário, será marca de um movimento nos sentidos de comportamento dos moradores nas periferias das cidades.

O pastor Cláudio,⁸¹ presidente da Associação de Moradores do bairro Tocantins, aponta que:

A leitura que o pessoal tem do bairro Tocantins é que é um bairro violento. Mas, se você perguntar – Ah, vou lá no Tocantins – tem aquele estigma dum bairro violento, é. Mas a gente percebe que, de 2000, 2006 pra cá, o índice de crimes violentos aqui caiu: o índice de roubo caiu, o índice de furto caiu, né. Isso num é divulgado, né, isso num é divulgado, né, isso num é divulgado, né, porque né... Agora, assim, como presidente no bairro, o meu compromisso é também divulgar as cosias também e mostrar que esses índices caiu, né, e como nois fomos atrás também de uma agência bancária pra colocar no bairro. Porque o nosso plano de governo é abrir uma agência bancária aqui, no bairro. Então, nois colocamos esses dados pro

⁸⁰ Ao analisar a Coleção do Centro de Documentação Popular (CDP), atentando para os embates no campo da memória para investigar as relações sociais que envolviam os movimentos populares e sindicais na década de 1980, Amanda Marques Rosa aponta que esta coleção contava com uma diversidade de materiais de imprensa que destinavam a constituição de um saber na elaboração de boletins e jornais dos movimentos populares “que indiciam sobre a movimentação de diversos agentes dos movimentos sociais na década de 1980, na cidade e também no país, ao mesmo tempo em que mostra sobre a capacidade criativa e criadora desses sujeitos em propor alternativas de comunicação, que se mostravam como mecanismos de intervenção dentro daquela sociedade, ao divulgar, compartilhar e defender interesses, sonhos e expectativas de mudança do presente, desenhando outras possibilidades de futuro”. Ver: ROSA, Amanda Marques. *Memórias, histórias, movimentos sociais*: mobilização, comunicação e projeto de luta - Uberlândia-MG, anos 1980. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, 2011, p. 176.

⁸¹ Entrevista com Sr. José Cláudio Marinho, presidente da Associação de Moradores do bairro Tocantins, nascido em 27/11/1969. Mais conhecido como Pastor Cláudio, por sua atuação na Igreja Cristã Gera Vida. Entrevista no dia 11/10/2011.

super... Gerente dum banco, aqui em Uberlândia, mostramos pra ele que hoje tem, pegando o Guarany, Tocantins, Talismã, temos mais de 50 mil moradores, tudo junto, né. Falamos pra ele sobre questão de violência mostramos, né. Entendeu? Porque, aí, se vai mostrando os dados, né, modificando a nossa leitura, por exemplo, né, a nossa leitura, por exemplo. Eu, particularmente, tenho um projeto de, de fazer uma leitura diferente do bairro, né, de tá com projeto de marketing diferente do bairro. Esse é um projeto que já começou do Natal Premiado: “compre no bairro Tocantins”. Então, é uma sequência de ações que eu tô fazendo, já, pra restaurar o que é a cultura do bairro: a gente vai enfeitar as ruas, botar pisca-pisca e jogar isso na mídia, jogar isso na mídia, pra, pro povo ver que o Tocantins não é aquilo mais. Então, tem uns fatores que a gente vai construindo devagar.⁸²

É preciso considerar também as defesas de interesses de comerciantes nestes bairros que também se coadunam para formar uma pauta de questões como essenciais para estes bairros. Isso indica que grupos distintos estão movimentando assuntos diferentes para estes bairros, e que, mesmo os questionamentos individuais, com a recorrência das questões, vão se tornando necessidades de uma coletividade.⁸³

O pastor Cláudio procura chamar atenção para a questão do comércio enquanto essencial para caracterizar o Bairro Tocantins aliado à diminuição dos índices de violência, o que, para ele, se configurava como um elemento de atração para outros comerciantes e até mesmo agências bancárias em ir para o Bairro Tocantins e suas proximidades:

A consequência vai ser boa, né, porque vai mostrar uma maneira de administrar diferente, porque a gente tem uma visão diferenciada, né, de que comerciante... O olho da gente muda bastante. É por isso que a gente tá fazendo esse trabalho de visibilidade, nessa forma de que, mostrar o bairro, essa campanha vai sair na televisão. Então, vai

⁸² Entrevista com Pastor Cláudio, 11/10/2011.

⁸³ Analisando o processo de constituição do periodismo suburbano no Rio de Janeiro entre 1880 e 1920, Leandro Clímaco Mendonça fala sobre os diferentes tipos de imprensa, na época, que falavam da população. Dentre elas, evidencia os jornais suburbanos em que apareciam os movimentos de anunciantes de comércios locais nos jornais, e as causas que faziam a pauta desses jornais, como a defesa dos comerciantes e da população: “o esforço destes representantes, além de vender espaços para anúncios no jornal, como vimos, residia também na coleta de cartas dos habitantes dos subúrbios, que posteriormente abasteceriam o jornal com notícias publicadas em seções especializadas em abordar o cotidiano da população de diversos bairros. logo, para muitos jornalistas, era necessário trabalhar para tornar o jornal um legítimo representante dos suburbanos, não só abrindo espaços para dar voz a essa população, mas fundamentalmente, agindo perante os agentes públicos no sentido de pressioná-los a resolver as demandas apresentadas pelos leitores”. O autor permite estabelecer um diálogo acerca dos interesses que permeiam os assuntos que compõem a pauta dos jornais. Ver: MENDONÇA, Leandro Clímaco. *Nas Margens: experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro, 1880-1920*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011, p. 62.

diferenciar um pouco a maneira deles tá olhando pro bairro Tocantins.⁸⁴

A visibilidade, para ele, é um aspecto importante que influencia no comércio e serviços no bairro. Essa maneira diferenciada, a que se referiu o presidente da associação de moradores e também comerciante local. Compreendia a imagem que se constrói sobre o bairro como uma tarefa e desafio para movimentá-lo, sobretudo, para se tornar um atrativo para que empresas bancárias invistam na região.

No entanto, o desafio configura-se, no mínimo, em duas frentes distintas: a primeira, projetar o bairro e a região no circuito da cidade, tirando-o do isolamento que a imagem de violência vinha caracterizando para integrar aquela localidade no restante da cidade, e, para tanto, se faz necessário construir uma imagem de bairro comum que tenha retorno tanto do poder público municipal quanto do comércio, que, para ele, é um aspecto cultural importante e talvez o mais forte que poderia mudar “a leitura” que se faz do bairro.

A segunda frente diz respeito a construir uma imagem diferenciada do bairro para os próprios moradores, através do projeto de marketing proposta pela associação. A necessidade de convencer os próprios moradores da valorização ao bairro, através da mudança da imagem edificada sobre a localidade, é um aspecto no mínimo interessante para se investigar as nuances que a produção de visibilidade significa nos movimentos em torno da cultura.

A ideia desse movimento para “restaurar o que é a cultura do bairro, para depois jogar isso na mídia [...] pro povo ver” é um elemento muito importante da maneira como vão se criando as estratégias de comunicação e modificação do espaço urbano.

O entrevistado chama atenção para um ponto importante em pensar cultura de um bairro, ao mesmo tempo projetando na cidade e nos moradores que fazem parte dela.

Incentivar o comércio local, para o pastor Cláudio, se mostra enquanto uma potencialidade de modificação do bairro. Por outro lado, a relação comércio/cultura é um ponto importante também para compreender algumas construções sobre a cidade. Visualizar a existência de um público consumidor, nestas localidades que têm um potencial financeiro, que rompe com uma memória que limitaria os moradores na condição de periferia, dependente das boas ações alheias. E que para, além disso, num

⁸⁴ MARINHO, J. C. Uberlândia, 11 out. 2011. Entrevista concedida a Letícia Siabra.

nível mais profundo de reflexão, configuraria um aspecto da dominação de alguns grupos sobre os dos moradores daquele bairro.

Para tratar de processos de formação comunicativos, dessa forma, pensar a relação entre cultura e cotidiano nas experiências dos moradores da cidade, nos leva a indagar as bases de sustentação do movimento em escala global, pensando estes moradores como sujeitos ativos desse processo, buscando a concretude de suas experiências comunicativas na relação com o espaço urbano.

Durante o período que passamos entrevistando moradores destes bairros, procuramos investigar como eles se comportavam em relação à cidade a partir de suas vivências cotidianas, percebendo os espaços que ocupavam e/ou construíam, os modos de circulação na cidade, nos percursos que faziam para trabalhar, as maneiras como se relacionavam nesse campo, as formas como se comunicavam, assim como nos momentos que dispunham para assistir à televisão, a fim de pensar como se relacionavam com a circulação de notícias na cidade.

Foi importante construir um diálogo flexível em termos de possibilidades que as questões ofereciam para compreender como estes moradores estavam vivendo as experiências de comunicação. E um ponto de destaque, nesse sentido, as formas que construíam para falar dos hábitos que criavam e corriqueiramente vivenciavam.

O diálogo com as reflexões de Silva et al. foi importante para investigar as relações entre sujeitos e espaço urbano, uma vez que permite olhar parar os desenhos da cidade enquanto evidências de movimentos de moradores no urbano.

Ao analisar as interações comunicativas dos sujeitos no espaço urbano no hipercentro da cidade de Belo Horizonte, Silva⁸⁵ et al. chamam atenção para os aspectos da cartografia como importantes estudos que permitem compreender o espaço: “é preciso ressaltar, contudo, que a cartografia, os fazeres cartográficos e seus produtos, estão diretamente associados à uma forma de organização do conhecimento sobre o espaço.”⁸⁶

Os autores apontam que é necessário pensar no que movimenta a cidade e suas relações com os espaços que são construídos pelos sujeitos de diversas maneiras, o que

⁸⁵ SILVA, R. H. A. et al. Dispositivos de memória e narrativas do espaço urbano: cartografias flutuantes no tempo e espaço. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação E-Compós*, Brasília, v. 11, n. 1, jan./abr. 2008, p. 1-17. Disponível em: <<http://e-compos.org.br>>. Acesso em: jun. 2011.

⁸⁶ Idem, p. 2.

permite as considerações dos autores sobre a relação entre espaço e cultura, na medida em que “entender a cidade como um espaço vivido é pensá-la como um espaço cultural no sentido mais amplo deste termo: um espaço do movimento, da diferença, da multiplicidade, da hibridação do conhecimento, da subversão e da liberdade”.⁸⁷

Compartilhamos dos posicionamentos dos autores quanto à importância em se pensar a cidade como um espaço cultural.

Neste aspecto, delimitamos o campo de análise e investigação da pesquisa, assim como expusemos nossas preocupações em esforçarmo-nos para compreender as relações culturais nos fazeres sociais que compõem o espaço urbano: a cidade é o lugar que permite que estas relações aconteçam ao passo em que também demarca os modos como tais relações ganham notoriedade.

Dessa maneira, é importante investigar os usos que os sujeitos fazem do espaço, mas também as maneiras encontradas por eles para criarem outros lugares e dimensionar outros planos para além daquele que se mostra como espaço físico da cidade.

O que evidenciamos aqui é a disposição de olhar para os moradores da cidade como sujeitos que produzem sentidos através das formas de se comunicarem e, assim, movimentarem o urbano e se relacionarem com/na cidade.

⁸⁷ SILVA, R. H. A. et al. Dispositivos de memória e narrativas do espaço urbano: cartografias flutuantes no tempo e espaço. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação E-Compós*, Brasília, v. 11, n. 1, jan./abr. 2008, p. 7. Disponível em: <<http://e-compos.org.br>>. Acesso em: jun. 2011.

2.2 Registros da luta nos bairros: diálogos, confrontos e produção de memórias na cidade.

No conjunto de materiais presentes no Conselho de Entidades Comunitárias (CEC), referentes às associações de moradores e grupos de bairros em geral, a maioria contava com documentos que faziam parte do circuito de atuação dos grupos juntamente com a ONG, e encaminhados à prefeitura ou à Câmara Municipal. Também havia documentos de registro e legalização das associações com a prefeitura, atas, ofícios, estatutos, alguns mapas e folders dispersos que poderiam trazer evidências da movimentação destes grupos.

Procuramos ler, nestes materiais, rastros de atuação destes moradores em relação à cidade, contudo, há de se considerar que a fragmentação dos materiais também oferecia indícios da própria maneira de trabalho destes grupos e dos embates internos entre membros e chapas com interesses divergentes entre si, que é preciso considerar também para reconhecer e procurar mapear as formas pelas quais tais materiais se encontravam naquelas condições.

Nesse sentido, não dispunha de sequências das atas referentes às associações, uma ou outra era encontrada nas pastas de cada grupo de bairro, registrados no CEC, e a maioria estava lá pelo motivo de reconhecimento das eleições de chapas para presidentes.

No entanto, juntamente com os registros de eleições, também havia indícios de outras reuniões que aconteceram nos referidos bairros, alguns detalhes sutis que marcavam as atas e permitiram analisá-las por outro viés que são aquele das eleições propriamente dito: a quantidade de moradores em determinado momento, tipos de registros da presença destes moradores, indicavam formas de participação e comunicação destas pessoas num circuito de discussão que direcionava para pensar a cidade e as relações destes sujeitos com o espaço urbano.

Analizando os materiais, investigamos quais os tipos de diálogos eram mobilizados entre moradores nos bairros da cidade. Algumas pistas surgiam no confronto entre estes documentos. Tais indícios apareciam de forma dispersa nas pastas das associações de moradores e grupos de amigos de bairros, necessitando de um trabalho de pesquisa que consistia em montar um “quebra-cabeça” com estas pistas e ir costurando as teias, buscando os sentidos daqueles movimentos.

Em 1994, percebe-se uma movimentação intensa da Associação de Moradores do Bairro Parque São Jorge⁸⁸ para tratar de questões como saneamento básico, infraestrutura e segurança, apontando que são questões que precisam ser discutidas naquela região. Mas um ponto que nos perturbou foi a ausência de registros quanto aos presentes nas reuniões uma vez que estes encontros são assinadas apenas pelo presidente e pela secretaria geral.

Também neste mesmo ano aconteceu uma reunião em que estavam presentes lideranças de bairros vizinhos, representante do CEC, assim como os responsáveis pela Secretaria de Serviços Urbanos do Município de Uberlândia, Marcelino Tavares Mamede e Osvaldo Taccoou, e a vereadora Liza Prado. Nesta oportunidade,

O presidente [da Associação] Francisco Moura da Cunha apresenta ao senhor Marcelino a nossa insatisfação com relação a limpeza do bairro, falando de entulhos, lixos e também as bocas de lobos entupidas. É colocado também da fraca energia em nossa região, O senhor Osvaldo responsável pela sessão de iluminação esclarece que “esta região foi planejada para uma determinada faixa da população com menor poder aquisitivo mas a maioria dos moradores tem aparelhos de som televisão e outros que consomem muita energia, sendo este um dos motivos da queda de energia”.⁸⁹

O mais intrigante neste aspecto é o confronto entre grupos diferentes, tentando estabelecer padrões totalmente divergentes para os moradores daquela região, pois o “planejamento” a que se referia o responsável pelo órgão da prefeitura não era compatível com o tipo de poder aquisitivo que eles consideraram adequados para aqueles moradores.

A responsabilidade pela falta de iluminação é devolvida aos moradores que são enquadrados na condição de culpados por não terem aquele padrão que foi estabelecido por terceiros para eles.

Por outro lado, estes moradores estão dizendo que falta muita coisa naquele bairro que deveria ser direito deles enquanto moradores na cidade. Por se tratar de uma ata, com discussões resumidas devido ao seu caráter de registro, não se sabe sobre o

⁸⁸ A Associação de Moradores do Bairro Parque São Jorge solicitou filiação junto ao CEC no dia 3 de novembro de 1995, conforme ofício encaminhado e datado. Embora haja documentos comprovando a existência da associação de moradores do Bairro Parque São Jorge desde 1991, quando foi considerada de utilidade pública (conforme documento da prefeitura, datado de 28 de outubro de 1991, respaldado na lei nº 5380).

⁸⁹ ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO RESIDENCIAL SÃO JORGE IV. *Livro-Ata de 10 de Junho de 1994*, Uberlândia, 1993, p. 5. (Grifos meus).

desenrolar daquela situação, pelo menos de forma isolada no corpo da ata. Mas, ao procurar a movimentação destas pessoas num circuito de comunicação impressa, foi possível perceber que as discussões se arrastaram por cerca de duas décadas.

Esse debate oferece pistas para questionar o estabelecimento de padrões de sobrevivência de moradores, em relação à estratificação do espaço urbano, para adequar tipos e grupos de moradores em determinados lugares a partir da condição socioeconômica, confrontando com o próprio questionamento destes moradores através da cultura, pois os aparelhos de som e televisão os quais mencionou o Sr. Marcelino são evidências das contestações de que não existe uma “pureza” do ser pobre que foi formulada para formatar estas pessoas.

Neste aspecto, as atas apresentam confrontos, que vão muito além da relação entre ricos e pobres. Não se trata apenas de morar em determinado lugar para que seja condição *a priori* para o tipo de poder aquisitivo do morador, existem nuances mais profundas quando se trata da relação dos moradores com o espaço urbano.

Outro aspecto importante significa pensar no que são os valores de classe média que os moradores vão incorporando, uma vez que existe um movimento que, a partir dos meios de comunicação, se articula com tais valores que passam a fazer parte da maneira como os programas jornalísticos que se propõem a tratar do cotidiano dos moradores a evidenciar determinado grupo criam consensos e, através das empresas que se relacionam mediante a publicidade e marketing utilizam destes artifícios para atrair os consumidores.

As formas de apropriação e incorporação dos valores de classe média acontecem de várias maneiras, e distintas de como tais valores foram configurados no primeiro momento.

A construção de laços de sociabilidades entre eles indica que existe uma potencialidade de organização entre grupos a partir das associações para estabelecer campos de comunicação que vão se concretizando enquanto estratégias de articulação e vivência na cidade.

Outros indícios de movimentação destes moradores foram possível perceber nas atas, como, por exemplo, as formas encontradas para fazerem reuniões, com o objetivo de conseguir mobilizar pessoas em um local para discussão. Mesmo não tendo uma sede própria, no grupo de moradores da Associação do Bairro São Jorge, em 1993, a primeira reunião (de que dispomos de registro em ata) aconteceu na residência de um morador.

No mesmo ano, fizeram uma comemoração de festa junina, com barraquinhas, a qual arrecadou um total de quatro mil e nove cruzeiros: “O presidente diz que com esta festa divulgamos mais o movimento comunitário em nosso conjunto, que a mais de um ano que batalhamos, mas conseguimos formar uma associação de moradores”.⁹⁰

Destacamos esta associação como significativa para investigar os movimentos de comunicação entre moradores através da maneira como os grupos de bairros foram se relacionando na região sul⁹¹ da cidade.

O contato com os materiais destes grupos permitiu analisar as estratégias de comunicação empreendidas pelos moradores, tanto no que tange ao aspecto de desenvolver formas próprias, como em se apropriar dos meios comerciais de circulação local na cidade, bem como em mapear vestígios de projetos de comunicação empreendidos pelos próprios grupos de bairros.

No artigo *Redes culturais em territórios urbanos*, as autoras Silva e Gonzaga discutem a existência de redes de imagens para olhar a cidade e apontam que

as pessoas têm uma necessidade premente de pertencimento/ reconhecimento em relação à comunidade ou grupo social no qual estão inseridas. nesse sentido, é no processo de organização em torno de projetos comuns, sobretudo, projetos culturais, em que os indivíduos identificam e compartilham não só o mesmo território, mas seus interesses e necessidades, constituindo suas identidades individuais e coletivas.⁹²

As autoras abrem possibilidade para pensarmos as redes de comunicação também como territórios de negociação. Dessa forma, as discussões de Silva e Gonzaga sugerem alternativas para pensarmos nos territórios de disputas que caracterizam tais redes a partir do momento em que remetem para relações entre sujeitos, confrontando lugares de fala e também legitimação de poderes pela palavra.

A partir do momento em que nos direcionamos para estas empresas de comunicação na cidade, situando seus lugares de produção e atuação no cotidiano das experiências de moradores, abrem-se possibilidades para indagarmos as relações

⁹⁰ ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO RESIDENCIAL SÃO JORGE IV. *Livro-Ata de 10 de Junho de 1994*, Uberlândia, 1993, p. 3. (Grifos meus)

⁹¹ Percebo através desta ata que as atividades da associação não se restringiram a um bairro, pois existem registros da participação dos bairros Laranjeiras, Aurora I e II, Jardim das Palmeiras e São Jorge II e IV. Em 1997 as associações de moradores destes bairros foram unificadas (conforme registrada em ata no dia 02/ 04/ 1997, p. 06).

⁹² SILVA, R. H. A. et al. Redes culturais em territórios urbanos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2005, CD-ROM. p. 4.

espaço/tempo no âmbito midiático. A relação ganha uma profundidade através das análises sobre as disputas entre empresas, considerando que suas batalhas acontecem visivelmente por meio das programações. O que parece estar na base de todas estas questões permite a inscrição da cultura como campo de disputa social.

Nesse aspecto, é importante analisar como vão se formando tais relações, indicações de que tais laços são formulados constantemente a partir de algo mais profundo que tem origem nas relações entre moradores a partir do momento em que dispõem de artifícios para mobilizar a opinião pública para suas causas.

Cabe pensar como as redes são constituídas e buscar os sujeitos sociais que as compõem. Dessa maneira, os indícios da forma como as reuniões aconteciam, em lugares variados, tem demonstrado um esforço no sentido de que era preciso que pessoas se encontrassem para tomar decisões e buscar caminhos para resolver, num primeiro momento, necessidades pontuais de energia elétrica, por exemplo, mas que vão criando um espaço comum de discussão e também formação de uma prática que se pautava na necessidade da circulação da comunicação enquanto estratégia de transformação social. Ou seja, um amplo debate em termos de constituição de sujeitos ativos nas questões da cidade.

Adentrando nas festas como maneira de fazer circular notícias de atuação de moradores, mas, acima de tudo, da existência e consolidação das associações de bairros enquanto grupos articulados que fazem movimentar a cidade, percebe-se que divulgar suas ações, por parte destes grupos, não era meramente fazer conhecer, mas que se tratava de uma estratégia política de atuação dos grupos.

Embora a ênfase no evento enquanto festa que permite conhecer a existência de conjuntos de moradores atuando, seu potencial vai muito além, pois é capaz de mobilizar os próprios grupos para se identificarem enquanto tendo alguma coisa em comum, configurando o elo de pertencimento a determinados grupos.

O diálogo com Thompson é importante nesse sentido, a partir do momento em que discute sobre o potencial das classes e da tomada de consciência da própria classe trabalhadora enquanto tal⁹³. Trazemos as discussões do autor para este debate, reconhecendo a necessidade de se pensar classes no século XXI, a partir do momento

⁹³ Discutindo a formação da classe operária inglesa, Thompson aponta as justificativas da formação de uma classe operária entre 1790 e 1830 a partir da tomada de consciência da classe trabalhadora: “Isso é revelado, em primeiro lugar no crescimento da consciência de classe: a consciência de uma identidade de interesses entre todos esses diversos grupos de trabalhadores, contra os interesses de outras classes...”. Ver: THOMPSON, E. P. Exploração. In: _____. *A formação da classe operária inglesa*. 2. ed. v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1988, p.17.

em que consideramos que não se trata de uma questão acabada, mas que existem muitos meandros e desafios para a História Social, em pensar o lugar dos sujeitos nas relações sociais.

Poderíamos falar de uma composição de classe que se forma a partir dos grupos de bairros, e que tem um aspecto de mobilização da comunicação enquanto linguagem que permite a inscrição dos sujeitos na cidade? Provavelmente, este é um caminho que abre brechas para discutir as formações em termos de classe que mudaria o lugar das perguntas.⁹⁴

Seguindo este raciocínio, outra ordem de dificuldades configura um desdobramento destas questões a partir do momento em que pensamos os grupos de bairros na cidade, sem querer dizer que sejam todos formados por associações de pessoas carentes: tanto em um grupo de moradores de regiões abastadas como em áreas consideradas periféricas (no sentido de pobre), haveria projetos comuns de atuação de associações de moradores, embora com princípios diferentes a partir de necessidades distintas.

Ou seja, as categorias antes formuladas para o que seria pobre e rico apresentam complexidades mais profundas e sutilezas que se manifestam na maneira como as relações culturais são articuladas, em grupos distintos.

Não obstante, essa possibilidade não aplaina a desigualdade social existente nas cidades, pelo contrário, acentua a luta de classes, pois parte de grupos que se identificam enquanto consciência de classe a partir do trabalho comunitário, mas que engendram distinções profundas.

Confrontando as realizações de eventos entre grupos de bairros e programas de televisão, como o *Linha Dura no Seu Bairro*, percebe-se a necessidade de criar vínculos entre os moradores a partir de uma comunicação que não é endógena aos próprios grupos, mas que apresenta uma disputa por legitimação entre empresas de comunicação e grupos de bairros, disputando os mesmos moradores.

O que aparentemente poderia configurar uma parceria, se pensarmos no aspecto da realização dos projetos, expõe um conflito ali, que indica um sintoma social, a consolidação das estratégias de mercado necessitando conquistar os moradores nas

⁹⁴ Conforme realiza Martin-Barbero ao pensar o mapa noturno a partir das matrizes culturais: “mudar o lugar das perguntas para tornar investigável os processos de constituição do massivo para além da chantagem culturalista que os converte inevitavelmente em processo de degradação cultural.” Ver: MARTÍN-BARBERO. J. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 5. ed, Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. p. 29.

cidades através da cultura. A contestação de que não existe uma cultura popular pura passível de contaminação pela cultura burguesa é um elemento a se considerar para investigar como os produtos vão incorporando os modos de vida dos moradores.

Possuir aparelhos de TV e geladeira apresenta-se como necessidades de grupos que foram subestimados pelo poder de consumo até o início da década de 1990. No entanto, o potencial destes setores para construir valores e incorporar outros vai indicando uma modificação na forma de olhar para os moradores.

Pensar que são economicamente capazes de participar de um processo de consolidação do poder de compra tem se revelado uma alternativa para configurá-los enquanto interessantes para os movimentos do capital através das discussões de inclusão das classes C e D nas pesquisas de marketing e mercado: em que entram as disputas de audiência das empresas de telecomunicações na América Latina em traçar um perfil de telespectadores consumidores dos produtos da comunicação.⁹⁵

Importante considerar os meandros por onde passam as notícias nos programas jornalísticos, compreendendo que participam de relações de consumo e atingem os telespectadores, e, para, além disso, participam do cotidiano, relacionando-se com as formas de aquisição de bens e serviços.

Pensar a cultura nessa relação implica em considerar estratégias de empresas de comunicação para manter a programação, formular padrões e interferir nas preferências dos consumidores. Não se trata apenas de estratégias de mercado, mas de embates culturais nas formas como os sujeitos participam dessa comunicação e também orientam suas vidas.

Procuramos, então, investigar como estas relações estão presentes no campo da cultura a partir dos embates que perpassam a comunicação. A análise das atas do

⁹⁵ Marilena Chauí, discutindo as relações de poder que envolve a mídia, traz contribuições significativas para pensar os espaços da publicidade, sobretudo, a propaganda comercial nas relações intrínsecas que permeiam o entretenimento o qual corresponde a um produto que a telecomunicação vende: “Como indústria cultural, rádio e televisão operam segundo a lógica do mercado de entretenimento e da propaganda comercial. Por isso, introduzem duas divisões cuja referência é o poder aquisitivo dos consumidores: a dos públicos (as chamadas “classes” A, B, C e D) e a dos horários (a programação se organiza em horários específicos que combinam a “classe”, a ocupação – donas de casa, trabalhadores manuais, profissionais liberais, executivos –, a idade – crianças, adolescentes, adultos – e o sexo). Essa divisão atende às exigências dos patrocinadores, que financiam os programas em vista dos consumidores potenciais e, portanto, criam a especificação do conteúdo, a forma e o horário do programa já exprimem em seu próprio interior a imposição do patrocinador.” Ver: CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006, p. 45. Cabe ressaltar que a autora faz a distinção entre os sentidos de classe, aplicados às pesquisas de audiência que partem do princípio de poder aquisitivo dos consumidores, e não à ideia de classe a partir da divisão social.

Conselho de Entidades Comunitárias permitiu mapear alguns indícios que evidenciam as sutilezas da configuração dos modos de vida dos moradores na cidade.

Dispomos de registros, a partir de 2005, sobre a movimentação do CEC na relação com as associações de moradores. Durante todas as atas, percebe-se uma preocupação constante por parte do presidente do CEC, Juarez Alves, em fortalecer o movimento comunitário através da organização das entidades afiliadas.

Este é um dizer que mobiliza forças em torno de uma unidade da ONG, mas, por outro lado, é uma tentativa, na medida em que tais esforços poderiam significar um movimento diante da perda de força da entidade ou até mesmo do movimento comunitário. Entretanto, é notória a necessidade de “parcerias” com outras entidades e até mesmo empresas em nome desse fortalecimento do movimento comunitário.

Mas isso indica o percurso, em termos de cultura, do qual participa o aspecto da incorporação seletiva, num campo de tensões, pelo movimento comunitário enquanto força ativa no social. Pensar em disputas hegemônicas nesse campo de tensões também indica que estes grupos, que de certa maneira se mostram organizados a partir do reconhecimento da necessidade da formação e fortalecimento do movimento comunitário, também reivindicam o participar enquanto agentes consumidores nessa sociedade.

Assim, pensar na potencialidade destes agentes sociais através de suas tensões e complexidades, nos direciona para uma visão exterior ao corriqueiro romantismo que muitas vezes perpassa as produções historiográficas que tratam da temática da cidade e colocam o movimento comunitário enquanto uma espécie de popular que se contamina com o capitalismo e as leis de mercado, ao incorporarem estratégias da sociedade de consumo.

Durante alguns momentos, percebe-se uma atividade mais intensa quanto aos diálogos diretamente como a administração municipal e os grupos de bairro. Tanto na década de 1990 quanto após 2000, aconteceram reuniões que tinham o objetivo de uma conversa coletiva com o prefeito em exercício. No entanto, as formas de projeção dos impactos dessas reuniões foram variadas.

Durante o ano de 1994, as associações de moradores tiveram bastante evidência na imprensa, a partir das reivindicações; em 1999, a Câmara dos Vereadores promoveu diversas reuniões setoriais nos bairros, onde ficava evidente a participação dos líderes comunitários e o objetivo era fazer um levantamento das principais reivindicações das

associações de moradores em cada setor da cidade. O *Jornal Correio de Uberlândia* deu uma ênfase maior para as discussões dos moradores.⁹⁶

Já em 2006, isso não aconteceu. Encontramos registros das movimentações das associações de moradores ao realizarem estas reuniões através das atas do CEC, em que os membros dos grupos de bairros apontavam. No dia 14 de janeiro de 2006, aconteceu a Assembleia ordinária do CEC, na qual a principal discussão foi a respeito da avaliação da reunião que acontecera com o prefeito Odelmo e os presidentes de associações de moradores.

Passando ao segundo item da pauta “Critérios para futuras reuniões setoriais”, a oportunidade de conquistas será maior, [Juarez, presidente do CEC] disse que as Regionais farão uma reunião onde serão discutidas reivindicações de cada Bairro, e feita uma pauta que será previamente enviada a Assessoria do Prefeito, e que no dia da reunião, muita coisa provavelmente já estará resolvida.⁹⁷

Os membros presentes se posicionaram e fizeram uma avaliação a respeito da conversa com o prefeito quando alguns presidentes de associações apontavam aspectos positivos do encontro, outros chamavam atenção para a necessidade e obrigação do prefeito Odelmo Leão em ouvir as reivindicações dos membros, dentre outros.

O que chama atenção nesta ocasião foi a maneira como os moradores que estiveram presentes nas reuniões se posicionaram a respeito da necessidade de dialogar com o poder público a fim de que algo acontecesse de concreto a partir daquelas reuniões setoriais. Ou seja, que aquele movimento de conversações intensas com o prefeito gerasse resultados efetivos para os bairros.

Nas atas do *Conselho de Entidades Comunitárias*, havia registros de movimentações das reuniões setoriais, dos encontros com o prefeito em exercício, assim como as avaliações que os membros das associações faziam destas reuniões, no entanto, pela temática da cidade que o *Jornal Correio de Uberlândia* pretendia abordar, estas reuniões não foram noticiadas no jornal. Por outro lado, em 2008, inicia-se uma série de

⁹⁶As discussões promovidas pelos vereadores na Câmara continuaram durante o ano de 2001, a fim de definir alguns direcionamentos do orçamento participativo que estava em discussão até então naquele momento. Contudo, as sessões itinerantes em que aconteciam tais reuniões setoriais davam prioridade para os líderes comunitários apontarem as necessidades que consideravam prioridade para aqueles bairros.

⁹⁷ CONSELHO DE ENTIDADES COMUNITÁRIAS - CEC. *Livro-Ata de 15 de Julho de 2005*, Uberlândia, 2006, p. 15 (verso). (Grifos meus).

reportagens sobre os bairros. De uma forma indireta, as matérias do jornal procuravam enfatizar a própria imprensa como sujeito da visibilidade dos moradores nos bairros.

Em 2008, o *Jornal Correio de Uberlândia* publica uma reportagem abordando a relação dos moradores de bairros periféricos com o centro da cidade, com a ideia central de autonomia destas regiões mais afastadas, com as formas como vão criando núcleos próprios de serviços, que fazem com que estes bairros funcionem como esferas isoladas umas das outras.

A expansão urbana provoca um fenômeno que transforma bairros, como o São Jorge e o Luizote, por exemplo, em espécies de cidades-satélites do hipercentro überlandense. Essa autonomia relativa pode ser explicada de várias maneiras: seja pelas amplas opções comerciais existentes nestes bairros, seja pela pobreza que afasta os mais humildes das áreas nobres e centrais ou mesmo pela miscelânia do rural com o urbano que ainda persiste na rotina de quem vive na divisa do asfalto com o campo.⁹⁸

No entanto, embora predominem estas concepções nas páginas do *Jornal Correio de Uberlândia*, o que se percebe, ao procurar saber como estes serviços iam se consolidando através dos grupos de bairros, é que eles não aconteciam de forma isolada ao ponto de supor que os bairros configurassem uma ruptura com a cidade que significasse o estabelecimento de cidades-satélites.

Pelo contrário, percebe-se, nas discussões dos moradores, através das atas das associações e CEC, que o esforço por possibilitar a ampliação do comércio nos bairros era um esforço em sentido amplo, que não se restringia a uma região da periferia da cidade; associações de moradores existem em praticamente todos os bairros da cidade independente da condição econômica de cada um.

É importante, portanto, investigar a temática da cidade a partir da totalidade, pois, nosso interesse é menos pensar os bairros de forma isolada no tecido social ou buscar a compreensão da cidade como uma esfera abstrata à parte das particularidades de regiões distintas num mesmo espaço urbano. Procurar construir uma metodologia que busque compreender a cidade nos seus meandros e nas suas particularidades a partir das teias que vão se ligando no trato com as fontes é um desafio necessário.

⁹⁸ FERNANDES, Arthur. Cidade/Segurança. Bairros autônomos tornam idas ao centro dispensáveis: moradores de bairros periféricos encontram perto de casa tudo de que precisam. JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA, Uberlândia, 3 fev. 2008, p. B3.

Neste aspecto, o diálogo com o artigo de Regina Silva sobre a relação entre comunicação e espaço é importante para investigarmos os processos de significação da cidade:⁹⁹

os espaços que pertencem à organização funcional da cidade, mas que também resistem à ela, são atravessados por relações de comunicação. as diferentes formas de viver e se comunicar na cidade se constituem a partir de relações complexas e contribuem para a percepção espacial e temporal da cidade e para a constituição de modos diversos de usar as ruas.¹⁰⁰

Pensemos, então, nas implicações que os usos e constituições de formas de comunicação significam para a percepção espacial. Viver em determinados lugares territorialmente afastados do centro não significa que estes moradores não pensam e vivenciam a cidade e os espaços que constroem a partir do urbano.

Oferece pistas para pensar as sutilezas que a possibilidade de construção constante de sentidos e laços entre si através de um processo de comunicação pode propiciar enquanto campo de tensão que envolve interesses diversos a partir da forma como cada grupo se relaciona com a cidade.

Por exemplo, a visão de um comerciante que aposta nos negócios em determinado ponto no bairro vai contribuir para que ele defenda seus interesses em estimular a compra no bairro como mais atrativa para o morador. O que sobressai na grande parte das reportagens feitas para o *Jornal Correio de Uberlândia* é que a preferência por comerciantes locais dinamiza os interesses em formular determinados consensos sobre a relação centro/periferia.

Foi necessário construir um procedimento de investigação para cada tipo de fonte. Para a análise das atas, considerar as discussões que estavam acontecendo em determinado momento, assim como investigar a recorrência delas, como aparecia específico assunto em várias reuniões.

Um exemplo significativo foi o das reuniões setoriais com o prefeito: as avaliações indicavam que era um movimento que os membros das associações consideravam como importante e, a cada avaliação que faziam, pontuavam

⁹⁹ SILVA, Regina helena Alves da. Cartografias Urbanas: lugares, espaços e fluxos comunicativos. In: ENECULT – ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 4, 2008. Disponível em: <<http://www.cultu.ufba.br/eneicult2008/14401-02.pdf>>. Acesso em: 27/03/2012. p. 9>.

¹⁰⁰ Idem, p. 10.

procedimentos para conseguir uma abertura maior com a administração pública municipal.

Tal esforço de decodificação de quais eram os assuntos, quais eram as preocupações que eles consideravam importantes foi significativo para fazer um mapeamento de como estes moradores estavam trabalhando a comunicação enquanto um aspecto social o qual, através da linguagem, operava transformações na cidade, nas relações com o espaço da cidade, mas, acima de tudo, no que configurava esse cotidiano e como se faziam visíveis.

A visibilidade era um aspecto importante porque dava margem para pensar qual era o peso que o tornar conhecido era atribuído na vida destes moradores. Pensando pelo viés da imagem, é importante considerar como uma linguagem significativa que tinha uma força tanto em relação aos membros das associações de moradores, aos grupos de amigos de bairro ou mesmo outras pessoas envolvidas com o trabalho comunitário.

Possibilitava um diálogo com outros moradores e grupos que não se pautava apenas numa relação de comunicação verbal, mas ia demonstrando que os elementos que envolviam esses processos de formação comunicativos eram mais complexos e eram formados a partir de uma teia de significações que estavam a todo tempo em movimento.

A relação das fontes na pesquisa ia indicando escolhas de caminhos para construir caminhos a partir do momento em que algumas fontes que considerava importantes, num determinado momento, em outro já direcionava para outro aspecto que abriria novo leque de rumos e possibilidades para a pesquisa a partir das formas como ia testando as fontes.

Procurar percorrer esse movimento por onde caminhava a discussão, o que ela estava nos indicando, fez muitas vezes descartar alguns materiais que levaria a outras possibilidades e reconhecer materiais que até então não via como importantes num primeiro momento, mas que ao longo da pesquisa, pontuavam inquietações que surgiam do trato com as fontes.

Elas, de certa maneira, iam indicando como que estas teias estavam se cruzando, quais os pontos que chamavam para uma discussão, outros que se distanciavam, para pensar quais as indeterminações, alguns pontos que ainda são considerados pontos cegos. No entanto, olhando por outro ângulo, é possível perceber que eles sugeriam

outras indagações, importantes de serem trabalhadas a partir de outras possibilidades de pesquisa.

Discutindo a composição das imagens que se formavam, procuramos também realizar um exercício metodológico, na análise de fotografias, mas também pensar em outros tipos de imagens que poderiam também ser construídas a partir do olhar para aquelas evidências, mesmo que tais evidências, fossem escritas, verbais, num diálogo, uma conversa, mas que formassem quadros, para a pesquisa e para mim, na condição de pesquisadora, a oferecerem um outro campo de construção de imagens que pudessem indicar um processo de formação comunicativas.

Para além do formato enquanto desenho ou fotografia, não obstante, o que a relação com as fontes diversas poderia configurar como a construção de imagens as quais significam, para nós, enquanto pesquisadora, modos de olhar a cidade. Inserindo nessa relação de produção de sentido para as vivências na cidade, procuramos trabalhar metodologicamente para constituir quadros de imagens para olhar a cidade.

E para pensar também sobre os tempos dos quais essas imagens falavam, qual era o processo histórico que estava acontecendo, centrando o contexto como importante para a pesquisa historiográfica, conforme alerta Thompson,¹⁰¹ cabe marcar posicionamentos quanto ao trabalho metodológico da pesquisa a partir do momento em que é necessário um esforço em olhar não a partir de uma visão de época, mas procurar compreender um processo histórico sempre em movimento. Raymond Williams chama atenção para diferenciar as investigações que se situam no campo da análise de época e as que se situam na análise histórica, uma vez que;

a definição “de época” pode exercer sua pressão como um tipo estático, contra o qual todo o processo cultural real é medido, quer para mostrar “fases” ou “variações” do tipo (que é ainda análise histórica) quer, na pior das hipóteses, para selecionar evidências de apoio, e excluir as “marginais” ou “incidentais”, ou “secundárias”.¹⁰²

Nesse sentido, é importante considerar a produção do conhecimento histórico como importante e significativa na luta social, pensando que também a produção do conhecimento histórico é a produção de um conhecimento que é material e social, marcando meus posicionamentos enquanto profissional de história a partir do que o

¹⁰¹ THOMPSOM, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

¹⁰² Ver: WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1979, p. 124-125.

olhar para a cidade, e que esta imagem sobre a cidade também compunham o que é a cidade, do que se atribui a ela em termos da produção de sentidos para o espaço urbano, nos movimentos da cidade.

Procuramos manter o foco de reflexão sem perder de vista que esta pesquisa se propõe a pensar a temática da cidade como central para o trabalho, relacionando com a comunicação, para compreender que cidade é essa, a partir das discussões das formações comunicativas em Uberlândia.

Procuramos analisar as fontes no interior de uma produção social tendo como a expectativa de compreender de que cidade estamos falando, pensando também o que é o estudo sobre as cidades.

As atas foram produzidas a partir das reuniões que aconteciam no CEC, com o registro dos tipos de discussões que aconteciam em cada momento. Nesse sentido, foi preciso mapear quais eram as questões que surgiam em cada ano, procurando perceber qual era o processo histórico que estava indicando.

Pistas indicavam que os grupos de bairros e demais entidades envolvidas com o trabalho comunitário discutiam com frequência a importância em movimentar canais de televisão, jornais, por considerarem essencial “divulgar o trabalho comunitário”.

É possível pensar nestas necessidades de estar sempre presente no espaço público, no circuito dos meios de comunicação, como construção de imagens a respeito da atuação destes sujeitos, uma vez que compreendem como importante, de alguma maneira, que é preciso conquistar aquele espaço que configura os meios de comunicação, porque ele também faz parte das relações dos moradores na cidade.

Dessa maneira, o espaço público ganha outro caráter, para além das ruas e praças ou lugares de encontros, pois os encontros estão acontecendo em vários espaços ao mesmo tempo, e, assim como o espaço público que permite a realização do urbano,¹⁰³ o midiático também é reconhecido como essencial para estes sujeitos, não como um espaço de dádiva que seria democrático, mas sim como um campo de disputas que é capaz de movimentar vários setores da vida social, talvez com uma velocidade maior.

Todavia, embora o tempo de exibição da notícia seja uma questão a ser discutida, a eficácia dessa exibição parte do imediato, no entanto, é preciso que outras ações aconteçam por parte destes grupos para que o trabalho continue, seja pelas ações

¹⁰³ Lefebvre argumenta que o urbano “É um campo de tensões altamente complexo: é uma virtualidade, um possível – impossível que atrai para si o realizado, uma presença – ausência sempre renovada, sempre exigente”. Ver: LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 1999, p. 45.

dos projetos de comemoração nos bairros, seja pelas construções de canais de comunicação entre grupos de bairros e moradores em geral.

Ao acompanhar a materialidade das atas, procurando evidências dos registros dos modos como os moradores se comunicavam, é possível relacionar com as maneiras como estes movimentos vão se constituindo em movimentos de linguagem. Raymond Williams chama a atenção para pensarmos os processos de formação sempre em movimento, embora as *formas fixas explicitas*¹⁰⁴ muitas vezes sobressaiam em algumas análises, no entanto, o autor adverte que “é a redução do social a formas fixas que continuam sendo o erro básico”.¹⁰⁵

O autor chama atenção para pensar nas estruturas de experiências como definição alternativa a fim de compreender as formações em processo, implicando em três elementos para investigar a experiência social: impulso, contenção e tom, sobre os quais aponta

Estamos então definindo esses elementos como uma “estrutura”: como uma série, com relações internas específicas, ao mesmo tempo engrenadas e em tensão. Não obstante, estamos também definindo uma experiência social que está ainda em processo, com freqüência ainda não reconhecida como social, mas como privada, idiossincrática, e mesmo isoladora, mas que na análise (e raramente de outro modo) tem suas características emergentes, relacionadoras e dominantes, e na verdade suas hierarquias específicas...uma nova estrutura de sentimento já terá começado a se formar, no verdadeiro presente social.¹⁰⁶

As reflexões do autor permitem relacionar a metodologia da pesquisa no seu sentido amplo, uma vez que, ao considerar como significativos determinados vestígios que indiquem ações de comunicação entre os moradores na cidade e suas relações mais amplas com as formações comunicativas a partir de uma abordagem social, vamos delineando metodologicamente os caminhos da pesquisa e as formas como trabalhamos com estas evidências.

Implica olhar para as fontes a partir dos elementos que o diálogo com estes materiais possibilitam compreender por um processo de comunicação que é material e social, na configuração da cidade.

Nesse movimento de buscar a materialidade das fontes, em especial as atas, procuramos pensar como tais atas eram inseridas naquele campo de comunicação

¹⁰⁴ Ver: WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1979, p. 130.

¹⁰⁵ Idem, p. 131.

¹⁰⁶ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1979, p. 130.

enquanto vestígios de circulação que podiam nos levar para pensar cultura. Contudo, o que fomos percebendo durante a análise desse material que partia de um documento de registro, era que abria algumas brechas, a indicar como aqueles grupos se organizavam, quais eram os seus interesses, o que estavam buscando, possibilitando a compreensão de como estes grupos, nos movimentos de bairro no trabalho comunitário, se articulavam, qual era aquele circuito de atuação.

Foi possível refletir sobre as maneiras segundo as quais os sujeitos se relacionavam naqueles espaços, compreendidos como ambientes das reuniões, onde se encontravam para dialogar, discutir, marcar posicionamentos, enfim, que era aquele lugar do debate, onde poderíamos dizer que se tratava de disputas interiores naquele campo de atuação do trabalho comunitário.

Algumas reuniões eram fechadas apenas para membros, outras eram abertas a qualquer morador que quisesse participar. O contato com os vestígios dessa movimentação foi importante para compor um mapa tanto das necessidades que cada grupo considerava como sendo de ordem primária para os bairros em que atuava, como também das ações, dos eventos, os quais chamaram muita atenção para analisar o que era a prática constante de eventos e projetos que buscava movimentar aquele bairro.

Daí, é importante fazer as diferenciações destes projetos, como aconteciam, uma vez que a execução de um projeto que propõe festas nos bairros, atendimento aos moradores, a partir dos grupos de bairro, tinha um caráter. Em relação aos eventos promovidos pelo programa *Linha Dura*, a característica era totalmente distinta.

E, pensando nas diferenças entre estes dois modos de atuação, foi possível perceber minimamente o que é o trabalho comunitário realizado por movimentos de bairro, assim como o que significa uma empresa de telecomunicação dizer que se propõe a fazer um trabalho comunitário.

A própria maneira como as empresas que se articulam nesse movimento são chamadas para participar deste projeto, nos dois sentidos, em muitas vezes modifica o tipo de empresa que está atuando e o tipo de abordagem que é constituída.

Vale ressaltar que, nos projetos que partiam do movimento comunitário, dos grupos de bairros e regionais, enfim, daqueles sujeitos envolvidos com a militância comunitária, nos movimentos sociais, muito do que se chama de empresa eram comércios pequenos, que aqueles serviços eram movimentados em vários aspectos por comerciantes da região, do bairro e, portanto, cabe pensar que são relações diferentes que estão acontecendo, e que aquele comércio, daquele bairro, tem uma maneira de

atuação característica, peculiar, que é envolvido com aqueles sujeitos, com os moradores.

Podemos dizer que os comerciantes são conhecidos, moram no bairro, conhecem os moradores. Isso é importante para pensar no que é a sutileza desses movimentos nos quais se inserem, para a realização dos eventos, estes projetos de atuação no bairro, e também para pensar como vão compondo a cidade.

Em outro sentido, na diferenciação dos comércios que participam e que estão envolvidos com os projetos, se formos pensar no que significa a presença dos “parceiros”, ou seja, das empresas, muitas vezes as grandes empresas que participam do projeto *Linha Dura no Seu Bairro*, podemos arguir que são diferentes dos outros comércios porque geralmente têm uma dimensão maior, uma maneira de produção, circulação, propaganda e marketing que está na relação do programa da emissora que patrocina, compra aquele espaço do comercial.

Além disso, tem o fator da localização, pois é do outro lado da cidade, ou na região central, totalmente distinta, longe do bairro onde se dá o evento, são distantes da população daquele bairro.

Dessa maneira, os eventos tornam-se artifícios para inserção nestes bairros, de levar o serviço, mas um serviço diferente, não um serviço comunitário. Isso é necessário ressaltar para que se considere, também, que estas empresas estão constituindo uma ordem, uma lógica de movimento, que é “tentar ganhar a cidade”, esse público, seduzir um público por reconhecer estas pessoas como importantes para a ordem de capital.

Também é necessário reconhecer que tais relações de empresas e comércios, evidenciam uma disputa, por exemplo, quando um grande instituto de beleza (Embelleze) que possui diversas filiais espalhadas nas cidades por todo o país, oferece cortes de cabelo gratuitos em um evento, está competindo com o salão de cabeleireiro do bairro; ou quando uma rede de sorveterias distribui sorvetes gratuitos em eventos como estes, também está visando se ramificar em diversas regiões da cidade.

Ou seja, é possível que exista certa resistência entre os moradores destas regiões em aceitar, de forma passiva, um processo de hegemonia. Não obstante ocorram as disputas por incorporar determinados valores, no entanto, a partir destas disputas, compreendemos que outras estratégias estão se formando, ou seja, não é de maneira passiva que estes valores de consumo estão sendo gestados nestes grupos.

Outro aspecto essencial significa pensar que as grandes empresas que procuram estas regiões não conhecem as relações a partir das vivências dos moradores que um comerciante local conhece, como por exemplo, o dono da padaria ou do bar.

Existe uma relação estabelecida ali que se situa entre os sujeitos, e que configura as características de cada bairro, uma vez que são diferentes uns dos outros, e que só é possível viver essas diferenças os sujeitos que estão naquela relação cotidiana.

No entanto, também encontramos, ao analisar as atas, vestígios de que, a partir da década de 2000, especificamente de 2004 em diante, existe um movimento em que as grandes empresas se voltam para os grupos de bairro, em olhar para estas regiões, como a CTBC, que, em 2011, em reuniões no CEC, procurava fazer convênios com as associações oferecendo pacotes de internet e telefone a preços reduzidos e propondo um percentual de comissão para as associações, de acordo com os clientes indicados por elas e que aderissem ao plano.

Este é um dentre os vários sintomas que vão dimensionando como estas empresas buscam estratégias diferenciadas, através de novos artifícios, para conquistar aqueles moradores e entrar no que é o cotidiano deles.

O cotidiano não se resume ao ambiente privado, pois envolve todo um circuito de movimentação do dia a dia também dos moradores, mas é preciso pensar como sendo o que vai se percebendo na cidade.

Contudo, acompanhar o que é esse movimento do cotidiano, como vai se constituindo enquanto um processo histórico que acontece constantemente e a partir de várias frentes, é um caráter relevante para investigar as nuances e sutilezas das formas como os sujeitos se comunicam e como a comunicação vai solidificando o chão social da pesquisa.

É importante, portanto, pensar nos procedimentos pelos quais analisamos as tensões, a partir do momento em que buscamos relacionar o que é a base de cada projeto e situação em que acontece o evento, mas que possui uma profundidade maior por compor projetos de atuação na cidade.

Essas diferenciações compreendem o sentido de ir para um bairro com características próprias, procurar perceber o que se está indicando, como os sujeitos se movimentam, as relações que vão construindo na cidade, a fim de investigar o que é o viver urbano, o que significa considerar as experiências dos moradores no campo da comunicação.

Indica algumas ordens de dificuldades e questionamentos que impulsionam a metodologia da pesquisa e revelam uma cidade com contradições, tensões, diferenças e consensos, impondo compreender o que é a comunicação no campo da luta social.

Percebe-se um movimento interessante sobre a maneira como os moradores se relacionam com a circulação no espaço urbano, pois, nas atas analisadas, encontramos discussões entre membros de grupos de bairros e empresas a fim de viabilizar o comércio e serviços nas regiões da cidade, a partir dos bairros e setores, e proporcionar ao morador mais facilidade ao acesso a supermercados, lojas, farmácias, etc.

Através das atas, foi possível compreender que existia uma intenção, em termos de praticidade, por parte dos líderes comunitários, em trazer para estas localidades de área diversos comércios e serviços. Nesse sentido, a realização de eventos nos bairros se mostrava uma ferramenta eficaz para consolidar diversos projetos que uniam comunicação, grupos de bairros e empresas.

Percebe-se a recorrência da oferta de vagas em cursos de empresas privadas, como, por exemplo, em 2007, a parceria com a UNIT (Universidade do Triângulo), quando se destinaram 25 vagas para o curso de Serviço Social, a custo reduzido. Também à menção do CEC em criar cursos de bordado, pedicure, manicure, informática e cursos profissionalizantes nos bairros através das associações de moradores.

A realização de eventos comemorativos nos bairros é uma constante do trabalho, tanto do CEC quanto das entidades afiliadas. O CEC dispõe de estrutura (palco móvel) e equipamento de som, além de tendas, para comportar vendas de comida, bebida, etc., com a finalidade de arrecadar fundos para as entidades comunitárias.

Há forma diferenciada de atuação destas empresas na relação com os grupos de bairros. Muitas vezes se tratava de firmar as parcerias com a oferta de cursos profissionalizantes ou então com a busca, no interior das comunidades, de mão de obra para seus serviços, como o plano de assistência familiar (funerária) da empresa *Pirâmide*, que firmou convênio com o CEC numa negociação que consistiu em contratar vendedores indicados pelas entidades nos bairros; na reunião extraordinária do dia 15 de setembro de 2009, o representante da *Pirâmide*:

Ricardo salientou que os resultados do primeiro mês de trabalho não foi expressivo, mas a parceria permanece. Acredita que os eventos alavancarão os negócios, em comprometimento maior do presidente da associação com o seu indicado. O projeto permanece nos mesmos moldes iniciais. Parceria de sucesso e duradoura. Os vendedores são funcionários da *Pirâmide*, com carteira assinada e todos os direitos

trabalhistas. Todos participam das metas e dos trabalhos na empresa junto com os demais funcionários nas equipes da empresa. Resultado de agosto/2009: 1º mês: 13 contratos vendidos, atingindo 11 bairros, por 5 consultores. O bônus para cada contrato para a associação é de R\$5,00.¹⁰⁷

É importante avaliar quais os interesses por ambas as partes em estabelecer tal convênio, uma vez que o representante da empresa deixa bem claro suas intenções em “alavancar os negócios”, para isso, considera um público consumidor destes serviços nos bairros e especifica o campo de abordagem que pretende firmar ao contratar funcionários no interior destas comunidades. Importa, também, indagar por que estes moradores são interessantes para tais empresas.

O que nos chama atenção para esse fato é pensar quais valores estão em movimento nesta relação. Cabe salientar que a realização de eventos nos bairros, para estas empresas, significa estratégias de marketing para angariar um mercado, mas, acima de tudo, existe um valor nesses grupos que estão sendo reconhecidos como potenciais para o comércio.

Um valor que é gestado no interior de grupos de bairros, ser economicamente viável para estas associações, é um quesito que pesa nas escolhas por determinadas parcerias com a rede privada e também se relaciona com um aspecto da atividade comunitária, que é a questão do trabalho para os moradores, da oferta de cursos profissionalizantes a fim de atender uma urgência das associações nos bairros: empregar as pessoas.

Pensando a relação entre história e cultura, como que essa relação se dá através dos processos de formação comunicativos na cidade, com o campo de abordagem situado na comunicação que envolve os moradores, seja ela feita por eles ou, de certa maneira, o circuito por onde passa a comunicação e o que isso significa no social, cabe indagar qual é o processo que estamos percorrendo na pesquisa. É importante considerar o que ocorre nestas duas décadas, qual é o movimento que está se dinamizando na comunicação e como, através da linguagem, compõe um processo na cidade.

Esta aproximação é importante não como elementos isolados, mas parte do exercício metodológico de investigar como várias cidades vão se sobrepondo concomitantemente numa mesma cidade.

¹⁰⁷ CONSELHO DE ENTIDADES COMUNITÁRIAS- CEC. *Livro-Ata de 12 de junho de 2007*, Uberlândia, 2009, p. 70.

Considerando que a comunicação, os procedimentos, as linguagens que vão incorporando as formações comunicativas são processos materiais e sociais, é importante pensar como isso vai ganhando concretude no cotidiano: aspecto essencial para analisar os modos de vida dos moradores.

Até o momento, procuramos abordar as evidências que advinham do contato com as fontes, trazendo, ao mesmo tempo, o esforço em indagar as maneiras que pontuam as sutilezas de um processo histórico em movimento. O que tornou essencial considerar a comunicação central para o debate.

Analizando os distintos eventos, a partir das várias conversas, dos membros de associações, e até mesmo nos registros das atas, aquela ideia de que a realização de eventos é importante para arrecadar fundos e divulgar o movimento comunitário, permanece claramente em ambos, tanto nas falas dos líderes comunitários como nos esboços dos projetos de eventos: o que eles pretendiam trazer, com quais grupos eles dialogavam, quais empresas, o que queriam com as secretarias municipais de serviços urbanos, de saúde, por exemplo, para movimentar o evento no bairro, mas também que isso era um movimento de comunicação e negociação.

Encontrados dois cartazes, no ano de 2011, sobre um projeto que indicava no movimento comunitário, por exemplo, no bairro Nossa Senhora das Graças em comemoração do aniversário de 38 anos com o trabalho de vários grupos em prol da realização deste projeto considerado de caráter cultural.

Trazia os dizeres de sorteios de brindes, celulares, bicicletas, aparelhos de DVD, além de serviço social, defensoria pública, orientação jurídica, INSS, orientação previdenciária, corte de cabelo, Embelezze, hidratação Bioextratus, aferição de pressão, pirâmide, programa de saúde, secretaria de habitação, cama elástica, brinquedos infantis”.

Além destes serviços anunciados, a parte inferior do cartaz dizia o seguinte: “agradecimento ao comércio do bairro e região”. Também havia programação voltada para as atividades da igreja do bairro, com missas e procissões que aconteceriam na praça.

Vários grupos movimentavam este projeto, incluindo os esforços do Sr. Abadio, diretor da Regional Norte (CEC). O Sr. Abadio, quando estava ainda planejando tal projeto, contatando grupos para se juntarem às comemorações dos 38 anos do bairro, apontava:

Letícia: O senhor...Vocês promovem algum tipo de reunião ou encontro no bairro?

Abadio: Eu... Eu, particularmente, quando tive na associação, sempre promovia, vamos supor, com a... Com as igreja católica, qualquer tipo de, de, de movimento lá, do... Da... Da igreja. Eu sempre participei. Igual agora, tô na regional. Inclusive, agora, vou fazer um evento de novo no bairro. Cê entende. Então, eu tô fazendo uma parceria com a, com a igreja católica. Vai fazer trinta e oito anos de bairro e vinte e sete anos da nossa padroeira, que é a Medalha Milagrosa, Nossa Senhora das Graças da Medalha Milagrosa, vai fazer agora dia vinte e sete de novembro, cê entende?! Então, nós vai fazer um evento muito bão, lá, com o CEC, Conselho de Entidade, a Regional Norte e a Paróquia. Tem também a Associação Cultural, que também abraçou a causa nossa, a Associação Amigos do Bairro também abraçou e a Associação Feminina, quer dizer, a Associação de Moradores, nós num chamou porque eles têm político, então, já...

Letícia: Aí, já num quis?

Abadio: Já num quer... Eu tô correndo atrais dos brinde. Tem vários companheiro que tá ajudano, cê entende?! E o CEC também tá seno um grande parceiro que vai levar toda as estrutura de barraca, palco, CE entende?

Percebe-se uma organização muito grande por parte do Sr. Abadio no interior dos grupos por onde ele transita, a partir do trabalho comunitário, ao mesmo tempo em que ele se posiciona, marcando suas divergências com outros sujeitos nesse meio.

Importante retomar os dizeres dos cartazes: bem claros quanto à atividade da programação voltada para a cultura, o que indica alguma coisa neste aspecto a envolver a relação entre grupos de atuação comunitária que vinham de uma formação na década de 1980 com a consolidação do movimento comunitário, mas que estava mesclando com outras atividades que faziam parte dos embates culturais na cidade.

Num primeiro momento, esta percepção da chamada e defesa do evento como um caráter estritamente cultural parece uma afirmação comum e corriqueira, no entanto, se tornou uma questão latente a partir do momento em que inquietou tal configuração de atuação comunitária a partir dos projetos de inscrição nos bairros e afirmação da “cultura do bairro”.

A relação entre cultura e serviços efetiva-se com uma prática constante de ações destes grupos em trazer, neste caso, a programação cultural destinada a um espaço de lazer com atrações artísticas. Além disso, o cartaz mencionava vários grupos se relacionando, pois o agradecimento ao comércio do bairro e região aponta para uma forma de movimentar um determinado tipo de evento de acordo com as linhas confirmadas pelo Sr. Abadio.

De maneira semelhante, o Pastor Cláudio, presidente da Associação de Moradores do Bairro Tocantins, defendia de uma forma bastante incisiva a participação do comércio, uma vez que enquanto comerciante e presidente da associação de moradores impunha a bandeira da necessidade de estimular o comércio na região e assim construir uma outra imagem para o bairro, no aspecto positivo.

Portanto, acaba-se tendo todo um esforço para promover um festival chamado *Natal Premiado*, que contava com a participação de diversos comerciantes, também em 2011.

A chamada do cartaz vinha com a promoção “Compre no Tocantins e concorra/retire seu cupom nos comércios participantes da promoção/responda a pergunta: quantos anos têm a Associação de moradores do Bairro Tocantins?” Uma maneira de chamar a atenção dos moradores, para a existência da associação de moradores e para o fato de que ela não era nova.

Mesmo ao longo da gestão de várias diretorias, com mudança de chapas e diretores, a intenção era comunicar que existe um trabalho em curso há bastante tempo e torná-lo conhecido ao morador do bairro era uma maneira de também mostrar atuação. Nesse sentido, o festival de prêmios consistia em sorteios com três prêmios: uma TV de LCD de 32 polegadas, uma moto 0 KM, e um notebook.

O que envolvia vários comerciantes na região, aproximadamente 75 comércios na região oeste da cidade: o morador deveria comprar nos locais participantes e preencher o cupom. No rodapé, o cartaz trazia as seguintes informações:

Modalidade Concurso Cultural [...] A participação no Concurso é voluntária e gratuita, não estando sujeito a qualquer espécie de cobrança ou a necessidade de desembolso por parte dos participantes. Esta distribuição gratuita de prêmios realizada sob a modalidade concurso tem caráter exclusivamente cultural não se sujeitando a quaisquer fatores aleatórios, modalidade de sorteio ou pagamento pelos participantes, nem vinculação destes ou dos contemplados à aquisição de qualquer bem, direito ou serviço.¹⁰⁸

Ambos os projetos permitem pensar um aspecto muito importante uma vez que se colocam como tendo caráter cultural. O primeiro consiste numa parceria entre a Regional Norte do CEC, sob presidência do Sr. Abadio, com a Associação Cultural de Minas Gerais (ACMG).

¹⁰⁸ ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO TOCANTINS. Cartaz da promoção. *Natal Premiado*, 2011.

Ambos produzem indícios do que seja atividade cultural na cidade, o que também é uma prática que foi se consolidando, com a prática de organização de eventos. Cabe ressaltar que a noção de eventos poderia sugerir um acontecimento isolado, com importância menor do que realmente tem.

Por outro lado, por detrás do acontecimento, existe um projeto que é pensado para que ocorra de determinada forma, e, com sua efetivação, o evento diz respeito ao impacto de planejamentos que foram pensados e articulados para que atingissem a determinados grupos de moradores e que envolvessem estas pessoas através de um movimento pontual.

Quando o programa *Linha Dura* faz o projeto *Linha Dura no Seu Bairro*, com uma estrutura semelhante, a partir de sorteios, shows, prestação de serviços, esta, de certa maneira, querendo ingressar nesse circuito de práticas comunitárias. Isso traz pistas de uma tensão latente e um caminho para se discutir cultura a partir das realizações de eventos (projetos) destas estratégias de comunicação, como estes grupos de moradores estão indicando o que seja cultural.

Daí a importância de se considerar a potencialidade desse tipo de organização, indagando o que se quer com isso e aonde se chega com tais práticas, ao se evidenciar que faz parte do cotidiano destes moradores e orienta modos de vida.

Assim, importa também considerar o que é essa relação de várias empresas, a fim de analisar o que significa o movimento de uma empresa se constituir sobre o dorso da outra e o que é o consolidar-se num circuito de atuação comunitária.

A respeito dos tipos de diálogos que a produção de notícias suscita e o que é a circulação, cabe considerar que estamos vivenciando uma configuração de comunicação que participa do debate, mas coloca outras ordens de dificuldades, quando indagamos o que são estas relações na comunicação, e o que significa a projeção do programa *Linha Dura* por sobre a visibilidade destes moradores, com a criação de sobreposições de imagens umas sobre as outras, em que prevalece a legitimidade do programa sobre as experiências dos moradores com a comunicação.

Pode até acontecer, em casos pontuais, a necessidade da eficiência em resolver os problemas por parte de muitos moradores no programa de televisão, mas a evidência de quem resolve é dimensionada para o programa *Linha Dura*.

Por outro lado, também existem outros campos de comunicação que os sujeitos procuram, outras formas de atuação social pelo processo comunicativo, que vão se mesclando com o formato de produção de notícia através da queixa, da reclamação,

quando pensamos na incorporação de outros valores, por grupos diferentes, como valores de classe média, valores burgueses, de poder de consumo. Não significa uma contaminação, mas é essencial investigar o que significam as estratégias e que vai ganhando sentido nas experiências dos moradores na cidade.

Os eventos também estabeleciam um campo de negociação, no movimento comunitário, de legitimidade de atuação para divulgar. O que também torna uma prática que é reconhecida como importante. Aspecto essencial neste reconhecimento para divulgar a ação torna-se um dos pontos, mas havia algo ali indicando que se tratava de algo mais profundo do que divulgar atividades.

O que significava o movimento de tornar conhecido, de ganhar visibilidade, indicava uma maneira de mostrar que a associação era concreta e capaz de trazer benefícios para o bairro. Estas ações participavam de uma teia que, no final da década de 1990, teve um impulso muito grande, que é a formação do mercado.

Quando o Sr. Juarez apontou que “a gente faz isso desde sempre”, para se referir à prática de eventos, impulsionou uma inquietação em situar historicamente o “desde sempre”, sinalizou para um procedimento de consolidação de estratégias onde se iam testando o que funciona e o que era preciso re-avaliar.

A movimentação de como alguns grupos são incorporados e outros não sendo re-avaliados (mesmo no sentido de não-interessante) indica as potencialidades das escolhas que os sujeitos faziam nos grupos de bairros: não era uma questão de realizar um evento para aceitar qualquer empresa, existiam “parcerias” previamente estabelecidas, a partir de outros projetos.

Através das investigações nas atas, estas sutilezas começaram a pulsar um elemento latente que indicava uma construção, quando o “desde sempre” ganha um movimento. O que não significa que haveria um ponto fixo onde estivesse fechado; pelo contrário, o que vai indicando estes movimentos é que se configura como constante e que estas relações não se findam porque as realizações dos projetos vão mudando.

Embora pareça que a realização de um evento seja sempre a mesma coisa, com atividades como cortes de cabelo, panfletagem, amostras, brindes, sorteios, embora tenha uma estrutura sólida, as dinâmicas vão sendo testadas a todo momento. Percebendo os “parceiros”, as empresas participante indicam uma movimentação que é social e merece atenção, porque, em determinado momento, uma empresa de comunicação, como a CTBC, por exemplo, busca o viés do trabalho comunitário das associações para entrar no bairro.

Ocorre aqui, um ponto que aproxima do que seja a realização de eventos pelo *Linha Dura*. Todavia, estamos falando de outra configuração, de uma empresa que influencia a própria programação. O tipo de abordagem, que se diz comunitário e que guarda uma diferença na base destes dois formatos do que é comunicação comunitária se tornou divergente.

A partir do esforço metodológico em pensar a natureza de cada uma, como no trato com estas empresas, vislumbram-se algumas semelhanças, aproximações, mas também se vê que os princípios de trabalho de cada, são diferentes.

Aproximam-se quando pensamos na formação dos cursos profissionalizantes. Embora a oferta de cursos seja diferente, todavia a mesma empresa, o mesmo grupo a que pertence a *Rede Vitoriosa* é dono da faculdade que oferece os tais cursos. São maneiras diferentes de atuação, por onde esses pontos vão se cruzando. O desfio e buscar tais cruzamentos para esmiuçar as sutilezas dessas comunicações, do que são estes meios de comunicação que estão sempre em construção.

Um achado, nesse sentido, é pensar o que é a mídia, que os meios não estão como prontos, existentes por si só, embora exista um esforço para que isso aconteça. As formações comunicativas estão na cidade, têm um lugar social, são situadas socialmente pela movimentação dos sujeitos, pelos modos como estes sujeitos estão trabalhando, pelas formas como se dão as abordagens.

São lugares distintos, apesar do dizer de uma comunicação comunitária “É debruçar-se sobre as fontes que indica lugares sociais distintos, práticas divergentes, muitas vezes conflitantes.

Na conjuntura social da passagem do século XX para o XXI que vai indicando a mudança. O que impõe o peso, em termos de consolidação de um mercado de comunicação, que está situado no cotidiano, pois o que a TV propagandeia tem uma base que está dentro da casa do morador, e o que buscam está situado no cotidianos destes moradores.

Procuramos, com esta pesquisa, analisar um processo de formações comunicativas na cidade a fim de compreender como a cidade de Uberlândia esta se formando a partir das relações entre história, comunicação e cultura, com questões sobre como este movimento histórico se processou após o momento em que pensamos numa prática de comunicação na cidade que busca estabelecer vínculos entre os moradores e o espaço urbano.

A partir da análise das fontes é possível perceber uma cidade se constituindo a partir dos movimentos de comunicação. A realização de projetos comunitários que mesclam cultura e consumo nos coloca algumas ordens de dificuldades para pensar a relação dos moradores com o espaço urbano, como vão construindo estratégias de movimentação na cidade.

Dessa maneira, as indagações dirigidas ao material orientam a maneira segundo a qual encaminhamos a pesquisa.

Procuramos analisar quais os sentidos que os sujeitos atribuem às suas próprias lutas, a partir da maneira como relacionam a luta por determinado serviço às estratégias de comunicação que empreenda na transformação tanto do espaço público, quando pensamos em termos que envolveriam o territorial como praças ruas determinados ambientes, como também o espaço público que vai se constituindo a partir da comunicação pela qual se revelam embates por legitimidade pela palavra, legitimidade pelo que consideram o direito de se comunicar; como vão se sobrepondo várias estratégias de comunicação num campo de prática comunicativa bastante amplo que possibilita pensar a produção e a circulação de notícias.

Nesse sentido, procurar pensar nas mudanças históricas que estamos percebendo no caminho da pesquisa envolve a relação entre comunicação e cidade, uma vez que as condutas as mudanças de valores a partir da comunicação mexem naqueles padrões instituídos como sendo os lugares dos moradores na cidade.

Tais mudanças de valores, a quais implicam nestes lugares, possuem caráter político potencialmente transformador.

A discussão em termos de cultura nos permite considerar como as várias dimensões da vida social conseguem se expressar de várias maneiras. O que não significa que estamos pensando no campo da diversidade e apenas reconhecendo diferenças; uma postura política e metodológica desta pesquisa é pensar também nos embates que os lugares distintos e as posições diferentes suscitam.

Investigando quais são os significados sociais que estamos enfrentando na pesquisa caminhamos para pensar o que significam as mudanças de valores culturais na cidade. Dessa maneira, as experiências de moradores envolvidos com o movimento comunitário nos ajudam a pensar o processo histórico a partir do momento que revelar as tensões e modificações das estratégias de luta e também dos interesses que movimentam tais estratégias.

Pensar o que torna importante um projeto no bairro, uma visibilidade, avaliar como que isso vai configurando modos de ver a cidade de se posicionar na cidade foi importante também para investigar como que os moradores que não participam diretamente do movimento comunitário também constroem e participam dessas mudanças de valores na cidade, como que estes movimentos acontecem em vários aspectos das experiências destes sujeitos.

Cabe analisar e também como base de investigação a relação entre cultura e história a partir do momento em que estas mudanças são configuradas também enquanto mudanças históricas que influenciam na conjuntura abordada.

3. CULTURA, COTIDIANO E ESPAÇO URBANO

Quando começamos a entrevistar moradores que não participavam diretamente em grupos de bairro ou de algum tipo de organização em torno do trabalho comunitário, a intenção era conversar a respeito do evento *Linha Dura no Seu Bairro*, de como que as pessoas “comuns” se relacionavam com o programa *Linha Dura* para pensar, no campo da circulação de notícias, qual era o potencial da comunicação no cotidiano dos sujeitos na cidade.

No entanto, algumas barreiras nos fizeram mudar o foco inicial destas entrevistas. A primeira delas foi a questão da recusa em falar do evento em primeiro plano, nas discussões, visto que os moradores alegavam conhecer tanto o programa quanto o evento, mas que não participavam. Isso estava nos indicando que havia algo ali que precisava ser investigado, ao ponto em que sugeria a indagação sobre por que evitar falar a respeito deste assunto ou até mesmo sobre qual a importância que era atribuída ao programa ou ao evento por estas pessoas.

As escolhas por entrevistar pessoas que militam no movimento comunitário, ao mesmo tempo em que também entrevistamos moradores que passam parte do dia em frente à televisão e que muitas vezes não possuem laços diretos com a militância de bairro, se fizeram por considerar os sujeitos comuns como participantes e atuantes das disputas pelo espaço urbano.

E buscar estes “sujeitos comuns” nos fez assumir os enfrentamentos diante das propostas de lidar com história oral, procurando, nestes moradores, perceber que as diversas relações aconteciam no entrecruzar comunicação, cultura e cidade.

A prática historiográfica que procuramos construir enquanto pesquisadora comprehende como importante perceber estes sujeitos comuns, mesmo nas confluências entre quem se coloca como responsável por dizer o que a comunidade movimenta quando nos destinamos a dialogar com os líderes comunitários em contrastes com moradores que vivenciam seu cotidiano em frente à TV.

3.1 Donas de casa: entre a televisão e a vida cotidiana

Sr.^a Floricena moradora há aproximadamente 30 anos em Uberlândia, expõe sobre sua trajetória na cidade, passou por vários bairros e regiões na cidade, ela apontava os lugares por onde morou: Marta Helena, Morumbi, Canaã, Luizote de Freitas, e Jardim das Palmeiras (em 2011).

Sua fala era marcada pela sua experiência com o trabalho de auxiliar de serviços gerais na escola estadual no bairro (Escola Estadual Jardim das Palmeiras II), procurava direcionar a discussão para a relação da violência nas escolas, das questões que envolviam os jovens na cidade, assim como, das discussões que acompanhava pelo rádio, TV e jornal:

Floricena: Eu ouço muito o rádio e vejo muito esse programa policial [...]. Então, não tá dando hoje pra você falar que Canaã é violento. Lagoinha, Morumbi. Não. Tá na cidade toda, como um todo. Eu vejo assim: cada tempo é uma área, por exemplo agora. Ocê pode procurar por exemplo no jornal. Ocê pode ver, os bairro que mais matou desde o início do ano, é adolescente, mulher... Num teve assim, é sexo, pra falar que foi mais homi mais mulher. Não. Entre os dois; mulher e homem, foi Planalto... Prôce ver, é um bairro né considerado de pessoas com mais esclarecimento. O bairro que mais se matou! Teve outras mortes em outros bairros? Teve... Mas o Planalto foi o que mais se matou... Ocê pode observar, é rádio, televisão, é, jornal também, de folha, o Correio [Jornal Correio de Uberlândia].

Paulo Roberto: ...Ocê pode observar, num é Canaã, Planalto... O bairro mais perigoso que existiu, e existe até hoje é o Luizote. É o Luizote de Freitas... É o Luizote, pela população que tem, mesmo antes...

Floricena: Ó esse ano agora 2011, tá focado aqui [Jardim das Palmeiras].

Paulo Roberto: Não. Não tem isso aqui não.

Floricena: Não. É porque o pessoal, Letícia, [...] fica generalizano, tipo: Canaã, Lagoinha, é, Morumbi. Por que? Porque é uma classe pobre, né. Igual aquele outro também, é... Esperança, e um outro também que tem, aquele outro que fica perto do Morumbi, do lado da cadeia lá?

Letícia: Dom Almir?

Floricena: O Dom Almir! Então porque a classe é muito pobre, então fica generalizando: “lá que tá a violência”, “lá que tá a mortalidade, que tão matando”.¹⁰⁹

¹⁰⁹ Entrevista realizada com Sr.^a Floricena Maria de Souza, no dia 27 de junho de 2011. Sr.^a Floricena nascida em 20 /07/1959. Mora em Uberlândia, há aproximadamente 30 anos. Dona de Casa, funcionária na Escola Estadual Jardim das Palmeiras II, trabalha como auxiliar de serviços gerais, já morou em diversos bairros na cidade: Marta Helena, Morumbi (na época Santa Mônica II), Canaã, Luizote de Freitas, e Jardim das Palmeiras (em 2011). Possuiu uma casa própria no Bairro Jardim Canaã, mas se viu obrigada a morar de aluguel quando vendeu o imóvel e não recebeu o pagamento. Casada com Sr. Paulo Roberto de Souza, trabalhador na construção civil. Sr. Paulo Roberto, participou da conversa em vários

A partir das narrativas da Sr.^a Floricena, foi possível estabelecer um diálogo interessante inclusive entre as discordâncias dela com o marido Paulo Roberto durante a entrevista.

O confronto entre a Sr.^a Floricena e o Sr. Paulo Roberto foi bastante significativo principalmente quando ela aponta que não podemos generalizar o que é um bairro violento por causa da pobreza dos moradores, uma vez que ela traz o contraste de que em bairro com “poder aquisitivo melhor” como o Planalto tem violência também.

Já o Sr. Paulo Roberto, não aceita falar que o bairro onde mora é perigoso, uma vez que, diante dos vários lugares onde morou na cidade, considera o Luizote o bairro mais perigoso na cidade, por causa da quantidade de moradores.

Quando a Sr.^a Floricena lida inicialmente com as caracterizações dos “bairros perigosos”, nomeando que “não tá dando hoje pra você falar que Canaã é violento. Lagoinha, Morumbi. Não”, ela remete para uma memória consolidada sobre os moradores nestas localidades, que conviveram com a alcunha de periferia, associada à violência e pobreza.

Ao mesmo tempo em que está em confronto direto com essa memória dominante que formatou as periferias assim, e a maneira encontrada pela entrevistada para contestar essa memória, foi dizendo que bairros com poder aquisitivo maior, tem tanta violência quanto estes outros bairros com moradores pobres.

Durante o ano 2009, realizamos uma entrevista com uma moradora no bairro Morumbi, D. Benedita, que, na época tinha muito medo inclusive de sair de casa, por causa da violência, ficamos intrigadas com as colocações da D. Benedita.

Dona Benedita: Nós é porque não tem pá onde vai, porque nesses outro lá a gente num dá conta, né de comprá, aí tem que ficá... [interrupção] é...bão né não minha fia, aqui é um lugar muito pirigoso! Letícia: sério?

Dona Benedita: É. Aqui em casa ninguém sai na rua de noite.
Letícia: hum.

Dona Benedita: Escureceu, eles já dá o toque deles né?! Pá recoilher. Até nove hora todo mundo tem que tá dentro de casa.

Letícia: Nove horas da noite?

Dona Benedita: É. ninguém sai mais não. Se saí morre.¹¹⁰

momentos, estabelecendo pontos de discordância com a esposa e apresentando suas considerações sobre viver na cidade.

¹¹⁰ GREGÓRIO, B. I. S. Uberlândia, 20 jun. 2009. Entrevista concedida a Letícia Siabra.

Para D. Benedita, as formulações do bairro como um lugar perigoso ficaram cristalizadas em suas lembranças, tanto que ela se remetia ao perigo de viver naquela região em 2009, a partir de construções edificadas em 1999, quando aconteceram alguns conflitos entre grupos rivais na cidade. Essa experiência para ela foi extremamente marcante, pois, permaneceu viva em suas lembranças. Tanto que, ela não saia de casa, o máximo que caminhava era até o portão de sua residência, e, raramente, ao médico.

Os hábitos das duas entrevistadas eram totalmente diferentes, mas traziam evidências das vivências das moradoras, em gerações diferentes, que possibilitou uma gama de riquezas em suas falas, pois, a D. Benedita, pelo avançar da idade e as complicações com a saúde,¹¹¹ raramente saia de casa, somente para comparecer às consultas médicas. Sr.^a Floricena, trabalhava no próprio bairro, e conhecia vários moradores, pais dos alunos que frequentavam a escola.

A forma como a Sr.^a Floricena se referia aos programas de TV e jornais marca um certo desconforto em dizer sobre o programa *Linha Dura*, pois a continuidade entre o programa que busca o cotidiano dos moradores nas periferias, e um “programa policial” apresentava uma linha tênue a partir da fala da entrevistada.

Um aspecto das entrevistas foi pensar nos valores que estavam em questão para estes moradores, que unia comunicação e vida urbana, nos detalhes que constituíam o cotidiano destes sujeitos. O desafio em buscar os “sujeitos comuns” permitiu observar alguns contrapontos em relação às caracterizações construídas no programa *Linha Dura*, mas, acima de tudo, pensar que tais caracterizações não surgiam “da noite para o dia”.

Outro ponto importante dizia respeito à forma como eles se referiam a este tipo de trabalho em que eram organizados eventos com a finalidade da prestação de serviços, pois consideravam um aspecto importante para a cidade, mas que aconteciam frequentemente e não diferenciavam quem eram os responsáveis pelos eventos.

Isso não se revelava uma falha, mas oferecia indícios de que a imagem propagandeada pelo programa *Linha Dura* não era tão eficaz quanto supunha a emissora, que ainda precisaria construir a ideia da eficiência da reportagem e alimentá-la constantemente entre os moradores na cidade.

¹¹¹ Entrevista com Dona Benedita Inácio dos Santos Gregório, 70 anos, moradora na cidade de Uberlândia, há mais de trinta anos, moradora no Bairro Morumbi há aproximadamente 13 anos, aposentada, dona de casa, trabalhava com serviços domésticos, lavava e passava roupa “pra fora” durante a maior parte de sua vida. D. Benedita, fazia tratamento na UAI (Unidade de Atendimento Integrado) do Bairro Morumbi, e seguia à risca as orientações médicas, exceto, quando a questão era em relação ao cigarro, pois, fumava há bastante tempo.

Nas conversas com os moradores, procuramos indagar por que eles não falavam diretamente do programa *Linha Dura*, quais eram as barreiras que este assunto impunha: por que ao tocar no evento *Linha Dura no Seu Bairro*, as conversas assumiam um tom indireto e até mesmo de desconforto?

Estas pistas nos fizeram desconfiar que houvesse algo mais profundo no aspecto da comunicação que não se restringia à realização de eventos por uma emissora A ou B e que a base disso era o social.

Nas conversas com os moradores, alguns indícios permitiram compreender a base de tais inquietações, principalmente quando perguntava sobre o que eles consideravam como necessidades daquela população nos bairros.

A Sr.^a Alexssandra, moradora no Bairro Dom Almir, dona de casa, manicure e cabeleireira, possui um pequeno salão de beleza situado em um cômodo (puxadinho) na frente da casa de sua mãe, onde também existe algumas “araras” com roupas femininas que a entrevistada vende para complementar a renda do trabalho no salão. Reside em Uberlândia aproximadamente há 17 anos. Desde que se mudou com sua família para a cidade, morou nos bairros Custódio Pereira, e Dom Almir.

Sr.^a Alexssandra,¹¹² aponta a maneira como diz enxergar o bairro onde mora, Dom Almir, situado na região leste da cidade:

Alexssandra: Olha vou falar uma coisa pra você eu nem conheço o presidente do bairro [inaudível] nem conheço porque eu nunca, nunca vi, eu só vejo falar o nome só vê só escuto falar o nome, mas eu nunca vi nada, assim porquê, geralmente, as pessoas têm a impressão que aqui, no Dom Almir, as pessoas precisam ganhar e não é isso que a gente precisa não, não é isso. Geralmente, quem vem de fora pensa assim: – Nossa! Alí só tem pobre, né, todo mundo é paupérrimo! Não é, não! Todo mundo, aqui, a maioria tem sua casa ou mora de aluguel, mas trabalha, levanta cedo, trabalha, paga sua água, seu aluguel, sua luz, tem suas coisinhas, tudo arrumadinho dentro de casa.¹¹³

Essa compreensão também faz parte do universo de questões que permeiam as formas de visualizar o que significa a prestação de serviços que vários projetos empreendem na cidade: “geralmente, as pessoas têm a impressão que aqui, no Dom Almir, as pessoas precisam ganhar. E não é isso que a gente precisa não, não é isso”.

¹¹² SOARES, A. G. Uberlândia, 12 abr. 2012. Entrevista concedida a Letícia Siabra.

¹¹³ Idem.

Consolidar uma ideia de que os moradores de periferias na cidade precisam ser tutelados por ações de amparo ou até mesmo formular a prestação de serviços na condição de dádivas a serem oferecidas por atos de generosidade de grupos abastados é uma formulação repudiada por muitos moradores que compreendem que são igualmente dignos de poder pagar pelos serviços assim como qualquer outro morador de outros bairros da cidade.

No entanto, convivem diariamente com estas premissas e as combatem cotidianamente através da reivindicação de direitos que não são entendidas como doações e, sim, enquanto exigências de moradores pertencentes à cidade. Trata-se de uma forma também para vivenciar o urbano e suas contradições.

A Sr.^a Alexssandra deixa a entender quais as considerações de ser pobre e não ser pobre dentro do bairro. Na conversa ela faz questão de ressaltar as obras que estavam sendo feitas próximas ao Dom Almir, assim como expõe sua satisfação em projetar melhorias para o bairro a partir da construção de um condomínio fechado próximo àquela localidade e a construção de um *Shopping Center* na região:

Alexssandra: Mas é igual eu tô te falando esse bairro aqui tem muito, precisa de muita coisa aqui pra melhorar, é. Quanto à violência também tem em todo lugar né, porque a violência num tá num lugar, tá nas pessoas, né, a violência tá nas pessoas, agora aqui assim tem supermercado, padaria tem farmácia, né, que já melhorou muito, agora com esse residencial Greenville vai melhorar muito mais [risos].

Letícia: ah eu vi, tão construindo... O que que vai ser isso aí?

Alexssandra: aquilo ali meu bem, era plantação de soja, quando secava as pessoas jogavam lixo, entendeu, agora ali, uma empresa tem comprado. Esse terreno todo aí vai construir, construindo o residencial Greenville, você viu que aqueles terrenos todos ali têm infraestrutura? Todos ali, num sei se você passou por dentro, vai construir um shopping ali... Vai! Passou na televisão então quer dizer vai melhorar cada vez mais né.¹¹⁴

Importante avaliar como as considerações do que seria adequado para melhorar a imagem do bairro está associada ao aumento de obras com ocupações (regulares), comércios na região, de acordo com a entrevistada.

O que se percebe é a incorporação de valores de consumo por um grupo que outrora fora negligenciado como pobre por excelência e, portanto, não teria condições de participar de um circuito de consumo que pertenceria a valores de outros grupos na

¹¹⁴ SOARES, A. G. Uberlândia, 12 abr. 2012. Entrevista concedida a Letícia Siabra.

cidade, relacionados com os espaços de moradia de cada indivíduo, o que limitaria suas condições de acesso a determinados bens e com poder de compra específico para certos produtos.

O que estas moradoras estão dizendo é que não é bem assim que acontece, pois são capazes de comprar máquina de lavar roupas, de se tornarem “empreendedores”: “esse ano eu até quero melhorar [inaudível], quero abrir uma porta, aqui, ampliar, fazer um lugar bom pra trabalhar... Quero... Eu quero ser um pequeno empreendedor [risos]”.¹¹⁵

Os valores que outrora não pertenciam a eles, por causa dos lugares onde moravam, participam de um processo de incorporação que Raymond Williams indica como seletiva a partir do momento em que correspondem às relações de poder na cultura.

A relação que a entrevistada estabelece entre as maneiras de tornar o bairro cada vez melhor e que foi noticiado nos meios de comunicação, em especial a televisão, como ela aponta, merece atenção especial, na medida em que indica as associações entre comunicação e cidade, pois o fato de propagandear os comércios e serviços naquele bairro através da TV, para ela, é um aspecto positivo que sinaliza para o ato de movimentar aquela região de forma eficaz e atrativa para outros comerciantes e até mesmo para outros moradores, uma vez que melhora a imagem do bairro.

As considerações da Sr.^a Alexssandra se relacionam com as percepções do Pastor Cláudio, embora moradores de regiões perpendicularmente opostas em termos territoriais, mas que são comuns no âmbito da cidade; permitem compreender a relação dos sujeitos com o espaço da cidade; e também oferecem indícios para pensarmos em termos culturais, quais relações estão sendo construídas na associação entre cultura, comércio e comunicação, para pensar a dimensão do social nas cidades.

Diante do quadro colocado, cabe investigar estes processos que envolvem comunicação e cidade, pensando pela via da propaganda, pois apresenta-se como elemento concreto de modificação das caracterizações que se constroem sobre os bairros na cidade.

O movimento que a propaganda dimensiona, através dos meios de comunicação, influencia diretamente nos hábitos dos moradores ao vivenciar as relações com o espaço urbano.

¹¹⁵ Idem.

Podemos afirmar que o evento *Linha dura no Seu Bairro*, de certa maneira, corrobora para propagandear os produtos e serviços das empresas “parceiras” que levam a prestação de serviços para aquela região onde se propõem a realização do evento, e, dessa maneira, também estão divulgando seus serviços e formando um público consumidor nestas regiões.

Participa de um processo que envolve relações culturais, organiza modos de vida dos moradores nas cidades, visto que não se trata de um evento isolado, mas compreende um movimento de intensificação do consumo no cotidiano dos moradores; a recorrência em alimentar uma necessidade de compra se torna questão de ordem primária, sobretudo quando se tem as propagandas pressionando e estimulando essa aparente necessidade.

Acrescente-se a isto a rapidez nos serviços, que foi um dos elementos que os entrevistados apontaram como sendo motivo para que eles optassem, muitas vezes, por atendimentos particulares – no caso de consultas médicas – ao invés do atendimento público de saúde, uma vez que correriam o risco da demora e quiçá do não atendimento.

Diante de várias reportagens sobre falta de atendimento, pessoas morrendo nas filas dos hospitais públicos, a frequência das imagens do descaso público com a saúde nos meios de comunicação de massa,¹¹⁶ confrontando habitualmente os moradores nas cidades brasileiras, compõem uma conjuntura de ascensão de uma prática voltada para a aprovação e aceitação da eficiência dos serviços privados – em detrimento dos públicos – estimulada nas cidades.

Dessa forma, a prática de incentivo ao aumento crescente de mercadorias e serviços privados ganha uma configuração central nos modos de vida dos sujeitos no

¹¹⁶ Maria Elisa Cevasco, em diálogo com Raymond Williams, aponta que: “a diferença fundamental que a contribuição de Williams traz ao debate e a percepção materialista de cultura: os bens culturais são resultado de meios também eles materiais de produção (indo desde a linguagem como consciência prática aos meios eletrônicos de comunicação), que concretizam relações sociais complexas envolvendo instituições, convenções e formas. definir cultura é pronunciar-se sobre o significado de um modo de vida. esse o vasto campo de estudo e intervenção aberto aos estudos culturais no momento de sua formação”. Ver: CEVASCO, Maria Elisa. *Dez Lições Sobre Estudos Culturais*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008, p. 23. O diálogo da autora com Williams procura construir um percurso de investigação para os estudos culturais apresentando alguns sintomas da presença intensiva dos meios de comunicação nas relações culturais enquanto campo que necessita (penso eu, com urgência) de investigação. O que recupero do trabalho de Cevasco, enquanto campo de interlocução da pesquisa, situa-e nesta possibilidade de análise para a compreensão do social a partir do cotidiano.

espaço urbano. Portanto, não merece ser menosprezada apenas enquanto aspectos secundários de relação de consumo entre mercado e mercadoria.¹¹⁷

Não obstante, é preciso compreender de que se trata de algo mais complexo em termos de relações permeadas pelo social e que fazem parte das formas de circulação dos moradores e até de convivência na cidade.

Conversando com a Sr.^a Jenny Silva¹¹⁸ dona de casa, moradora no Bairro Guarany. Morou em vários bairros na cidade: Jardim das Palmeiras, Santo Inácio, Seringueiras e Tocantins. Atualmente reside no Bairro Guarani sobre como era viver naquele bairro, suas aspirações, a forma como fazia para trabalhar, enfim, sobre o cotidiano, ela nos falava da melhoria de sua vida quando comprou uma máquina de lavar roupas:

Me ajuda bastante, num precisa ficar sofrendo o sábado, o dia inteiro pra arrumar a casa, sendo que eu tenho, agora, dois dias só pra descansar. Aí, eu posso descansar mais e trabalhar menos no final de semana... Se eu soubesse que era bom, tinha gastado antes.¹¹⁹

Jenny nos dá indícios de um aspecto importante a considerar: a relação entre cotidiano - cultura - consumo - comunicação. Os aspectos do trabalho também eram relevantes para a questão da entrevistada ter comprado uma máquina de lavar roupas, porque, segundo ela, facilitaria o seu trabalho doméstico, assim como permitiria que ela tivesse um tempo a mais de descanso na sua rotina diária.

Nesse sentido, o que se revela como facilidade também acaba participando do cotidiano da moradora: não é somente a questão de ter a máquina de lavar roupas para facilitar seu trabalho, mas, sim, de poder usufruir de espaços de lazer e, principalmente,

¹¹⁷ Dez anos após a primeira edição do livro *Dos meios às mediações*, Martín-Barbero expunha os caminhos que percorreu a partir de então. Discutindo mercado e comunicação, aponta que: “O mercado não pode criar ‘vínculos societários’, isto é, ‘entre sujeitos’, pois estes se constituem nos processos de comunicação de sentido, e o mercado opera anonimamente mediante lógicas de valor que implicam trocas puramente formais, associações e promessas evanescentes que somente engendram satisfações ou frustrações, nunca, porém, sentido. O mercado não pode ‘engendrar inovação social’, pois esta pressupõe diferenças e solidariedades não funcionais, resistências e dissidências, quando aquele trabalha unicamente com rentabilidade”. MARTÍN- BARBERO. J. *Dos meios às mediações*: comunicação, cultura e hegemonia. 5. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. p. 15-prefácio. No entanto, o autor abre brechas para prensarmos quais os vínculos que são criados, então, a partir das relações na cidade entre moradores e consumo, pois, se não é o mercado capaz de criar vínculos, então, como estes são criados? Qual o potencial da comunicação, nesse sentido, ao passo em que estabelece elos entre cultura e mercado e que permeia as relações de consumo também?

¹¹⁸ OLIVEIRA, J. S. Uberlândia, 29 out. 2011. Entrevista concedida a Letícia Siabra.

¹¹⁹ Idem.

aproveitar o pouco tempo de descanso do qual dispõe. Mas ela precisou ser convencida de que comprar a máquina em várias prestações seria um negócio viável para ela, e o retorno do investimento financeiro só poderia vir através do tempo livre, das horas a mais de descanso na semana.

No circuito da comunicação, mais propriamente dito, da publicidade na comunicação, que engendra o desejo em forma de necessidade,¹²⁰ percebe-se, nos meios de comunicação, o movimento de inserção de um círculo de necessidades de produtos e serviços privados através dos anunciantes que patrocinam os programas jornalísticos e até mesmo dos intervalos comerciais que corroboram para a certeza de que o telespectador continuará “fiel” à emissora.

O programa *Linha Dura* tem essa característica marcante, pela quantidade de anúncios e comerciais que são transmitidos durante as exibições, e para, além disso, são chamados de parceiros quando acontecia o projeto *Linha Dura no Seu Bairro*.

Essas considerações são importantes para pensarmos as relações que os moradores constroem com estes discursos televisivos. Os níveis de relacionamentos entre estes moradores então acontecendo em outras dimensões do viver urbano, para além daquelas mencionadas pelo espaço físico, nem por isso inverídica ou abstrata, muito pelo contrário, oferecem indícios de que estas relações ganham mais concretude a cada dia, através do cotidiano destes moradores.

A necessidade de ir para os bairros oferece indícios para pensar que este público precisa ser conquistado; então, não são os moradores, majoritariamente, que procuram estes serviços apenas por pura necessidade, mas são estas empresas que precisam convencê-los de que necessitam de determinados produtos e/ou serviços.

Por exemplo, para a Sr.^a Jenny Silva, a facilidade que uma máquina de lavar roupas trouxe para sua vida foi um aspecto importante para decidir comprá-la em diversas prestações e assim poder desfrutar mais do pouco tempo de descanso de que dispunha na semana.

Quando perguntamos se ela não conseguiria comprar a máquina de lavar roupas à vista, ela apontou que “nem os ricos compram... é tudo parcelado”, e nos fez pensar na

¹²⁰ Discutindo os meios de comunicação, Marilena Chauí aponta que “a publicidade não se contenta em construir imagens com as quais o consumidor é induzido a identificar-se. Ela as apresenta como realização de desejos que o consumidor sequer sabia ter e que agora, seduzidos pelas imagens, passa a ter”. Ver: CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006, p. 40.

prática do crédito facilitado para as diversas classes, que se tornou uma estratégia dos lojistas e demais comerciantes a fim de vender os produtos e estimular os lucros.

Assim, também pode-se perceber os valores que estão sendo modificados ao passo em que se igualariam as estratégias de compras entre ricos e pobres, pois ambos compram os produtos no crediário.

Este aspecto de “igualar” possíveis classes a partir do uso comum de estratégias de compra sugere desconfianças a respeito da própria noção da incorporação seletiva: ao passo em que se é entendível que as classes subalternas incorporam valores da burguesia, da mesma maneira o inverso também pode acontecer, na medida em que as classes abastadas também incorporariam valores de classes subalternas.

Neste aspecto, as discussões de Raymond Williams são importantes para investigar os resíduos no movimento de incorporação seletiva, uma vez que

Um elemento residual cultural fica, habitualmente, a certa distância da cultura dominante efetiva, mas certa parte dele, certa versão dele – em especial se o resíduo vem de alguma área importante do passado – terá, na maioria dos casos, sido incorporada para que a cultura dominante tenha sentido nessa área.¹²¹

Dessa maneira, investigar as relações no cotidiano a partir deste patamar nos direcionou para compreender outras formas de entender estas relações, pois sugere os questionamentos, então, se seria cabível falar de classes a partir das incorporações seletivas. Cabe ressaltar que, para pensar nas questões de classe, é preciso procurar compreendê-las no seu interior e na maneira como os grupos vão se constituindo e gestando o que seria a consciência de classe.

Podemos dizer que existe uma relação comum destes moradores com os movimentos da comunicação que os colocam em posições diferentes neste mesmo circuito;¹²² no entanto, ambos estão vivenciando as experiências de comunicação a

¹²¹ Ver: WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1979, p. 126.

¹²² A *Rede Vitoriosa* pertence a uma família influente que se articula com a construção de seu poder por meio de empresas de comunicação. É importante pensar que existe uma disputa acontecendo ali, no sentido de que a empresa pertence à família Salgado Oliveira e constrói uma pauta comum de perfis de programas que pertencem a este grupo empresarial, e que se propõem a falar de grupos que estão numa realidade extremamente distante de quem detém esse poder de comunicação e de quais outros grupos que são inseridos nesse circuito de comunicação. Em *Sobre História: imprensa e memória*, Marta Emízia Jacinto Barbosa discorre sobre a necessidade em se pensar o circuito de atuação e constituição das publicações de revistas e periódicos atentando para “discutir sobre quem são os ‘donos da mídia’ no Brasil, como as redes de comunicação e informação se organizam, quais seus métodos de trabalho, suas articulações com a sociedade, seus sujeitos”. Ver: BARBOSA, Marta Emízia Jacinto. *Sobre História*:

partir do que compreendem e articulam através da linguagem televisiva, impressa, etc., para dinamizar sentidos para as práticas sociais.

Ou seja, as pessoas para quem o programa *Linha Dura* se destina, nesta comunicação que se diz comunitária, são pessoas pobres. Cabe analisar qual é o público a quem se direciona, articular indícios para pensar onde esta luta de classes se acentua nos meios de comunicação e pensar como acontecem essas relações. Um ponto que chama para o debate sobre como os sujeitos comuns se movimentam neste circuito.

As conversas com os moradores dos bairros, a partir das entrevistas que tomavam caminhos nos quais nós procurávamos compreender o cotidiano dos moradores em relação com o espaço urbano, com a cidade. Como que eles constituíam seus modos de vida, quais as trajetórias, os lugares onde moraram.

Nesse sentido, as moradoras que entrevistamos tinham em comum, era justamente, a questão de ser dona de casa, ter envolvimento com o trabalho doméstico, mas que também, desenvolviam outras atividades, e, no sentido mais simples; gostavam de assistir televisão, mas se envolviam com questões que diziam respeito à cidade.

E a partir das entrevistas fomos percebendo que se preocupavam com o que estava colocado sobre o espaço urbano, assim como elas marcavam em diálogo com os meios de comunicação na cidade como questão elas também procuravam expor seus interesses e intenções em dizer o que a cidade não era.

Deu indícios de que havia disputas acontecendo no campo da memória que envolvia a cultura desses moradores, principalmente quando direcionávamos para discutir o espaço urbano em relação com a pobreza, e eles se colocando enquanto sujeitos, dizendo das suas trajetórias e experiências, as coisas mais simples que envolviam o cotidiano, mas que não são simplórias, pois, fazem parte do dia a dia desses moradores.

Antônio Arantes, em *Paisagens Paulistanas*, ao acompanhar a conjuntura dos anos 1950, as pesquisas de aceitação de candidatos nas eleições presidenciais, os eventos que promoveram as inaugurações de espaços como o parque do Ibirapuera, e as imagens e fotografias que diziam sobre uma São Paulo empreendedora, que avançava com a iniciativa privada, resultando em ritmo acelerado das pessoas e construções

imprensa e memória. In: MACIEL, L. A.; ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A. (Org.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, 2006, p. 262-263.

gigantescas, aponta que os conjuntos das imagens e acontecimentos iam criando uma memória sobre a cidade, o espaço urbano.¹²³

Dessa maneira, o autor chama atenção para percebermos nas sutilezas que compõem as paisagens das cidades, que elas trazem marcos de construções de memórias sobre o que são os espaços urbanos, as cidades.

Assim, Arantes traz a contribuição para este trabalho em que procuramos dialogar com as moradoras através da relação que elas tinham com o trabalho em casa, o cotidiano de fazer compras nos supermercados, de fazer uma espécie de rastreamento nas propagandas das empresas que também anunciam nos comerciais, e no próprio programa *Linha Dura*, de que isso não estava separado, que estava sendo incorporado nos hábitos dos moradores e que suas movimentações construíam laços nos ambientes de trabalho.

Sr.^a Alexssandra e Sr.^a Floricena, se preocupavam com a questão da educação por estarem diretamente envolvidas nos espaços escolares, trabalhavam em escolas, se desassossegavam com a violência nas escolas e remetiam suas narrativas para o que eram os bairros onde moravam e formulavam a partir de suas experiências e vivências compreensões de problemas sociais que consideram importantes trazer para o diálogo das entrevistas.

Nesse sentido, não podemos perder de vista, que todas estas questões relacionavam com a comunicação, muitas das vezes questionando o que os entrevistados, no programa *Linha Dura* falavam, apontando confrontos quando a questão era a forma como elas viam os moradores dando entrevistas para programas de televisão e jornal, discordando das posturas, mostrando pontos diferentes.

Buscando se colocarem enquanto sujeitos ativos que transformam os espaços de comunicação a seu favor, procurando mostrar que não estavam a mercê de formulações de outrem, isso foi um aspecto bastante enfáticos embora elas considerassem importante a circulação de notícias, mas apontavam vários canais de comunicação em que elas não precisavam de uma tutela pra expor seus interesses.

Dessa maneira, também, construíam marcos de memória, a partir dos confrontos entre memória dominante e outras memórias que através dos diálogos com os

¹²³ “Acontecimentos, espaços e lugares, em mútua articulação, participam da trama que resulta dos trabalhos da memória.” Ver: ARANTES, Antônio. A. *Paisagens Paulistanas*: transformações do espaço público. Campinas: Editora da Unicamp; Imprensa Oficial, 2000, p. 21. Trabalhando como objeto de pesquisa a paisagem urbana, o autor analisa os espaços que compõem o urbano buscando a relação entre paisagem e práticas sociais, as imagens que as instituições constroem e a relação entre direitos de cidadania e cultura de consumo.

moradores, fizemos um esforço por trazê-las à tona. Nesse sentido esse embate revela sutilezas profundas a partir da própria memória do que é a pobreza nas periferias enquanto uma questão a ser contestada.

A relação entre pobreza e memória e os embates no campo da memória, nos conflitos que envolvem a problemática da pobreza nas disputas por memórias, faziam emergir nas falas das moradoras, o circular no bairro, na cidade. Têm em comum a circulação, ressaltando que elas moraram em determinada época em cada bairro.

3.2 Modos de viver na periferia da cidade: comunicação, pobreza e memória

Esforçamo-nos para investigar os significados desse circular na cidade, o transitar nos espaços da cidade, para pensar nos sentidos e embates que faziam emergir nas falas das moradoras nos conflitos de memórias, sobre quais os sentidos destas construções e marcos sobre os sujeitos pobres e como elas eram confrontadas, pelas próprias moradoras, mas que partiam de um embate, no campo da cultura, porque significava dizer sobre seus modos de vida.

Dessa forma, as linguagens que construíam em diálogo durante as entrevistas, seus comportamentos, os tipos de trabalhos que exerciam e vinculavam suas práticas políticas na cidade, expressando através do narrar as trajetórias nas localidades onde moraram, os caminhos que percorreram na cidade, e as formas de estabelecimento e construção das maneiras de sobrevivência, na vida urbana.

A fala sobre a periferia impunha o tom de desconforto pelas imagens que se faziam das localidades onde moravam, mas indicavam o confronto de valores atribuídos para estas regiões, uma vez que as donas de casa ressaltavam através de suas falas, as inquietações que decorriam de tais construções.

Em diálogo com Caldeira, Arantes aponta a tendência nas grandes cidades das ocupações das pessoas mais ricas em procurar as periferias, no sentido de vantagens territoriais, espaços mais arborizados, criação de condomínios, aprofundando a discussão sobre as diferenças e desigualdades de grupos e identidades que constroem os espaços da cidade, desconfia dos sentidos de cidadania e homogeneidade cultural e suavidade brasileira, apresentando os índices de aumento de desigualdade entre regiões centrais e periféricas:

Em suma, estou sugerindo que o espaço público está sendo reconfigurado por novas linguagens de diferença e de desigualdade, como lugar político que passa a se estruturar mais a partir de enfrentamentos e de pactos “na diferença” [...] do que pelo tradicional esfumaçamento publicitário de fronteiras simbólicas e políticas.¹²⁴

¹²⁴ Ver: ARANTES, Antônio. A. *Paisagens Paulistanas*: transformações do espaço público. Campinas: Editora da Unicamp; Imprensa Oficial, 2000, p. 151. O autor dialoga com a Tese de PhD *City of walls*, defendida por Caldeira em 1992, de onde resultou o livro *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Ver: CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34: Edusp, 2000.

Percebemos na cidade de Uberlândia, a forte presença da periferia alicerçada na memória da pobreza e justificada pelo descaso das políticas municipais.

As moradoras vivenciam os embates destas construções, sobre as localidades onde moram de forma que em todas as conversas, quando perguntávamos sobre como era viver naquele bairro, de alguma maneira, suas falas chamavam atenção para estes aspectos, em que elas faziam questão de se colocar contra essas construções, mas ressaltando que isso era uma imagem que as pessoas, moradoras de outras localidades, com um poder aquisitivo maior, faziam sobre elas.

Estas construções extrapolavam os limites da pobreza como lugar que dita suas formas de sobrevivência, ou até mesmo as imagens construídas sobre estas moradoras. Suas vidas eram muito mais do que os marcos consolidados na imprensa e na TV durante as décadas de 1990 e 2000.

Alexssandra: Quando tem esses eventos do jeito que eles falam, fica parecendo até outro lugar [risos].

Letícia: [risos] como assim? Me explica.

Alexssandra: Fica parecendo que o lugar é legal mesmo, mas aqui não é ruim Letícia, aqui não é ruim aqui não é um bairro pobre, melhorou demais igual, eu tô te falando sabe, num é igual era antes porque eu conheci isso aqui não tinha nada, nada, só era aqui era tudo terra, não tinha nem água entendeu, a primeira vez que eu vim aqui há há mais de 20 anos atrás há mais de 21 anos atrás não tinha nem o Paulo Vitor, o Paulo Vitor vai fazer 20 , entendeu?

Dizendo sobre os eventos que os programas de televisão, promovia nos bairros, assim como, sobre a própria circulação da notícia sobre as regiões onde estas moradoras viviam, Sr.^a Alexssandra jogava com sua própria fala, ao dizer sobre o lugar onde morava, pois ressaltava um aspecto dos sentidos que os eventos como o *Linha Dura no Seu Bairro*, gerava: a sensação de o bairro “fica parecendo até outro lugar” e posteriormente recolocava a questão “fica parecendo que o lugar é legal mesmo, mas aqui não é ruim”.

Indicava no primeiro momento que os eventos eram ações superficiais, que embora se propagandeasse mudar os aspectos da região, efetivamente não era capaz de promover mudanças significativas, pois, o programa de TV jogava com estas concepções da necessidade, para que tivessem respaldo suas ações.

Já no segundo momento, apontava que para a própria moradora, o bairro não era aquele lugar ruim que se pensava, então que aquela visão não correspondia, às suas

vivências na cidade. Para ela, não era considerado um bairro pobre, não no sentido de que tanto se falava a respeito.

Tratava-se de uma maneira de lidar com essas formulações tão contrárias, mas que estavam nas disputas de memórias sobre a cidade, e sobre a periferia na cidade.

Isso remeteu para um exemplo que a Sr.^a Alexssandra contando um *causo* de uma vez quando estava indo para o trabalho, avistou no ônibus, uma criança jogando lixo na rua através da janela, incomodada com aquela atitude mal educada, a Sr.^a Alexssandra, pediu ao menino que não fizesse aquilo:

Alexssandra: Aí eu falei assim pra ele: “ô filho não faz assim não! Coloca aqui ó, aqui na sacolinha – dentro do ônibus – coloca aqui, dentro da sacolinha, porque depois recolhe tudo e joga fora”. Sabe o que a mãe dele me falou?

Letícia: anh?

Alexssandra: “Eu jogo onde eu quiser”! E engraçado, eu num tava no ônibus do Dom Almir eu tava no ônibus do Planalto. Aí eu pude perceber não é só porque lá é periferia entendeu? Então, é igual eu tô te falando: tá nas pessoas, aqui também tem muita gente educada muita gente boa, muita gente que pensa que, muita gente que quer crescer sabe?!

Se referindo à construção da ideia de periferia no bairro, a entrevistada, assim como a Sr.^a Floricena, jogava com os contrastes entre bairros ricos e pobres, elencando o bairro Planalto como o exemplo do bairro rico, e que as atitudes reprováveis dos moradores não eram determinadas pelo lugar onde moravam, mas sim pelo caráter que independia de ser arraigado na periferia.

O incômodo das entrevistadas, vinha das construções sobre a condição de pobreza, mas sua postura afirmava o embate constante, contra estas formulações.

Percebem-se nestas falas, as marcações que a dona de casa fazia para relacionar com estes embates na cidade, e de certa forma, traziam o aspecto do contexto, em que vivia, pensando nas distinções de temporalidades, marcando a mudança da trajetória na cidade como necessário de ser evidenciado.

Sr.^a Alexssandra, situa no período de vinte anos as mudanças pelas quais o bairro passou: “aqui não tinha nada, nada, só era aqui era tudo terra, não tinha nem água entendeu, a primeira vez que eu vim aqui há há mais de 20 anos atrás”.

Marcando as transformações nas temporalidades a partir do cotidiano, a dona de casa aponta a idade do filho de vinte e um anos, como o tempo de referência para visualizar os movimentos no espaço urbano.

Estas marcações chamam atenção para um modo de contar o tempo através das experiências dos sujeitos. A Sr.^a Alexssandra, não dá a mínima margem para pensar num tempo abstrato, o “desde sempre” não existe para ela, e permite situar enquanto processo histórico as relações sociais.

Discutindo as possibilidades da lógica histórica em Thompson, Vasconcelos aponta os caminhos que percorreu na pesquisa com documentários e entrevistas para História Oral:

vimos aprendendo com a História Social, com a História Oral e com o cinema de Eduardo Coutinho, a questão de produção de fontes precisa ser encarada como um ato de produção de memória, mas não apenas em seu sentido acadêmico, enquanto contribuição para a formação de arquivos, mas como uma possibilidade de uma história “participativa” que se responsabiliza por parte da vida daqueles sujeitos que toma por referência de conhecimento.¹²⁵

As discussões da autora permitem compreender que o momento da entrevista também aqui entendido como a produção da fonte em História Oral é também produção de memória, e a escolha por trabalhar nesta perspectiva significa uma escolha política, pois a entrevista nesse sentido, não pode ser compreendida enquanto coleta, mas compreende uma relação sendo estabelecida e produzida socialmente.

Os espaços onde as entrevistas aconteceram dizia muito para entender o que significava as relações cotidianas que os moradores vivenciavam, seja no local de trabalho, que por sinal era uma extensão da casa de sua mãe, próximo à sua casa também, e que ao mesmo tempo, dimensionava as várias atividades que ela exercia: cabeleireira, manicure, vendedora de roupas, dona de casa, cuidava de sua mãe, e dos filhos.

¹²⁵ Ver: VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira. Cultura e memória: notas sobre a construção da lógica histórica na pesquisa audiovisual de História Oral. In: MACIEL, L.; ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A. (Orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d’Água, 2006, p. 224. Sobre a Lógica Histórica, apresentando o debate de Thompson com os antropólogos a respeito das metodologias em uma pesquisa histórica e o diálogo com as evidências, ver: THOMPSON, Edward Palmer. *Intervalo: a lógica histórica*. In: *A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros (uma crítica ao pensamento de Althusser)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. Durante o ano de 2011, participei juntamente com os alunos do programa Pibid, da oficina “Documentário/entrevista: discussões teórico-metodológicas em torno da História Social”, promovida pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em História, Cidade e Trabalho, do Instituto de História - UFU, com as professoras Prof.^a Dr.^a Marta Emízia Jacinto Barbosa e Prof.^a Dr.^a Regina Ilka Vieira Vasconcelos, em que discutimos possibilidades para a História Oral e a investigação historiográfica, a partir do estudo dos procedimentos de entrevistas do cineasta Eduardo Coutinho.

Fazendo questão de evidenciar que seu cotidiano era complexo, assim como de todas as outras moradoras donas de casa, que entrevistamos, pois, suas vivências na cidade iam além do que os meios de comunicação procuravam dizer sobre elas.

As outras memórias que vinham das experiências de viver na cidade, se relacionavam com a vida urbana, pois, era a cidade que estes sujeitos estavam construindo a partir das relações cotidianas. A partir dos modos de vida das moradoras, foi possível compreender a cidade, nas relações entre cotidiano e cultura.

Uma cidade a partir de lugares diferentes e sujeitos diferentes emergiu das análises dos diversos materiais, os documentos produzidos por grupos de moradores, apresentavam aspectos importantes das disputas por memórias na cidade, pois, traziam embates sobre as formas de atuação e modificação do espaço urbano.

Diziam respeito a práticas que conviviam diretamente com as construções que eram formuladas na imprensa a partir das inversões de intenções e significavam que era importante para os grupos dominantes também construir sentidos sobre as vivências dos moradores.

A mobilização dos sujeitos nos jornais indicava que havia algo sendo confrontado, que dizia respeito à realidade social, aos embates no campo da memória, sobre as histórias dos sujeitos, moradores pobres.

A visibilidade que a imprensa pretendia, era diferente da visibilidade que o programa *Linha Dura* almejava sobre os bairros, mas compreendia que estavam dialogando com a cultura de cada região, buscando nos gostos, hábitos, relações entre vizinhos, marcar posicionamentos, inscrevendo no cotidiano dos moradores estratégias de transformação dos espaços da cidade.

Eram capazes de ditar tendências, sobre os assuntos que movimentavam a cidade, mas não o faziam isoladamente, pois compreendia também, outras esferas da vida social, as lutas de moradores em grupos de bairros, que de certa maneira, contribuíram intensamente para que determinados assuntos sobre as regiões da cidade virassem pauta de notícias nos meios de comunicação.

Não balizamos como aspectos positivos ou negativos entre grupos diferentes, mas evidenciamos que todos os grupos possuíam intenções marcadas a partir de seus lugares sociais. Evidenciando transformações na cidade.

Em meio as seleções como se davam as notícias, percebemos os conflitos que surgiam da convivência em diferentes espaços marcados pela desigualdade social.

Não era uma questão de tutela, pois, os moradores das regiões que assumimos a partir da localização territorial enquanto periferia, marcados pela memória da pobreza, diziam dos conflitos que vivenciavam neste meio que envolvia a notícia sobre eles, mas que eles também produziam, e buscavam outras maneiras para que elas fossem interpretadas.

Eles não eram os “sem voz”, que precisariam de “porta-vozes”, para se fazerem presentes na cidade. Muito pelo contrário, as estratégias de comunicação entre eles eram muito mais complexas do que a transmissão de uma fala.

Diziam de conflitos na cidade, disputas por linguagens no espaço urbano e por dizer sobre a cidade. Mas que compreendiam que havia relações de poder envolvidos em todas as relações, a partir dos sujeitos, e que estas relações não se faziam independentes dos moradores.

Evidenciar as donas de casa permitiu compreender um pouco deste aspecto, uma vez que a partir do contato com as fontes e das perguntas feitas às evidencias, compreendemos estas moradoras enquanto sujeitos ativos socialmente, e que movimentavam todas as outras relações tanto dos meios de comunicação quanto dos líderes comunitários.

As formas como circulavam pelos diferentes espaços, assistiam TV, diziam sobre os programas que buscavam seu cotidiano, ia dimensionando as maneiras como lidavam com os embates de memórias e como isso estava indissociado de suas experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou compreender as relações entre as vivências dos sujeitos pobres, memórias e cidade, através das experiências e comunicação, no espaço urbano.

Contrapondo as diversas frentes de meios de comunicação, que buscavam dizer sobre estes moradores, visualizamos campos de disputas pela memória de dizer sobre eles e que ganhou concretude na imprensa e na TV ao longo das décadas de 1990 e 2000.

Pensando nos movimentos de comunicação que faziam parte do contexto social da cidade, nos deparamos com questões complexas sobre o viver urbano, e dessa maneira direcionava os rumos da pesquisa.

Empreendemos um esforço no sentido de compreender a cidade e como que ela era constituída a partir dos “sujeitos reais”, nesse sentido, abria brechas para diversas possibilidades, o que evidenciamos a partir da forma como foi escrito. Não obstante, apresentamos um direcionamento que marca a postura política e a forma de vivenciar a cidade.

As escolhas pelos sujeitos pobres, partiram de inquietações que fazem parte da minha vivência na cidade, sobre os conflitos que constituem o morar, trabalhar, circular no espaço urbano.

Muitos questionamentos decorreram desta pesquisa, o que proporcionou um enriquecimento em termos de aprendizado e a própria maneira de se relacionar na cidade. Visto que, nos coloca o compromisso com a realidade social, enquanto profissionais de história.

Deparamo-nos com várias dificuldades ao longo da pesquisa: falta de acesso a determinados lugares, muitas pessoas que se recusavam sequer a nos atender, ou até mesmo dizer para familiares que nós havíamos procurado, algumas pessoas que filtravam os materiais que outras disponibilizavam para nós, julgando que aquilo não nos interessaria, além de presenciar muitos conflitos que por motivo de segurança foi suprimido neste trabalho.

No entanto, todas estas dificuldades acabavam nos incentivando cada vez mais, a procurar estratégias para se chegar a lugares que até então desconhecia. Incentivaram no sentido de inquietação. Além de fortalecer a busca pelas questões da cidade. Um processo doloroso, mas extremamente necessário.

Ao longo da pesquisa procuramos problematizar as disputas no campo da memória por linguagens sobre a cidade, estabelecendo teias e relações entre quem almejava falar pelos moradores pobres, nos meios de comunicação, o programa *Linha Dura* e o *Jornal Correio de Uberlândia*, buscamos ressaltar as diferentes linguagens e como isso era socialmente produzido e criando memórias sobre a pobreza na cidade, memórias estas que não se restringiam ao circuito de comunicação local, mas que fazia parte de um processo histórico que ganhou forças na década de 1990 e que nos anos 2000, aparentava natural.

No entanto, analisar a vida cotidiana, possibilitou tirar esse processo do círculo da naturalização, e buscar situar os sentidos e intenções desse processo, nos fez caminhar para inquietações que surgiram das análises dos programas de TV e imprensa, quando, buscamos encontrar estes moradores pobres, nestes locais, visualizamos que existiam disputas sociais no interior destes meios de comunicação, eles não diziam simplesmente sobre os sujeitos, eles participavam de disputas por memórias e pelo viver urbano.

Foi então que procuramos nos grupos de bairro, através dos líderes comunitários, conhecer quem eram os sujeitos a quem os meios de comunicação se direcionavam, uma vez que percebemos que aqueles programas de TV falavam a partir de lugares distintos, e sugeriam um confronto de modos de vida diferente, dizendo o que deveria ser o cotidiano dos moradores na cidade.

Dessa maneira, os contatos com materiais de grupos de bairros ofereciam pistas de uma trajetória de inserção da realidade daqueles moradores no circuito dos meios de comunicação, diferentemente das noções de dádivas, mas que indicaram que faziam parte das lutas de sujeitos por conquistar espaços, num jogo de interesses, para se chegar aos vários moradores na cidade e poder mobilizá-los, mas que também significava marcar posicionamentos distintos em relação a eles, pois também falavam mediante grupos articulados politicamente em torno do trabalho comunitário.

No entanto, as inquietações foram aprofundadas para pensar sobre aqueles telespectadores que eram o “público alvo” das programações da TV, dos eventos nos bairros, as notícias no jornal, a quem chamamos de sujeitos comuns, por não estarem num lugar de destaque ou privilegio de movimentação. Mas que nem por isso significaria que não assumiam posições políticas ou eram capazes de mobilização em torno de questões sociais na cidade.

As donas de casa, que desdobravam em várias atividades as quais faziam parte de sua rotina diária, mas que também se destacavam por ser a maior parte deste público que os meios de comunicação se direcionavam.

Elas trouxeram uma gama de assuntos que dimensionavam cultura e comunicação a partir das memórias que confrontavam aquela memória dominante sobre suas condições de vida, indicaram que havia algo mudando em termos culturais, e que era justamente o cotidiano, que não estava parado, e que suas vivencias e experiências na cidade evidenciavam estes movimentos.

Dizer sobre o passado, às lutas que travavam os vários lugares por onde moraram em uma mesma cidade, dimensionando regiões desiguais, compreendiam um aprendizado vindo da experiência da vida urbana. Escolheram as cidades como espaços de construções de vivencias e experiências, e num processo de luta continuo. Colocaram outros questionamentos sobre as relações culturais na cidade.

Fizeram inquietarmos com as formas como elas estavam construindo espaços de contestação e ressignificação de valores, pois existia muito mais do que a condição de periferia na cidade.

Encerramos este trabalho trazendo estas inquietações propiciadas a partir dos posicionamentos de uma perspectiva historiográfica que buscou dialogar com estes sujeitos, a partir do compromisso com a realidade social.

FONTES

Entrevistas

Abadio Duarte da Silva: atua como militante no movimento comunitário há aproximadamente 24 anos na região norte da cidade em especial no Bairro Nossa Senhora das Graças, participou como presidente da Sociedade Amigos de Bairro, durante o período de 2000-2002, 2007-2010, e a partir de então, participa como presidente da regional norte do Conselho de Entidades Comunitárias (CEC). Entrevista com Abadio Duarte da Silva, nascido em 23 de janeiro de 1953. Entrevista realizada no dia 7 de Outubro de 2011.

SILVA, Abadio Duarte. Uberlândia, 7 out. 2011. Entrevista concedida a Letícia Siabra.

Alexssandra Gualberto Soares: nascida em 25 de setembro de 1972, dona de casa, manicure e cabeleireira, possui um pequeno salão de beleza situado em um cômodo (puxadinho) na frente da casa de sua mãe, onde também existem algumas “araras” com roupas femininas que a entrevistada vende para complementar a renda do trabalho no salão. Moradora no Bairro Dom Almir, reside em Uberlândia aproximadamente 17 anos. Entrevista no dia 12/04/2012.

SOARES, A. G. Uberlândia, 12 abr. 2012. Entrevista concedida a Letícia Siabra.

Dona Benedita Inácio dos Santos Gregório, 70 anos, moradora na cidade de Uberlândia, há mais de trinta anos, moradora no Bairro Morumbi há aproximadamente 13 anos, aposentada, dona de casa, trabalhava com serviços domésticos, lavava e passava roupa “pra fora” durante a maior parte de sua vida. Entrevista realizada em 20 de Junho de 2009.

GREGÓRIO, B. I. S. Uberlândia, 20 jun. 2009. Entrevista concedida a Letícia Siabra.

Floricina Maria de Souza. Sr.^a Floricina nascida em 20 de julho de 1959. Mora em Uberlândia, há aproximadamente 30 anos. Dona de Casa, funcionária na Escola Estadual Jardim das Palmeiras II, trabalha como auxiliar de serviços gerais, já morou em diversos bairros na cidade: Marta Helena, Morumbi (na época Santa Mônica II), Canaã, Luizote de Freitas, e Jardim das Palmeiras (em 2011). Possuiu uma casa própria

no Bairro Jardim Canaã, mas se viu obrigada a morar de aluguel quando vendeu o imóvel e não recebeu o pagamento. Casada com Sr. Paulo Roberto de Souza, trabalhador na construção civil. Sr. Paulo Roberto, participou da conversa em vários momentos. Entrevista realizada em no dia 27 de junho de 2011.

SOUZA, M. F. Uberlândia, 27 jun. 2011. Entrevista concedida a Letícia Siabra.

Jenny Silva Oliveira: dona de casa, moradora no bairro Guarany, nascida em 13 de Julho de 1985. Morou em vários bairros na cidade; Jardim das Palmeiras, Santo Inácio, Seringueiras e Tocantins. Atualmente reside no Bairro Guarany. Entrevista realizada em 29 de outubro de 2011.

OLIVEIRA, J. S. Uberlândia, 29 out. 2011. Entrevista concedida a Letícia Siabra.

José Cláudio Marinho: presidente da Associação de Moradores do Bairro Tocantins, nascido em 27 de novembro de 1969. Mais conhecido como Pastor Cláudio, por sua atuação na Igreja Cristã Gera Vida. Entrevista no dia 11 de outubro de 2011.

MARINHO, J. C. Uberlândia, 11 out. 2011. Entrevista concedida a Letícia Siabra.

Juarez Alves: atua no movimento comunitário há aproximadamente 33 anos, foi presidente da Associação de Moradores do Bairro Custódio Pereira durante cinco mandatos e atualmente preside o Conselho de Entidades Comunitárias estando no terceiro mandato. Entrevista com Juarez Alves, nascido em 12/02/1965. Entrevista realizada no dia 22 de novembro de 2011.

ALVES, J. Uberlândia, 22 nov. 2011. Entrevista concedida a Letícia Siabra.

Atas

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO RESIDENCIAL SÃO JORGE IV. *Livro-Ata de 10 de Junho de 1994*, Uberlândia, 1993.

CONSELHO DE ENTIDADES COMUNITÁRIAS - CEC. *Livro-Ata de 15 de Julho de 2005*, Uberlândia, 2005.

CONSELHO DE ENTIDADES COMUNITÁRIAS - CEC. *Livro-Ata de 15 de Julho de 2005*, Uberlândia, 2006.

CONSELHO DE ENTIDADES COMUNITÁRIAS - CEC. *Livro-Ata de 15 de Julho de 2005*, Uberlândia, 2007.

CONSELHO DE ENTIDADES COMUNITÁRIAS - CEC. *Livro-Ata de 12 de Junho de 2007*, Uberlândia, 2007.

CONSELHO DE ENTIDADES COMUNITÁRIAS - CEC. *Livro-Ata de 12 de Junho de 2007*, Uberlândia, 2008.

CONSELHO DE ENTIDADES COMUNITÁRIAS - CEC. *Livro-Ata de 12 de Junho de 2007*, Uberlândia, 2009.

CONSELHO DE ENTIDADES COMUNITÁRIAS - CEC. *Livro-Ata de 12 de Junho de 2007*, Uberlândia, 2010.

CONSELHO DE ENTIDADES COMUNITÁRIAS - CEC. *Livro-Ata de 12 de Junho de 2007*, Uberlândia, 2011.

Cartazes

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO TOCANTINS. Cartaz da promoção *Natal Premiado*, 2011.

REGIONAL NORTE - CONSELHO DE ENTIDADES COMUNITÁRIAS. Cartaz convidando os moradores da região norte da cidade, para a comemoração dos 38 anos do bairro Nossa Senhora das Graças e da Igreja Medalha Milagrosa, 2011.

Estatutos

ESTATUTO SOCIAL. *Conselho de Entidades Comunitárias de Uberlândia* - Minas Gerais, dez. 2008. Tive acesso à cópia do material na sede do Conselho de Entidades Comunitárias de Uberlândia, em 2011.

Fotografias

Fotografia/laudo técnico da Prefeitura Municipal de Uberlândia. *Rede de esgoto quebrada no bairro Nossa Senhora das Graças* (parecer Técnico 068/2005: Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável- 21/02/2001). Acervo particular do militante Abadio Duarte.

Fotografias da cidade, tiradas na região norte de Uberlândia, compreendendo os bairros Minas Gerais, Nossa Senhora das Graças, Cruzeiro do Sul e Marta Helena. (1980-2009) Acervo particular do militante Abadio Duarte.

Fotografias feitas pela equipe do *Jornal Correio de Uberlândia*, durante as décadas de 1990 e 2000. Fotógrafos: Paulo Augusto e Manuel Serafim.

Gravações/Audiovisual

JORNALÍSTICO. Programa Linha Dura. Uberlândia: TV Vitoriosa. Programa de televisão. Acervo particular de material audiovisual que acumulamos durante os anos 2008 e 2009, contabilizando aproximadamente 15.000 minutos de material gravado, fichado e catalogado. Suporte VHS e DVD.

Jornais

JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA. UBERLÂNDIA: 1990. Acervo Arquivo Público de Uberlândia.

JORNAL CORREIO DO TRIÂNGULO. UBERLÂNDIA: 1991-1995. Acervo Arquivo Público de Uberlândia.

JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA. UBERLÂNDIA: 1996-2000. Acervo Arquivo Público de Uberlândia.

JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA. UBERLÂNDIA: 2000-2009. Acervo Arquivo Público de Uberlândia.

JORNAL PARTICIPAÇÃO. UBERLÂNDIA: maio 1984/mar. 1987. Acervo Arquivo Público de Uberlândia.

Mapas

MAPA DE BAIRROS INTEGRADOS – PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA - 2006. Disponível em:

<<http://bastion.uberlandia.mg.gov.br/sedur/bairros/index.htm>>. Acesso em: 2 abr. 2009.

MAPA UBERLÂNDIA - LOTEAMENTO POR RENDA - 1994.

Pesquisa Eletrônica

REDE VITORIOSA. Disponível em: <<http://www.redevitoriosa.com.br/index.html>>. Acesso em: dez. 2009.

CANAL COMUNITÁRIO DE UBERLÂNDIA - TV CIDADANIA. Disponível em: <<http://tvc-canal17.blogspot.com.br/>>. Acesso em: jul. 2012.

ALGAR MÍDIA. Disponível em: <<http://mediakit.algarmidia.com.br/?secao=inicio>>. Acesso em: 5 ago. 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=secretariasOrgaos&s=23&pg=738>>. Acesso em: dez. 2012.

Prefeitura

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. *Balanço da Administração Municipal de 1993 a 1996*. Biblioteca de Apoio do Arquivo Público de Uberlândia, nº de ordem 231.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA *Prefeitura de Uberlândia: os primeiros 180 dias de 2001*. Biblioteca de Apoio do Arquivo Público de Uberlândia, nº de ordem 293.

Registros de associações de moradores

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO ESPERANÇA: ofícios, laudos, folders, cartazes. Tive acesso às pastas de cada bairro na sede do Conselho de Entidades Comunitárias de Uberlândia, em 2011.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO JARDIM CANAÃ: ofícios, laudos, folders, cartazes. Tive acesso às pastas de cada bairro na sede do Conselho de Entidades Comunitárias de Uberlândia, em 2011.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO LAGOINHA: ofícios, laudos, folders, cartazes. Tive acesso às pastas de cada bairro na sede do Conselho de Entidades Comunitárias de Uberlândia, em 2011.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO LUIZOTE DE FREITAS ofícios, laudos, folders, cartazes. Tive acesso às pastas de cada bairro na sede do Conselho de Entidades Comunitárias de Uberlândia, em 2011.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO LUIZOTE DE FREITAS ofícios, laudos, folders, cartazes. Tive acesso às pastas de cada bairro na sede da Associação de Moradores, em 2012.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO MARTA HELENA ofícios, laudos, folders, cartazes. Tive acesso às pastas de cada bairro na sede do Conselho de Entidades Comunitárias de Uberlândia, em 2011.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO MORADA NOVA ofícios, laudos, folders, cartazes. Tive acesso às pastas de cada bairro na sede do Conselho de Entidades Comunitárias de Uberlândia, em 2011.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS ofícios, laudos, folders, cartazes. Documentos cedidos à pesquisado pelo militante Abadio Duarte, em 2011.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO PLANALTO ofícios, laudos, folders, cartazes. Tive acesso às pastas de cada bairro na sede do Conselho de Entidades Comunitárias de Uberlândia, em 2011.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO PRESIDENTE ROOSEVELT ofícios, laudos, folders, cartazes. Tive acesso às pastas de cada bairro na sede do Conselho de Entidades Comunitárias de Uberlândia, em 2011.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO SÃO JORGE ofícios, laudos, folders, cartazes. Tive acesso às pastas de cada bairro na sede do Conselho de Entidades Comunitárias de Uberlândia, em 2011.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO TIBERY ofícios, laudos, folders, cartazes. Tive acesso às pastas de cada bairro na sede do Conselho de Entidades Comunitárias de Uberlândia, em 2011.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO TOCANTINS ofícios, laudos, folders, cartazes. Tive acesso às pastas de cada bairro na sede do Conselho de Entidades Comunitárias de Uberlândia, em 2011.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de; OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. (Orgs.) *Exercícios de micro-história*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

ARANTES, Antônio A. *Paisagens Paulistanas*: transformações do espaço público. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Imprensa Oficial, 2000.

ARANTES, Otília et al. *A cidade do pensamento único*: desmascarando consensos. Petrópolis: Vozes, 6. ed. 2011.

BARBOSA, M. E. J.; LIMA, J. L. F. História, imprensa e redes de comunicação. *História & Perspectivas*, v. 39, p. 37-57, 2008.

BARBOSA, Marta Emilia Jacinto. *Famintos do Ceará*: imprensa e fotografia entre o final do século XIX e início do século XX. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, 2004.

BARBOSA, Marta Emilia Jacinto. Sobre História: imprensa e memória. In: MACIEL, L. A.; ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A. (Org.). *Outras histórias*: memórias e linguagens. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

BARRETTA, Leonardo Medeiros; CERVI, Emerson Urizzi. Contra agendamento: evoluindo na hipótese do agenda-setting. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 13, 2012, Chapecó. *Anais...* Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-1706-1.pdf>>. Acesso em: nov. 2012.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I*: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Obras Escolhidas II*: rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 5. ed. 1995.

BESSA, K. C. F. O.; SOARES, B. R. O significado da especulação imobiliária no espaço urbano de Uberlândia-MG. *História e Perspectivas*, Uberlândia, v. 16/17, jan./dez. 1999. p. 121-148.

BUCCI, E.; KHEL, M. R. *Videologias*: ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004.

BUCCI, Eugênio. *A imprensa e o dever da liberdade*: a independência editorial e suas fronteiras com a indústria do entretenimento, as fontes, os governos, os corporativismos, o poder econômico e as ONGS. São Paulo: Contexto, 2009.

CABRAL FILHO, Adilson Vaz. *Rompendo as Fronteiras*: a comunicação das Ongs no Brasil. Rio de Janeiro: ACHIAMÉ, 1996.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros*: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34: Edusp, 2000.

CERTEAU, Michel de. Uma Escrita. In: *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982, p. 93-119.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez Lições Sobre Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo, 2. ed. 2008.

CHALHOUB, Sidney. Zadig e a História. In: *Visões da Liberdade*: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 13-28.

CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e poder*: uma análise da mídia. São Paulo: Fundação PERSEU ABRAMO, 2006.

COUTINHO, Eduardo Granja (Org.). *Comunicação e contra-hegemonia*: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

CRUZ, H. F; PEIXOTO, M. R. C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. In: *Projeto História*. São Paulo, n. 35, dez. 2007.

CRUZ, Heloisa de Faria et al. Introdução. In: ALMEIDA Paulo Roberto de; MACIEL, Laura Antunes; KHOURY, Yara Aun (Orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho D'Água, 2006, p. 9-21.

CRUZ, Heloísa de Faria. No avesso das comemorações: memória, historiografia e o bicentenário da imprensa. *História & Perspectivas*, v. 39, Uberlândia: jul./dez. 2008.

CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: Educ: Fapesp, 2000.

_____. *Trabalhadores em serviços: dominação e resistência (São Paulo – 1900/1920)*. São Paulo: Marco Zero, 1991.

FENELON, Déa Ribeiro et al. *Muitas Memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2004

_____. (Org.). *Cidades*. São Paulo: Olho D' Água, 1999.

FENELON, Déa Ribeiro. A formação do profissional de história e a realidade do ensino. *Tempos Históricos*. v. 12, jan./jul. 2008.

_____. O historiador e a Cultura Popular: história de classe ou história do povo? In: *História e Perspectiva*, n. 6, 1992, Uberlândia: Edufu, jan./jun. 2009.

FREITAS, Sheille Soares de. *Por falar em culturas... histórias que marcam a cidade:Uberlândia-MG*. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2009.

CASTRO, Cosette (Coord.). FUNDAÇÃO PADRE URBANO THIESEN. *Cartografia Audiovisual Brasileira de 2005: um estudo quali-quantitativo de TV e cinema*. Relatório de Pesquisa CPqD, 2006.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*: São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

GRUPO MEMÓRIA POPULAR. Memória popular: teoria, política e método. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2004. p. 282-295.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: _____. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 248-264.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. *Muitas Memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2004, p. 116-138.

LEFEBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

_____. *O Direito à Cidade*. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. 2 ed. Campinas; São Paulo: Editora da Unicamp; UFS, 2007.

MACIEL, L. A.; ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A. (Org.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

MALERBA, Jurandir. *A História na América Latina: ensaio de crítica historiográfica*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

MARICATO, Erminia. *Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana*. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

MARIANO, Reginaldo Silva. *A imprensa e os aspectos gerados pelo progresso na cidade de Uberlândia (1982-2010)*. Monografia (Bacharelado e Licenciatura) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História. 2011

MARTIN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 5. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MENDONÇA, Leandro Climaco. *Nas Margens: experiência de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro, 1880-1920*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2011.

MENEZES, José Eugênio de Oliveira. *Rádio e cidade: vínculos sonoros*. São Paulo: Annablume, 2007.

NASCIMENTO, Clarissa Staffa. *“Além da imagem” experiências e memórias populares através da TV Maxambomba*. Dissertação (Mestrado de História) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2009.

PETUBA, Rosângela. Uma cidade, muitas histórias: trajetórias de vida dos trabalhadores ocupantes de terra do Bairro Dom Almir, Uberlândia (1990-2000). *História e Perspectivas*, Uberlândia, v. 27/28, jul./dez. 2002, jan./jun. 2003, p. 357-378.

REIS, Maucia Vieira dos. *Entre viver e morar: experiências dos moradores de Conjuntos Habitacionais (Uberlândia - anos 1980/1990)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2003.

ROMERO, Mariza. *Inúteis e perigosos: o “Diário da noite” e a representação das classes populares - São Paulo 1950-1960*. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo. 2008.

ROSA, Amanda Marques. *Memórias, histórias, movimentos sociais: mobilização, comunicação e projeto de luta.* (Uberlândia-MG, anos 1980). Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

SANTOS, Carlos Meneses S. *Ser trabalhador na cidade: relações de classe em Uberlândia: fins do século XX e início do século XXI.* Dissertação (Mestrado de História Social) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

SANTOS, Carlos Meneses Sousa. *Insatisfação popular e democracia participativa na Uberlândia dos anos de 1980: experiências de moradores do Bairro Nossa Senhora das Graças.* Monografia (Especialização em História) – Universidade Federal de Uberlândia), Uberlândia, 2006.

SARLO, Beatriz. A Democracia midiática e seus limites. In: _____. *Paisagens imaginárias. Intelectuais, arte e meios de comunicação.* São Paulo: Edusp, 2005.

_____. *Cenas Da Vida Pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina.* 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

SILVA, Letícia Siabra da. *Cidade e Meios de Comunicação: Uberlândia no início do século XXI.* Monografia (Bacharelado e Licenciatura) – Curso de Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, 2010.

SILVA, R. H. A. et al. Dispositivos de memória e narrativas do espaço urbano: cartografias flutuantes no tempo e espaço. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação E-Compós,* Brasília, v. 11, n. 1, jan./abr. 2008, p. 1-17. Disponível em: <<http://e-compos.org.br>>. Acesso em: jun. 2011.

SILVA, R. H. A. et al. Redes culturais em territórios urbanos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2005, CD-ROM.

SILVA, Regina helena Alves da. Cartografias Urbanas: lugares, espaços e fluxos comunicativos. In: ENECULT – ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 4, 2008. Disponível em: <<http://www.cultu.ufba.br/ene cult2008/14401-02.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2012.

SUBCOMANDANTE MARCOS. Subcomandante Marcos: da cultura *underground* à cultura de resistência. *Projeto História*. São Paulo, n. 22, p. 277-285, jun. 2001.

THOMPSOM, E. P. *A Miséria da Teoria*: ou um planetário de erros (uma crítica ao pensamento de Althusser). Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

THOMPSON, E. P. Exploração. In: _____. *A formação da classe operária inglesa*. 2. ed. v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

THOMPSON, E. P. Padrões e experiências. In: _____. *A formação da classe operária inglesa*. 2. ed. v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1988. p. 179-224.

VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira. Cultura e memória: notas sobre a construção da lógica histórica na pesquisa audiovisual de História Oral. In: MACIEL, L; ALMEIDA, P. R; KHOURY, Y. A. (Orgs.). *Outras histórias*: memórias e linguagens. São Paulo: Olho d'Água, 2006, p. 218-238.

WILLIAMS, Raymond. A imprensa e a cultura popular: uma perspectiva histórica. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, dez. 2007.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1979.

_____. *Palavras-chave*: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.